

**AS EMOÇÕES DAS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA  
E A RESSIGNIFICAÇÃO DO PAPEL FEMININO**

**RENATA LAUDARES SILVA**

*Dissertação apresentada ao  
Instituto de Biociências do Campus  
de Rio Claro, Universidade Estadual  
Paulista, como parte dos requisitos  
para a obtenção do Título de Mestre  
em Ciências da Motricidade – Área:  
Pedagogia da Motricidade Humana.*

**RIO CLARO  
ESTADO DE SÃO PAULO - BRASIL**  
Fevereiro/ 2004

**AS EMOÇÕES DAS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA  
E A RESSIGNIFICAÇÃO DO PAPEL FEMININO**

**Renata Laudares Silva**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gisele Maria Schwartz**

*Dissertação apresentada ao  
Instituto de Biociências do Campus  
de Rio Claro, Universidade Estadual  
Paulista, como parte dos requisitos  
para a obtenção do Título de Mestre  
em Ciências da Motricidade – Área:  
Pedagogia da Motricidade Humana.*

**Rio Claro**  
Estado de São Paulo - Brasil  
Fevereiro/ 2004

S586e Silva, Renata Laudares  
As emoções das atividades físicas de aventura na natureza e a ressignificação do papel feminino/ Renata Laudares Silva. -- Rio Claro, 2004  
189 p. : tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro  
Orientadora: Gisele Maria Schwartz

Atividades físicas de aventura. 2. Gênero. 3. Papel social.  
4. Lazer. 5. Mulheres Aspectos sociológicos. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Dedico este trabalho aos meus pais, **Luiz** e **Luzia**, por tudo o que fizeram por mim. Nos momentos difíceis, como também, nos momentos de felicidade, via neles meu porto seguro, onde sempre pude encontrar carinho, amor, apoio e conforto.

Dedico este trabalho ao meu grande amor **Beco**, que sempre esteve ao meu lado, me dando forças para enfrentar os momentos delicados, tanto no campo profissional quanto pessoal. Obrigado por fazer parte da minha vida e da concretização desse sonho. Te amo muito!!

## AGRADECIMENTOS

Essa é a melhor parte, os agradecimentos, porém, torna-se uma tarefa complicada, pois, corre-se o risco de esquecer de pessoas que, de alguma maneira, contribuíram para a concretização desse trabalho. Prometo me esforçar para não esquecer de ninguém. Mas, fica aqui, meu “MUITO OBRIGADO” a todos as pessoas que, de maneira direta ou indireta, mergulharam junto comigo nessa aventura.

Começo a minha lista agradecendo a Deus, sem ele nada disso teria se concretizado, por me dar saúde, conforto, principalmente nos momentos de indecisão e incerteza, onde buscava em Deus uma luz para conduzir-me às ações mais certas.

Agradeço a Deus por ter me concedido a honra de ter uma família como a minha, que sempre me incentivou a buscar meus objetivos, obrigada pelo apoio, pela compreensão, pela confiança e pelo carinho que em mim depositaram. Sou eternamente grata a todos vocês.

Um agradecimento especial à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gisele Maria Schwartz, uma pessoa que, desde o primeiro instante dessa jornada, sempre me incentivou, me apoiou e me orientou para que eu pudesse conduzir da melhor forma possível esse estudo. Não a considero somente uma orientadora, mas uma grande amiga que pude, ao longo desses 06 anos, ter ao meu lado. Muito obrigada por tudo.

Agradeço também, os professores Afonso Antônio Machado e Ludmila Mourão, os quais sempre demonstraram disponíveis a colaborar com esta pesquisa.

Um muito obrigada, a todos os meus amigos e amigas que sempre estiveram de braços abertos a me ajudar, quer seja de maneira virtual ou real, amigos próximos ou amigos distantes, mas “amigos”. Sou eternamente grata a Deus por ter vocês ao meu lado.

Gostaria de agradecer ao LEL – Laboratório de Estudos do Lazer e a todos os integrantes do mesmo pelo apoio, pelo carinho e pelas oportunidades de compartilhar experiências, idéias e pesquisas acadêmicas.

Agradeço a todas as mulheres que praticam AFAN e que me ajudaram nessa pesquisa, fazendo parte da minha amostra. Graças a vocês pude concluir meu trabalho e trazer ao conhecimento de toda a sociedade a capacidade feminina em vencer e superar desafios.

Um agradecimento especial ao CNPq, órgão este que financiou a presente pesquisa e, graças a esse recurso, pude concluir este estudo.

Agradeço também, à empresa Mata'dentro, situada na cidade de Brotas/SP, pelo apoio e pelas informações valiosas acerca da presença feminina nos esportes de aventura, muito obrigada.

## RESUMO

Este estudo, de natureza qualitativa, teve como objetivo averiguar as possíveis relações da crescente participação feminina em atividades físicas de aventura na natureza e o redimensionamento de seu papel na sociedade. O estudo foi desenvolvido em duas fases. A primeira constou de uma revisão de literatura sobre as temáticas em questão e a segunda, de uma pesquisa exploratória, utilizando-se uma entrevista estruturada, como instrumento para a coleta dos dados. A população alvo do estudo foi composta de uma amostra de 30 mulheres, praticantes freqüentes de atividades físicas de aventura na natureza. Para a interpretação dos resultados foi utilizada a Técnica de Análise de Conteúdo Temático, estabelecendo-se os quatro indicadores: *motivos de aderência à prática de AFAN pela população feminina; relação prática de atividades e o papel feminino; dificuldades e barreiras percebidas pelas mulheres na prática de AFAN e a ressonância das práticas das AFAN no papel social feminino*. Ao fazer relação aos motivos de aderência, estes se concentram na possibilidade de estar em contato com a natureza, na capacidade regeneradora das tensões e estresses cotidianos e a aquisição de novas experiências entre outros. Acerca da relação prática de AFAN e o papel feminino, a maior parte das entrevistadas alegaram a existência dessa relação e suas justificativas se concentram no aumento da força, da coragem, da determinação, da resistência e da disposição na superação de desafios e obstáculos, competência e garra em determinados momentos das diversas vivências, despertar para os valores preservacionistas, como também, ruptura do mito “sexo frágil”, que há tempos está impregnado ao público feminino. Quanto à percepção de dificuldades e barreiras referentes à prática de AFAN, a maior parte das entrevistadas apontou a não existência desses fatos, alegando a existência de apoio por parte da população masculina, de amigos e familiares. Alguns outros elementos como a força e o condicionamento físico, podem se tornar aliados no que tange à facilitar a prática dessas atividades, segundo algumas entrevistadas, porém,

não podem ser considerados fatores limitantes à prática, visto que outros aspectos são relevantes, no caso, os de ordem psicológica, como maior controle das emoções e tomadas rápidas de ações, tornam-se elementos importantes na experimentação dessas práticas na natureza. Quanto às possíveis reverberações das AFAN no cotidiano das praticantes e nas possíveis mudanças acerca de seu papel social, pode-se perceber, nas falas das entrevistadas, que os benefícios fazem relação aos aspectos psicológicos, sociais, profissionais e pessoais. Conclui-se com esses dados que, as AFAN contribuíram de maneira efetiva, segundo o olhar das entrevistadas, para um maior engajamento na sociedade, nos níveis social, assim como profissional e pessoal na sociedade. Essas atividades na natureza firmaram os valores e as atitudes femininas frente às mais diversas situações e as tornaram mais confiantes quanto as suas ações. Essas práticas são entendidas, por essas mulheres, como uma realização pessoal, que vai além do pensamento pequeno de ser encarada como mais um espaço ocupado por elas ou mesmo mais uma tentativa de se igualar ao público masculino. Estas sempre buscaram liberdade, satisfação pessoal e prazer e, nestas vivências junto ao meio ambiente natural, puderam realizar essas vontades e anseios. O estudo constatou que a ressignificação é uma via de mão dupla, uma vez que tanto as mudanças sociais interferiram sobremaneira na adesão a estas práticas, quanto estas reverberaram em alterações na prática social, nos mais diversos aspectos.

UNITERMOS: Atividades físicas de aventura na natureza, lazer, papel social da mulher, ressignificação feminina e Internet.

## SUMÁRIO

|                                                                                       | Páginas |
|---------------------------------------------------------------------------------------|---------|
| OFERECIMENTO .....                                                                    | i       |
| DEDICATÓRIA .....                                                                     | ii      |
| AGRADECIMENTOS .....                                                                  | iii     |
| RESUMO .....                                                                          | v       |
| I. INTRODUÇÃO .....                                                                   | 1       |
| II. REVISÃO DE LITERATURA .....                                                       | 5       |
| 2.1. Um olhar histórico sobre o papel das mulheres no Brasil – Valores e condutas ... | 5       |
| 2.2. A mulher e o movimento feminista .....                                           | 14      |
| 2.3. A mulher e suas conquistas .....                                                 | 20      |
| 2.4. A mulher e seu reequadramento no século XXI .....                                | 27      |
| 2.5. A figura feminina inserida nos contextos do esporte e do lazer .....             | 34      |
| 2.5.1 O esporte e a presença feminina .....                                           | 34      |
| 2.5.2 O lazer e a participação feminina .....                                         | 44      |
| 2.5.2.1 As atividades físicas de aventura na natureza no âmbito do lazer .....        | 49      |
| 2.5.2.2 As atividades físicas de aventura na natureza e a participação feminina ..... | 58      |
| III. MATERIAL E MÉTODO .....                                                          | 65      |
| Objetivo .....                                                                        | 65      |
| 3.1. Natureza da pesquisa .....                                                       | 65      |
| 3.2. Instrumento .....                                                                | 67      |
| 3.3. Sujeitos .....                                                                   | 68      |
| 3.4. Coleta dos dados .....                                                           | 69      |
| 3.5. Análise dos dados .....                                                          | 71      |
| IV. ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS .....                                         | 73      |
| 4.1. Motivos de aderência à prática de AFAN pela população feminina .....             | 76      |
| 4.2. Relação prática das AFAN e o papel feminino .....                                | 88      |
| 4.3. Dificuldades e barreiras percebidas pelas mulheres na prática das AFAN .....     | 99      |

|                                                                         |     |
|-------------------------------------------------------------------------|-----|
| 4.4. A ressonância das práticas das AFAN no papel social feminino ..... | 115 |
| V. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                           | 133 |
| VI. REFERÊNCIAS .....                                                   | 141 |
| ABSTRACT .....                                                          | 159 |
| APÊNDICE I .....                                                        | 161 |
| APÊNDICE II .....                                                       | 162 |
| APÊNDICE III .....                                                      | 164 |

## **I – INTRODUÇÃO**

Nos últimos anos pode-se perceber um grande interesse nas temáticas que permeiam as questões que envolvem a participação da mulher no mundo esportivo.

Para este estudo, o foco centrou-se na participação feminina em atividades físicas de aventura na natureza, práticas estas que permeiam os conteúdos esportivos do lazer, deixando em segundo plano o aspecto competitivo.

Sabe-se que é tarefa difícil e complicada a compreensão das discussões que permeiam o universo feminino e suas relações com as práticas físicas no âmbito do lazer.

Vários são os motivos que dificultam esse entendimento, visto que as barreiras se mostram unidas aos valores morais e éticos que permeiam a sociedade, contribuindo, muitas vezes, para a edificação e perpetuação de modelos ditos “machistas”.

Este estudo procurou evidenciar, na visão da própria mulher, se existe e de que maneira se processam as possíveis alterações no universo feminino, com a prática dessas atividades e se a mulher vem mudando os conceitos, superando os paradigmas e mostrando suas verdadeiras capacidades e habilidades, fazendo valer suas características humanas e demonstrando suas potencialidades nos universos social e esportivo, especialmente no que concerne ao seu envolvimento no contexto do lazer atual.

Situar a posição da mulher frente à participação em atividades as quais, até então, eram de cunho masculino, torna-se algo complexo, pois a visão da sociedade acerca de valores e papéis que elas deveriam assumir é fixada desde tempos remotos.

Muitos autores têm dedicado atenção para desvendar os inúmeros aspectos das relações de gênero, tendo em vista que isto pode colaborar no sentido de ampliar conceitos e alterar atitudes, especialmente no que se refere à participação feminina na sociedade.

A necessidade de se focalizar a atenção nas questões de gênero deveu-se à amplitude de suas concepções e os elementos que o envolvem, como a sexualidade, o poder e os valores, que permeiam as relações discriminatórias masculino-feminino, dentre outras.

Para penetrar neste universo da evolução do papel feminino na sociedade, foi preciso resgatar as principais descobertas e aspirações, como também, evidenciar as barreiras encontradas ao longo deste processo, assim como as diversas formas de transposição das mesmas, evidenciando-se as conquistas ao longo de sua trajetória rumo ao reconhecimento de seus direitos, da igualdade de oportunidades e da mudança de estilo de vida.

Portanto, este estudo, de natureza qualitativa, objetivou averiguar as possíveis relações da crescente participação feminina em atividades físicas de aventura na natureza (AFAN) e o redimensionamento de seu papel na sociedade, na visão das próprias mulheres envolvidas com estas atividades.

## **1.1 Problema**

No que se refere à participação feminina no âmbito do lazer, especialmente nas vivências de atividades físicas de aventura junto à natureza, muito se tem que pesquisar, ainda, para que se possam compreender os avanços sociais que a própria mulher se permite.

Este tipo de atividade teve, por muito tempo, uma caracterização masculinizada, devido aos elementos força, coragem e agressividade que permeavam essas práticas, tornando-as especialmente designadas como inadequadas para a população feminina.

As pesquisas relacionadas a esta temática vêm timidamente crescendo atualmente, no entanto, ainda muito se tem que refletir sobre a participação feminina no universo das atividades físicas no âmbito do lazer, para que se possa compreender a amplitude das relações de gênero que permeiam tais atividades.

Partindo desta problemática, muitas inquietações ficaram evidentes, quais sejam:

1- Como a mulher concebe sua participação nas atividades de lazer em contato com a natureza?

2- Qual a visão das mulheres sobre a participação nas atividades físicas em contato com a natureza, como representação de uma possível ressignificação social feminina?

## **1.2 Justificativa**

A mulher sempre foi direcionada à prática de atividades que não exigiam grandes esforços físicos, outros elementos eram valorizados, como a fragilidade, a

sensibilidade e a delicadeza. No entanto, pode-se perceber, nos dias atuais, uma crescente busca pelas práticas que, até então, eram consideradas apropriadas aos padrões masculinos.

Outro ponto a ser considerado é a problemática que envolve a situação feminina frente ao contexto histórico das relações sociais, onde a mulher, ao conquistar espaços nos meios profissional, social e cultural avançou em direção a sua liberdade, a sua cidadania e a sua independência. Em decorrência disso, em todos os setores da vida, pode-se perceber uma verdadeira revolução, inclusive no âmbito do lazer, justificando a inquietação sobre a percepção feminina a respeito das possíveis relações destas práticas com mudanças no papel social.

## **II – REVISÃO DE LITERATURA**

O papel da mulher, nos seus variados aspectos, tem sido abordado com certa frequência nos meios acadêmicos. Ultimamente, nota-se um grande interesse em focalizá-la associada ao meio esportivo e suas representações. Para se ter um melhor entendimento acerca das mudanças ocorridas no papel social da mulher atual, foi necessário traçar um breve histórico sobre as suas funções e representações na sociedade brasileira, para que se conseguisse estabelecer uma análise objetiva da realidade dos valores e normas que permeiam, atualmente, os vários contextos sociais.

### **2.1 Um olhar histórico sobre o papel das mulheres no Brasil – Valores e condutas**

Ao iniciar essa discussão torna-se necessário enfatizar que as fontes bibliográficas que abordam o histórico da mulher e seu papel social no Brasil não são tão simples de se encontrar. Nota-se, ainda, uma carência de estudos que discorram especificamente sobre a participação feminina no contexto do lazer, porém, focalizando-a de maneira geral, relacionada a outras temáticas, nota-se maior produção de trabalhos

científicos, com temáticas associadas à performance, à aptidão física, à nutrição, à fisiologia, entre outros.

Um estudo realizado sobre mulher no Brasil e que pode ser considerado como o retrato dos 500 anos da mulher brasileira é o trabalho de DEL PRIORE & BASSANAEZI (1997), no qual os autores, por meio de uma coletânea de pesquisas realizadas por diversos outros autores e autoras, conseguiram levantar dados tidos como inexistentes, até então, pelas pesquisas recentes.

Esta obra nos mostra as vitórias e as derrotas das mulheres, como também se propõe a derrubar mitos, encorajar debates e análises, estimulando a reflexão com base nos fatos apresentados. Os diversos textos inéditos, escritos pelos historiadores enfocam a mulher na história brasileira, da colônia aos tempos atuais. Trata-se de um estudo aprofundado deste tema no Brasil, o qual se tornou uma fonte imprescindível para quem procura entender e compreender a história da mulher no Brasil.

Voltando um pouco no tempo, lá na pré-história, pode-se averiguar segundo MASSUCATO & HATA (1989) que a sociedade já expunha a desigualdade entre os sexos. As posições e tarefas eram bem delineadas. A mulher possuía a tarefa de coletar frutos, entre outros afazeres. Ao homem, restavam atividades e serviços mais pesados, como a caça.

Com o passar do tempo, esses pontos-chave de divisão de tarefas não se alteraram muito. Os papéis sociais desempenhados pelas mulheres ainda se restringiam ao ambiente doméstico. Para DaCOSTA (1985) a educação dada a elas as preparavam para administrar a casa e criar os filhos e estas eram desestimuladas e privadas de brincadeiras e atividades que possuíssem características agressivas e que exigissem esforço físico em

excesso, sendo que isto parece ocorrer, ainda, nos tempos atuais, conforme evidenciam TEIXEIRA & MYOTIN (2001). Segundo os autores, estes tipos de atividades são largamente oferecidos aos meninos e, com isso, se perde uma enorme oportunidade de se alcançar um desenvolvimento pleno de potencialidades e habilidades femininas, interferindo, inclusive no futuro envolvimento nos âmbitos esportivo e do lazer.

Neste sentido, a mulher tende a ter seu papel social restrito a sua identidade biológica de “fêmea”, tendo em vista os valores preestabelecidos por uma sociedade que cultiva hábitos e costumes carregados de preconceito. Pode-se evidenciar esse fato, na fala de LIPOVETSKY (2000:68), quando o autor relata que

(...) é através da sexualidade que se exerce o poder do masculino sobre o feminino (...). As leis, as representações, a moral, a psicologia, os papéis relativos à sexualidade, tudo converge para assegurar a supremacia viril e a subordinação das mulheres.

Segundo BARDWICK (apud GREVE, 1984), por um longo período da história feminina, a mulher se sujeitou a dois papéis sociais: doméstica e mãe. Os outros papéis cabiam aos homens. Subentende-se, dessa maneira, que a população feminina, acaba por ser vista com as seguintes características estereotípicas: passiva, protetora, frágil, dependente, não agressiva, intuitiva, receptiva, elementos estes carregados de valores culturais.

Em seus estudos, GREVE (1984) nos mostra, talvez com um olhar um pouco ultrapassado, devido ao fato da época em que a pesquisa foi realizada, que as mulheres sempre admitiram estes valores e, até então, nunca se preocuparam em contestá-los. Estas, segundo a autora, sempre acharam que não eram essenciais. Mas, não se pode generalizar

essas características, visto que tivemos mulheres brilhantes que fizeram diferença na história da mulher brasileira, tanto na área política como na esportiva.

A cidadania feminina sempre fora negada à mulher, estas eram tidas como sujeitos pertencentes ao âmbito familiar e, como tais, ficavam à parte da esfera exterior, a qual pertencia ao público masculino. CASTELLS (1999:207), nos mostra essa conflituosa situação relacionada à conquista da cidadania pela mulher, quando evidencia que “(...) *a família, que é o âmbito primário da reprodução social também como reprodução das desigualdades, constitui uma questão problemática para as teorias da cidadania*”.

LIPOVETSKY (2000:24), também prestou sua colaboração acerca desse dilema feminino, alegando que a “*ideologia do amor*” contribuiu para o confinamento da mulher ao âmbito privado e que isto, segundo o autor, “(...) *contribuiu para a reprodução da representação social da mulher naturalmente dependente do homem, incapaz de ser dona de si*”.

Esse motivo, entre outros, representou uma das causas da impossibilidade das mulheres exercerem a cidadania, sendo encaradas como responsáveis pelo meio doméstico, casamento, criação e educação dos filhos, não tendo nenhum tipo de renda, ficando, desta forma, dependentes dos homens (maridos), conforme salienta SARACENO (1998).

A função social exercida e os valores culturais transmitidos são os definidores da identidade feminina. Esta função é identificada por compromisso e responsabilidade e juntos reproduzem e dão significado existencial à vida. O compromisso faz a ligação com a realidade e parece garantir a identidade feminina, que sempre fora abordada a partir de um ideal estereotipado de maternidade e esposa.

Desta forma, entende-se que, desde o momento em que desperta para a vida, a mulher já vem acrescida de valores e condutas que a seguirão até uma fase mais tardia. Estas são encaminhadas a desenvolver e a desempenhar papéis sociais, que possuem suas bases em propostas educativas, advindas de valores hereditários ou culturais, fazendo com que estas se direcionem às atividades cabíveis a seu sexo. Então, meninas são encaminhadas às tarefas de cunho feminino e os meninos às tarefas que envolvam características masculinas.

Ao fazer referência acerca da aspiração do papel social, BELOTTI (1985:08) relata que “(...) *o objetivo da identificação de uma criança com o sexo para o qual a designaram é conseguido com bastante rapidez e não existem elementos para deduzir que este complexo fenômeno tenha raízes biológicas*”.

Portanto, o papel sexual pode ser entendido como a expressão de uma determinada cultura, podendo sofrer variações de sociedade para sociedade e em tempos distintos.

ROMERO (1994) relata que cada cultura, com sua lógica interna fica à espera de que, tanto a população masculina quanto a feminina, de posse de seus papéis sexuais, exerçam comportamentos diferentes. Esses indivíduos seguem conceitos e regras ditados, muitas vezes, pela família, pela escola e pela igreja. As separações de grupos nas atividades vivenciadas no cotidiano refletem como a sociedade, em um tempo anterior ao atual, ditava comportamentos para meninas e meninos, contribuindo ainda mais para a perpetuação de estigmas.

Corroborando com a idéia central da autora acima citada, sabe-se que, em algumas sociedades, ainda se mantém esse ritual, que diz respeito à passagem de valores

e juízos, seguindo uma lógica hierárquica de saberes. Ou seja, o conhecimento advindo do mais velho é passado ao mais novo e, com isso, nada é alterado, no que concerne às mudanças e evoluções de conceitos, regras e normas.

Dessa maneira, os valores inclusos nas esferas biológica, cultural e religiosa da sociedade seguem um caminho direcionado ao prolongamento de comportamentos diferentes para cada sexo, estabelecendo padrões de desempenho adequados para cada pessoa (PIKUNAS, 1987).

Pode-se perceber nitidamente esses valores, pelo modo como as pessoas se comportam e a forma como externam seus comportamentos. Em alguns setores da nossa sociedade é visível a maior participação do público masculino, como nos setores político e o social, os quais são, ainda, locais onde se encontra maior aglomeração de homens em relação ao público feminino. Isso demonstra como a família e a sociedade em geral, tendo suas bases enraizadas no regime patriarcal, contribuem na perpetuação de moldes sexualmente tipificados.

Quanto a estes moldes, são notáveis, ainda, as diferenças relativas aos afazeres das crianças, que podem ser visualizados também em atividades infantis. Os tipos de brincadeiras desenvolvidas por estas crianças também deixavam à mostra papéis a serem representados em uma fase mais tardia. As meninas brincavam de casinha, brincadeira esta que atribui conotações e estereótipos com características de sua sexualidade e que, numa fase mais futura, poderá exercer na vida real, como casar, ter filhos, cuidar do lar, assumindo responsabilidades dentro de um convívio doméstico. Já os meninos, desde cedo, são incentivados a assumirem posições de homens adultos. Estes não podem demonstrar medo, fragilidade e muito menos chorar, suas brincadeiras como polícia e ladrão, detetive,

soldados e super-heróis denotam as características acima citadas. Estes devem mostrar coragem e agressividade.

ROMERO (1994:229), discorrendo sobre esta temática relacionada com as diferenças entre papéis sexuais socialmente aceitos, relata que:

A título de comparação, observa-se comumente que os meninos são completamente livres e libertos. Jogam bola nas ruas, escalam muros, arremessam pedras, andam livremente de bicicleta, sobem em árvores e desenvolvem outras atividades que lhes favorecem o desenvolvimento da motricidade ampla. Essa conduta tem total anuência dos pais, vizinhos e amigos. Por outro lado, as meninas, de um modo geral, são decididamente desencorajadas a, até mesmo proibidas de praticarem essas brincadeiras e atividades. Ao serem incentivadas a costurar, pintar, auxiliar a mãe nas tarefas domésticas e a desenvolver outras atividades "tipicamente femininas", desenvolvem, como consequência, a motricidade fina.

Ao se apontar às diversas correntes de análise destas diferenças entre sexos, pode-se notar, no âmbito biológico, alguns autores que evidenciam tais pontos. STAREPRAVO & REIS (2002), pesquisando sobre as diferenças das habilidades motoras entre sexos salientam que esse fato pode ser percebido em determinadas situações, onde a caracterização de menor habilidade feminina pode ser devida a várias instâncias, dentre elas, ao processo cultural de cada sociedade, como também ao contexto familiar. A família, responsável também por esse incentivo, ao invés de encaminhar as meninas para maior participação em atividades, brincadeiras, jogos que exijam mais habilidade, prendem-se a valores preconceituosos e as exclui destas atividades, as quais poderiam favorecer um aumento em suas habilidades motoras.

Ainda quanto a estas diferenças ligadas ao sexo, no que tange à influência no desempenho de atividades físicas e esportivas em nível fisiológico, percebe-se que estas são

devidas à constituição genética e suas funções orgânicas. Os homens possuem uma vantagem sobre as mulheres, no que se refere à maioria dos elementos que constituem o corpo humano e que o colocam em movimento, no entanto, as mulheres possuem a densidade dos tecidos menor, os ligamentos e músculos são mais elásticos e flexíveis, além de disporem, na maioria das articulações, de maior amplitude de movimento (WEINECK, 1991).

Em algumas atividades nota-se um desempenho físico inferior ao homem, principalmente devido à menor quantidade de massa muscular, mas, em seus estudos, WEINECK, (1991) relata outras capacidades em que a mulher se sobressai ao homem e outras, ainda, como a capacidade feminina em aprender novos movimentos e habilidades motoras, as quais não diferem da masculina. Portanto, a mulher pode praticar qualquer modalidade esportiva.

Acerca dessas diferenças percebidas entre homens e mulheres, evidenciando-se agora o nível psicológico, GILL (1986), pesquisadora sobre psicologia do esporte, nos mostra, em seu estudo, que as diferenças de gênero, não são tão evidentes assim a ponto de serem solidificadas e cristalizadas para um determinado sexo. Para esta autora, a compreensão sobre os aspectos psicológicos relacionados, por exemplo, com as atitudes, a agressividade e a competitividade é bastante ampliada, uma vez que estas características são da personalidade tanto de homens quanto de mulheres. A autora nos mostra que, em determinados esportes, as atitudes agressivas foram catalogadas na população feminina e atitudes menos agressivas foram expressas pela população masculina. Portanto, nota-se aqui um importante dado, no que tange a não cristalização de padrões de comportamento, que ao longo do tempo, foram solidificados pela sociedade.

No que tange aos níveis antropológicos, autores como DAÓLIO (1995) prestam sua colaboração com estudos evidenciando a discussão acerca da educação sexual diferenciada que homens e mulheres recebem no decorrer de suas infâncias, no período escolar, salientando que este tipo de educação poderá influenciar na maior aquisição de habilidade em um determinado sexo que em outro.

Focalizando a área de motricidade humana, alguns pesquisadores que apontam para as discussões acerca das possibilidades de alterações de concepção sexista, evidenciam a importância de se trabalhar esses valores, essas condutas por parte dos profissionais diretamente envolvidos nestas práticas, como é o caso de professores de educação física e de outras áreas afins, que estão imbuídos desta valiosa disseminação de conhecimentos e saberes. Estes, de posse de atitudes e posturas não preconceituosas e sim inclusivas, contribuirão e muito na redefinição e nesta passagem de valores, conforme salientam SILVA & SCHWARTZ (2001).

Sobre este argumento, ROMERO (1995), em seus estudos, evidencia que, não agindo desta forma, estar-se-á contribuindo ainda mais para a exclusão feminina em todos os âmbitos sociais, privando a mulher de seus reais valores e direitos.

FARIA (2002) alerta para um possível sexismo existente, especialmente ou inclusive, na área esportiva. Segundo a autora, na avaliação de atividades que envolvem a aptidão física, encontram-se vários elementos que permeiam as questões de gênero que, relacionados ao esporte, lhes dão conotações negativas. Para a autora, principalmente no meio esportivo, há a predominância de alguns valores em detrimento de outros, como o individualismo, a seleção e a exclusão. Mas, não se pode ter essa visão do esporte ou qualquer outra atividade física. É necessário trabalhar questões que possam incluir, de todas

as formas possíveis, o homem e a mulher, de maneira igualitária na sociedade e em qualquer outro segmento social.

Mas, antes da mulher chegar a este contexto social aqui apresentado, esta teve que extrapolar um pouco a sua condição de mulher submissa e frágil e sair à luta para conquistar seus direitos e assumir sua identidade feminina, livre de quaisquer outros estereótipos. Segundo MOSSE (1998), evidenciando um aspecto social desta abordagem, cansadas de serem vistas como seres inferiores, as mulheres desafiaram a oposição social dos homens, em busca da igualdade e de independência, conforme se percebe, ao penetrar na evolução dos movimentos feministas, ao longo da história.

## **2.2 A mulher e o movimento feminista**

A mulher, ao longo de sua existência, enquanto membro de uma sociedade, sempre buscou afirmar sua identidade, na tentativa de redimensionar sua estrutura social, no intuito de conquistar, por meio de seus esforços, um espaço junto aos homens.

Com a saída das mulheres do anonimato para a esfera pública, promovida pelos diversos movimentos, sendo o mais importante o movimento feminista, fez-se valer a igualdade, a redefinição dos papéis sociais e, como se não bastasse, o avanço em direção à conquista da cidadania e de seus direitos, fortalecendo, dessa maneira, uma visão da mulher, para além de “fêmea”.

São notáveis os ganhos femininos nos diversos âmbitos da sociedade brasileira, porém não se pode negar que um dos principais fatos ocorridos no século XIX foi a conquista do direito ao voto. Segundo RIBEIRO (2003), na América Latina, um dos primeiros países a conceder esse direito à população feminina foi o Equador, em 1929. O

Brasil, segundo o referido autor, ia ser o primeiro país no mundo a conceder o direito de votar à mulher, além do fato do movimento pelo voto partir de um homem, diferente dos outros países, isso por volta de 1890. Porém, isto só não ocorreu porque, durante a elaboração da constituição republicana, muitos políticos votaram contra a aprovação da lei. Assim, segundo o autor, o Brasil desperdiçou a chance de ser reconhecido mundialmente como o primeiro país a conceder o direito do voto à população feminina, sendo que a Nova Zelândia teria concedido o direito de voto às mulheres em 1893.

Em 1928, o Rio Grande do Norte fora o primeiro estado brasileiro a apostar na força feminina e a garantir seu direito de voto, ao criar um projeto de lei que garantiu a participação efetiva da mulher no cenário da política brasileira.

Dentre as ilustres brasileiras que contribuíram para a abertura social feminina junto à sociedade, encontra-se Bertha Lutz, uma mulher conhecida neste espaço de reivindicações sociais e políticas. Desde 1914 esta já se encontrava engajada nestes movimentos. Segundo RIBEIRO (2003) esta advogada e bióloga, em 1919, foi tida como a segunda mulher a ingressar no quadro do serviço público brasileiro.

No final da década de 20 e início dos anos 30, esta atuou nos diversos movimentos em prol da conquista definitiva do voto da mulher, como também, pela igualdade política feminina (CHOINACKI, 2003).

Já em 1932, o então presidente da república, Getúlio Vargas, institui o Código Eleitoral Brasileiro, disciplinando a população a exercer sua cidadania, mas deixando clara a não obrigatoriedade da mulher em votar (RIBEIRO, 2003).

SINGER (1980), classifica esse momento da história das mulheres brasileiras como de caráter eminentemente político.

Após esse acontecimento histórico, MENDONÇA (1998) sugeriu um segundo acontecimento, também marcante para essa população, trata-se do fato das mulheres terem assumido a sua condição feminina e sua posição no meio social, deixando à mostra sua nova identidade, aquela de lutadora por seus direitos.

Ao evidenciar esses novos campos conquistados pela mulher, torna-se necessário enfatizar um movimento, cuja data se estende desde o movimento abolicionista do século retrasado. Trata-se do feminismo ou movimento feminista (SINGER, 1980). HEILBORN & SORJ (1999:186) tecem suas considerações e relatam que o movimento feminista teve sua origem com as acadêmicas, estas, por possuírem maior contato com as idéias que circulavam fora do Brasil, tinham maior facilidade para a elaboração de documentos e pontuar novas questões acerca das suas reivindicações. Segundo as autoras “(...) *quando o movimento de mulheres no Brasil adquiriu visibilidade, a partir de 1975, muitas das suas ativistas ou simpatizantes já estavam inseridas e trabalhavam nas universidades*”.

Desta forma, estas acadêmicas militantes buscavam “(...) *reconhecimento do valor científico de suas preocupações intelectuais*” (HEILBORN & SORJ, 1999:187), visando, desta maneira, conseguir credibilidade em suas propostas.

Ao dar sua colaboração, SOARES (1998) relata que uns dos primeiros grupos de feministas, originado na época da repressão política, por volta de 1975, tinha como propósito a luta pela anistia, uma vez que, naquele período, várias destas mulheres possuíam familiares vítimas de repressão, onde estes também reivindicavam maior abertura política.

Uma diferença marcante que pode ser evidenciada no movimento feminista nas décadas de 20 e 30, em relação ao das décadas de 60 e 70, é o papel da mulher na sociedade. O feminismo dos períodos de 20 e 30 deu ênfase à

(...) compatibilidade entre o desempenho das funções de mãe e esposa e o exercício de atividades políticas e profissionais por parte da mulher”. Já o movimento feminista das décadas de 60 e 70 procurou “(...) questionar precisamente a forma tradicional de desempenho do papel de esposa e mãe (SINGER, 1980:112-13).

Desta forma, a inquietação levantada por este último movimento seria acerca da divisão tradicional das funções domésticas entre os sexos. As mulheres alegavam que o fato de serem mães, não justificava o fardo doméstico que teriam que carregar sozinhas. Mas, o que se notava nessa época era o duplo papel social que estas assumiam, quando trabalhavam fora de casa e ainda desempenhavam o papel de dona de casa após o trabalho. Cabia a elas, então, a produção e a reprodução.

Todo esse empenho de várias feministas, de classes sociais baixa e média/alta se voltava, agora, a identificar e trazer para a população feminina uma nova identidade, um significado real e igualitário de seu papel social na sociedade. LIPOVETSKY (2000:76), neste sentido, relata que “(...) *nos anos 60 e 70, o feminismo se empenhava em emancipar a sexualidade das normas morais, em fazer regredir a influência do social sobre a vida privada*”.

Para que isto aconteça é necessário que esta população, segundo SINGER (1980:114), “(...) *se liberte dos valores, atitudes e preconceitos que desde criança lhe foram introjetados*” e que, além disto, mudem a visão que possuem de si mesmas,

assumam suas qualidades e valores novos, contribuindo para a superação de sentimentos autodepreciativos.

Para TELLES (1993) uma das propostas mais importantes destes movimentos, seria a modificação nos âmbitos social, político, econômico e ideológico de uma sociedade, visto que, a partir do momento que estas pudessem provar suas capacidades, o poder de opinarem por si próprias seria respeitado.

Neste mesmo sentido, CASTELLS (1999) expõe que isto seria um marco na redefinição dos papéis sociais da mulher.

Muitas das propostas elaboradas por estas mulheres faziam referências à revisão dos conceitos sociais até então elaborados, os quais diziam respeito às diferenças. Estas eram consideradas como produtos de opressão, sendo assim, não fazia sentido apenas lutar por igualdade na teoria, uma vez que, na prática social, os valores permaneceriam os mesmos.

Tornava-se necessário, então, rever os valores embutidos na sociedade sobre o significado de igualdade, reconsiderando-o a partir dos pedidos reivindicados pela camada feminina, evidenciando a necessidade das mulheres de serem vistas e tidas de maneira igual aos homens, com os mesmos direitos e deveres a serem respeitados.

Corroborando com os apontamentos acima, PINTO (1992:132) relata que as reivindicações feitas pelo movimento feminista, as quais partiam do reconhecimento da presença da mulher nos diversos âmbitos da sociedade e as lutas pelos mesmos direitos, refletia nada mais que:

(...) uma luta contra uma condição dada historicamente pela desigualdade nas relações de gênero (...). Nesta condição está a radicalidade do movimento, que tem como consequência uma desorganização profunda dos espaços de poder cotidiano: ao mesmo tempo que a exclusão é menos transparente, pois é minimizada por discursos de igualdade de direito e cidadania, uma vez enunciada é presença explícita e irremediável no corpo.

Esse processo de resignificação de seu papel na sociedade contribuiu para o rompimento de um processo, que era tido como uma organização meramente “feminina” já conhecida tradicionalmente, para um movimento cada vez mais feminista, onde a taxa de mulheres com ocupações técnicas e com ensino superior crescia rapidamente. Criaram-se federações e associações em nível nacional, onde mulheres assumiam cargos, os quais, até então, eram ocupados pelos homens.

BLAY (1978), em sua pesquisa, averiguou que, neste período, a discriminação sofrida por mulheres com nível superior, no âmbito do trabalho, se dava pelo fato de muitos homens não possuírem qualificação e por elas ocuparem seus cargos. Com o desenvolvimento nos diversos contextos sociais, as barreiras da divisão sexual do trabalho e em outros universos começam a desmoronar e, com isso, o número de mulheres assumindo cargos e outros espaços começou a aumentar.

Essas mulheres, no âmbito do trabalho, como evidencia DELGADO (1996), sofreram diversos tipos de discriminação e humilhação, sendo menosprezadas em relação ao trabalho masculino, porém, nem por isso desistiram, foram à luta por seus direitos e conseguiram romper as diferenças nas relações de poder.

Para GARCIA (1997) este movimento é tido como universal e que leva em conta a generalização maciça da opressão sobre a população feminina e, ao ser encarado dessa maneira, deve ser focalizado como um movimento de mulheres mais amplo, devido

ao grande número de grupos que reivindicavam outras ações além destas explicitadas. Cada movimento possui enfoque próprio, embora todos tenham vertentes que se assemelham e, às vezes, até se contradizem.

Segundo CASTELLS (1999), o movimento feminista pode ser considerado como um movimento político, que visou discutir as questões relacionadas ao poder, às várias formas de opressão e exploração. Vai de encontro ao patriarcalismo, que tinha como lema a subordinação/dominação. Este, ao longo das últimas décadas, provocou alterações e intervenções, por meio de várias formas de manifestações e conquistas na sociedade brasileira e, também, em outros pontos do mundo.

Esses movimentos, em prol da equidade de ações entre homens e mulheres, nos diversos setores, resultaram em ganhos valiosos, para a população feminina. A mulher, após a conquista de seus direitos, pode, de uma maneira efetiva, fazer parte das diversas esferas sociais, assumir seu novo papel social, como também, redimensionar sua identidade feminina rumo as suas realizações pessoais e profissionais.

### **2.3 A mulher e suas conquistas**

Uma das contribuições do movimento feminista foi a focalização da alteração sobre as desigualdades de direitos trabalhistas no âmbito doméstico e fora dele, bem como, de forma geral, na esfera pública.

Um dos pontos marcantes dessa luta, segundo SOUZA-LOBO (1991:269), foi “(...) o movimento operário que se organizou nos anos 70, é seguramente o ato mais importante neste cenário. Os movimentos de mulher constituem a novidade”. Nessa época,

a presença feminina era marcada em movimentos populares, reivindicando democracia, justiça e direitos sociais. Este movimento, além de englobar todas estas bandeiras, também assumiu posturas éticas e procurava situar a população feminina como sujeito histórico, capaz de transformar sua própria condição social.

Um dos objetivos levados por esse movimento é o reconhecimento de um poder que não se encontra de forma simplificada e estanque, e sim, de maneira ampliada, e levá-lo ao conhecimento do sujeito, não no singular, mas no coletivo, visando as parcelas da sociedade que se encontram inferiores nas relações de poder e convidando-as a transformarem a realidade.

O reconhecimento deste poder, quer seja nas esferas políticas, como nas sociais e culturais, é um dos fatores que se julga importante, no sentido de penetrar neste contexto da exclusão, que dificulta ainda mais o reconhecimento destas mulheres como sujeitos sociais e presentes na sociedade, na tentativa de alterar esta relação de poder entre os pólos feminino e masculino. As mudanças foram e ainda são necessárias para que se alterem hábitos e valores, com o intuito de reconstruir as relações, superar as resistências e igualar os direitos.

Ao sair do âmbito doméstico, estas mulheres contribuíram na elucidação de um novo sujeito social. O acesso à educação, aos âmbitos sociais vários, fez da mulher um agente capaz de mudar os rumos de sua existência e da sociedade como um todo. Estas, a partir do momento em que se viram donas de seus ideais, com seus papéis sociais redimensionados frente à sociedade, sentiram-se livres para opinar sobre suas verdadeiras vontades e anseios, com responsabilidade e discernimento.

BAMPI (2002), fazendo referência aos estudos de Nunes, relata que a mulher somente conseguirá se ver livre das cobranças e dos estereótipos criados para ela, quando possuir autonomia em vários aspectos, dentre eles o intelectual, o filosófico e o econômico. A autora chama a atenção para o fato de que se torna necessário que a mulher assuma suas características femininas, na construção de seu novo papel social. É importante que esta não se deixe levar pelos estereótipos que denigrem sua imagem, na tentativa de redimensionar seu papel, tornando-se preciso fazer uso de suas conquistas, no sentido de construir sua história social e política.

Autoras como STERNBACH (1992:414) relatam que o movimento feminista no Brasil talvez tenha sido “(...) *o mais amplo, maior, mais diverso, mais radical e o movimento de maior influência dos movimentos de mulheres da América Latina*”.

HEILBORN & SORJ (1999) nos mostram que o movimento feminista brasileiro não possuía o radicalismo presente nos movimentos desencadeados nos EUA e Europa.

Estes movimentos feministas na década de 70 e 80 elaboraram uma “nova mulher brasileira”, destemida, que sai às ruas, aos locais com aglomerados de pessoas e reivindica seus direitos e necessidades, cria organizações e manifesta sua percepção relacionada às desigualdades. A partir do momento em que estas mulheres conquistaram seus direitos de cidadãs, podendo exercer esta cidadania plena, escolhendo os dirigentes do país, via conquista do direito ao voto, começaram a fazer revoluções em todos os âmbitos da sociedade.

Para SOARES (1998:48) a questão do feminismo/movimento feminista em deixar público a luta pelo reconhecimento igualitário da cidadania, de direitos e outros,

representa uma problemática que, segundo a autora, não se encontrava contextualizada nos movimentos sociais até então e, muito menos, em questões as quais envolviam o poder político, fazendo reconhecer o êxito desta luta, vindo fortalecer um assunto que hoje se discute nos campos informal e acadêmico, em temas de pesquisas.

Ainda, para esta autora, as exigências

(...) nas lutas pela democracia tratava-se de incorporar as mulheres como sujeitos portadores de reivindicações e direitos. Trouxe para as agendas dos movimentos as questões da igualdade na educação, dos direitos reprodutivos e da saúde, da participação política mulheres, da discriminação no trabalho e das políticas de emprego, do cuidado com as crianças, da pobreza e do bem-estar, da violência contra a mulher.

Estes movimentos contribuíram para uma nova leitura da realidade e rescreveram uma nova página no discurso público referente à igualdade da mulher, firmando conceitos, quer no âmbito da democracia, quanto da cidadania e da ética, para fins de uma melhoria nas relações humanas.

O movimento feminista, não somente contribuiu para a liberdade de atitude das mulheres, mas colaborou no campo acadêmico, onde fez também emergir um espaço de reflexão, no que tange à elaboração de pesquisas e trabalhos teóricos e metodológicos, como também, à ampliação nos campos temáticos que abordam as questões ligadas à mulher e gênero, fazendo surgir perspectivas e possibilidades de disseminação do tema em maior profundidade, especialmente salientando-se as pesquisas sobre gênero.

No Brasil, nas décadas de 80/90, surgiram as primeiras produções acadêmicas, cujos textos focalizavam a mulher e suas lutas contra a discriminação, por uma educação mais igualitária e menos sexista (ROSEMBERG, 1992). Difundiu-se a

perspectiva de gênero nos estudos acadêmicos, nas políticas públicas e multiplicam-se as organizações não governamentais (Ongs) sobre gênero e mulher e a constituição de redes e articulações de mulheres.

Pode-se verificar o crescimento da temática difundida em congressos, os quais possuem grupos temáticos, núcleos de estudos em universidades brasileiras, entre outras formas de divulgação. A questão feminina é enfocada nas mais variadas vertentes, abordada nas mais distintas situações e contextos, contribuindo para a ampliação e incorporação desta nas diferentes análises, como se pode perceber nos estudos de GOELLNER (2001), TEIXEIRA & MYOTIN (2001), LUZ JÚNIOR (2000) e ROMERO (1995), entre diversos outros.

Após fazer um levantamento bibliográfico de teses, dissertações, periódicos em várias bases de dados, LUZ JÚNIOR (2000: 123) nos mostra que as questões de gênero vêm crescendo largamente dentro das produções e estudos acadêmicos na área de Educação Física. As obras

(...) refletem, de algum modo, a trajetória desta área, que vai desde uma concepção de contestação política, revelando uma inquietação face a supressão dos direitos de cidadania, especialmente, os direitos da mulher frente à prática da atividade física, e os questionamentos dos preconceitos e estereótipos construídos na ordem social sobre a hierarquia sócio-esportiva de gênero, até a flexibilização das fronteiras dos campos do conhecimento ocorrido em outras áreas, nas quais a Educação Física vivência, também, um momento de questionamento face ao paradigma científico (positivista) orientador dos discursos produzidos.

Os estudos de STOLLER (1968) apontam que a identidade de gênero se dá por volta de 2 a 3 anos de idade, onde o ser humano consegue se ver como “macho” ou “fêmea”. Mas, mesmo tendo o desenvolvimento da masculinidade ou da feminilidade

normais, este ainda terá que enfrentar uma tarefa de adaptação do senso de masculinidade ou da feminilidade e esta tal identidade conota aspectos psicológicos do comportamento relacionados a estes fatores.

Para CANNABRAVA (1999) a expressão gênero evidencia não somente as diferenças biológicas de sexo, indo além, procurando explorar e explicitar as relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres. Segundo o autor, esta palavra foi usada pela primeira vez na área de antropologia, que procurava estabelecer que a relação de homens e mulheres se baseava numa construção social. Para ele, as diferenças sexuais biológicas são imutáveis, enquanto que os elementos ligados às questões de gênero são passíveis e volúveis, podendo variar de acordo com época e padrões culturais. As mudanças que podem ocorrer nas questões ligadas ao gênero são históricas e não biológicas, sendo estabelecidas por convenções sociais.

BERNARDES (1992) tece suas considerações e nos mostra que os valores morais, sexuais e comportamentais de uma dada sociedade poderão, em um tempo futuro, transformar-se e solidificar-se em estereótipos e, até mesmo, em preconceitos, no que se refere ao comportamento de homens e mulheres, vindo a contribuir para futuros conflitos nas diferentes fases da vida do ser humano.

Os estudos de Joan W.Scott, intitulado “*Gender: a useful category of historical analysis*”, de 1986, fora tido como o marco central, segundo LOURO (1995), para as questões de gênero, consolidando esta temática como uma categoria essencial de análise histórica.

Para SCOTT (1995, p.86), gênero faz referência a “(...) *um elemento constitutivo das relações baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder*”.

Pode-se notar, no que tange à segunda parte da frase, que este domínio primário, quer no seu interior ou por meio do mesmo, evidencia o poder como algo passível de ser articulado e, ser feminino ou masculino, dentro de um processo relacional, implica que gênero, em sua concepção mais ampla, confere poder e está ligado à construção social do ser humano.

Portanto, pertencer ao gênero feminino ou masculino, implica em uma percepção de como se situa o ser humano no mundo concreto e simbólico, o que leva Joan Scott a dizer que há “ *um controle ou um acesso diferencial dos recursos materiais e simbólicos*” e que isso supõe entender que “*o gênero torna-se implicado na concepção e na construção do próprio poder* (SCOTT, 1995, p.88)”.

BEAUVOIR (1980) enfatiza que não se deve induzir as crianças a compreender as suas funções na sociedade por meio, apenas, de sua genitália. Segundo a autora, não são as partes biológicas que dimensionam as atitudes do ser humano.

Mas, esta relação de gênero, homem/mulher, não tem seu fim nessa construção sócio-cultural. Com o passar do tempo, segundo LAURETIS (1987) e PARKER (1991) em sua manifestação de gênero, o homem ficou concebido na trilogia mente, razão, objetividade, nos âmbitos sócio-político-econômico e a mulher como corpo, emoção, subjetividade, limitada aos afazeres domésticos e cuidados com a família.

Esse pensamento é complementado por GARCIA (1998:173), quando relata que homens e mulheres “(...) *são educados e socializados de maneira diferente, criando*

*oposição, e as vezes até mesmo antagonismo. O processo de educação contribui para o tratamento desigual entre homens e mulheres”* .

Torna-se imprescindível rever os conteúdos disseminados nos âmbitos escolar e informal, para que se possa reverter quadros como este acima explicitado. Somente com um ensino, onde o que se pretende é trazer à luz da compreensão o que é ser homem ou mulher na sociedade, os verdadeiros valores e condutas a serem apreendidos e aspirados como certos é que se terá uma sociedade igualitária e justa em todos os setores.

Mediante estas fundamentações aqui apresentadas sobre a mulher, suas características, seu papel social, as diferenças sexuais, juntamente com as questões permeadas de valores e normas, os estereótipos e preconceitos a elas dirigidos, suas reivindicações e conquistas e as questões de gênero, o estudo dirige-se agora a apresentar a “*terceira mulher*”, como denomina LIPOVETSKY (2000) em sua obra, aquela mulher emancipada, dona de si e possuidora de liberdade.

## **2.4 A mulher e seu reenquadramento no século XXI**

Após esta passagem, mesclada por lutas, reivindicações e conquistas nos variados níveis, social, político, cultural e esportivo, estas mulheres também marcaram presença nas áreas de educação e imprensa no início do século XX, segundo HAHNER (1990).

Em quase meio século, a população feminina conquistou direitos que, até então, lhe foram privados. Passando pelos espaços do trabalho profissional, esta conseguiu reconhecimento pela sua capacidade, respeito pela possibilidade de contracepção e aborto,

adquirindo, com respaldo das leis, liberalização da moral sexual, independência financeira e individual, entre outros ganhos, mostrando, também, que as diferenças entre os sexos diminuíram absurdamente.

Para CASTELLS (1999:171-2), a combinação de quatro fatos ocorridos na história da mulher contribuiu para que esta chegasse aonde chegou e pudesse reafirmar seus valores. Assim, pode-se verificar:

(...) primeiro, a transformação da economia do mercado de trabalho associada à abertura de oportunidades para as mulheres no campo da educação. (...) Em segundo lugar vêm as transformações tecnológicas ocorridas na biologia, farmacologia e medicina, que proporcionaram um controle cada vez maior sobre a gravidez e a reprodução humanas. (...) Terceiro, tendo como pano de fundo a transformação econômica e tecnológica, o patriarcalismo foi atingido pelo desenvolvimento do movimento feminista, consequência dos movimentos sociais da década de 60. (...) E o quarto elemento a induzir o desafio ao patriarcalismo é a rápida difusão de idéias em uma cultura globalizada, em um mundo interligado, por onde pessoas e experiências passam e se misturam, tecendo rapidamente uma imensa colcha de retalhos formada por vozes femininas.

Então, esta nova mulher, renascida de uma cultura que a silenciava e a excluía, surge para mostrar que todos estes anos de silêncio a transformaram em uma mulher que não teme o futuro e seus obstáculos. Ainda mais com as transformações ocorridas na sociedade brasileira, que se encontra em um momento de experimentações plurais, devido à globalização, aos meios virtuais de se adquirir conhecimento e trocar informações (DeSOUZA ET AL, 1998).

A mulher agora, segundo LIPOVESTKY (2000: 237) é evidenciada como sendo sujeito de seus próprios atos, “*é uma autocriação feminina*”. Esta deixou de ser uma criação do homem para se instituir como invenção de si mesma, no entanto, encontra-se

dividida entre os valores tradicionais e modernos e esta divisão diz respeito à volta do cultivo dos valores e práticas que, até então, eram repelidos pela geração que queimou sutiãs em praça pública. Só que essa volta, esse retorno à posição de querer assumir esses papéis, se dá de uma forma diferente, pois estas possuem autonomia e depende delas próprias a iniciativa de procurar preencher suas necessidades internas.

Segundo *WORLD'S WOMEN* (1995), com todos estes acontecimentos, é preciso compreender as mudanças sociais ocorridas no mundo feminino, porque as conquistas e os direitos das mesmas têm sido um tema central nas discussões em torno dos seus papéis sociais, econômicos e políticos mundialmente. Portanto, por meio de fatos evidenciados na literatura, nas fontes de dados, o “*status*” feminino tem sofrido um aumento considerável e, estas mudanças e esse crescimento do reconhecimento do papel social da mulher refletem as mudanças na sociedade como um todo.

Pode-se identificar mais claramente tais mudanças, quando apontamos a mulher no âmbito do trabalho. Por meio de dados estatísticos, ALVAREZ (1989) nos mostrou que a mulher, segundo a população economicamente ativa – PEA, obteve um crescimento de 18% para 26% na década de 70. No que tange à ocupação de cargos ligados à parte administrativa em empresas de grande porte, a mulher obteve um aumento, entre as décadas de 60 e 80, de 8,2% para 15,4%. Já nas profissões que exigem qualificação superior e são reconhecidas como altamente remuneradas, obteve um crescimento de 400% na década de 80, com o aumento de 19.000 para 95.000. Pode-se notar que a ocupação de vagas nas universidades, tanto por mulheres quanto por homens, na década de 80, era proporcionalmente igual (689.000 homens e 663.000 mulheres).

Nos dias atuais, a grande maioria das mulheres, segundo RABAY (1996), trabalha com finalidade de atuar no sustento da casa, da família, sendo 51% das mulheres formando a força de trabalho e 45% de todos os eleitores registrados.

Sua escolarização e profissionalização crescentes, sua inserção maciça no mercado de trabalho, sua participação política cada vez mais consciente e sua entrada efetiva na diversidade dos campos de atuação, tanto no plano de produção econômica, como intelectual, fazem com que, sem abdicar do seu papel maternal e doméstico (daí a expressão, dupla jornada), a mulher venha se destacando cada vez mais nos cenários nacionais e internacionais.

A aparição do público feminino nos vários setores de empregos tem gerado um novo redimensionamento do papel social da mulher na sociedade democrática, sendo agora definido na relação da mulher no trabalho. Esta passou por um século marcado de discriminações e preconceitos, agora busca, por meio de seus novos valores, o reconhecimento e a valorização sociais.

A mulher pós-moderna não mais carrega consigo a identidade a ela direcionada, contendo funções de mãe e esposa. Ela até pode continuar a exercer essas funções, mas isto fica a cargo de sua própria decisão. Agora, ela é dona de sua existência e cabe a si mesma direcionar seus objetivos e arcar com conseqüências advindas de suas indagações por um reconhecimento real e verdadeiro de suas ações nos mundos social e político.

LIPOVETSKY (2000:221) discursa sobre o trabalho profissional feminino e relata que “(...) *em nossas sociedades, o trabalho profissional das mulheres tornou-se*

*amplamente autônomo em relação à vida familiar; passou a ser um valor, um instrumento de realização pessoal, uma atividade reivindicada e não mais sofrida”.*

Vários são os argumentos utilizados para justificar a presença maciça feminina no trabalho profissional. Uma das mais recentes, centra-se no fato destas mulheres se sentirem mais livres fora do ambiente doméstico, pois, desta forma, anuncia-se a sua presença na vida social. Estas estão se tornando protagonistas da própria vida, saindo do gueto domiciliar para a esfera social pública, firmando sua identidade, agora de sujeito criador e dona de sua própria existência.

Pela nova cultura do trabalho, a mulher anseia em conquistar seu lugar neste contexto profissional, mas não pelo que é “por natureza”, mas pelo que faz.

Esta, segundo LIPOVETSKY (2000:224) procura

(...) avaliar-se e impor-se aos outros, ganhar uma posição social pelo talento e pelo mérito, superar os desafios inerentes ao mundo da imprensa, “vencer” por seu trabalho: na medida em que os valores individualistas-competitivos-meritocráticos são estendidos às mulheres, ei-las de agora em diante em concorrência aberta com os homens e entregues ao imperativo de provar seu valor profissional, de ganhar o reconhecimento social pelas “obras”, de construir seu lugar e sua identidade profissional da mesma maneira que os homens.

Pode-se apontar algumas implicações após as reflexões tecidas por Lipovetsky. A mulher, na atualidade, procura por meio do trabalho, erguer e solidificar sua identidade social. Diferente de épocas atrás, onde a ela cabia os papéis de esposa e educadora dos filhos, papéis estes que legitimavam socialmente a identidade feminina, caracterizando e preenchendo sua existência.

Questões como a profissionalização feminina e a sua saída do âmbito doméstico para o trabalho exterior ao lar, deu-se graças à maior participação e liberação do acesso das mulheres à educação e à escola. Isso é válido tanto para a população que obteve diplomas de conclusão do ensino médio, como de ensino superior. LIPOVETSKY (2000:226) confirma essa idéia, alegando que “(...) *não há nenhuma dúvida, (...) de que a elevação continua do nível de formação das mulheres tenha desempenhado um papel essencial em sua mudança de atitude em relação à atividade profissional*”.

Por meio do acesso à educação, aos conteúdos que formam o caráter social, cultural e político do cidadão, o ser humano se vê na luta por conquistas e objetivos traçados. De posse de um instrumento capaz de abrir portas e espaços, houve a assimilação de formas corretas e sem juízos de valor, sobre os princípios e normas de conduta que o dignificarão como pessoa de bem e sem preconceitos, quer seja ligado a sexo, raça, gênero ou etnia.

A nova mulher aqui apresentada, não se intimida com os obstáculos encontrados pelo caminho, no que tange a alcançar seus objetivos, uma vez que estes, no campo profissional, se voltam à ocupação de altos cargos e chefias de empresas reconhecidas internacionalmente. Estas mulheres querem ser reconhecidas pelo talento, competência e inteligência, mas, também, não abrem mão de valores femininos, como feminilidade, sensualidade, afetividade e delicadeza.

Estas mulheres contabilizam grandes conquistas no campo social e se orgulham disso, ocupando espaços como cargos ligados à administração pública, posições e funções dentro das universidades e no campo político, onde também se evidenciam avanços inéditos e importantes como a criação da lei do Planejamento Familiar (1996/97); Lei da

União Estável (1996); Cotas na Política (1995/97); Proteção ao Trabalho da Mulher (1995/99); Assédio Sexual (2001), entre outras.

Além de todos esses fatos acima citados, a nova mulher não esquece seu lado pessoal, esta procura relacionamentos estáveis, segurança financeira e reconhecimento profissional. E, mesmo querendo conquistar todos esses campos, a mulher brasileira não abre mão de temas como a maternidade, casamento, sexo e, até mesmo, as possibilidades de vivências no âmbito do lazer. Por intermédio dessas conquistas, o estilo de vida da mulher moderna alterou bastante, no que tange a satisfazer suas vontades e anseios pessoais. Ao obter sua independência econômica, esta investe na qualidade de suas ações e na manutenção de sua saúde geral.

Dessa maneira, a nova mulher aqui evidenciada, mais segura de si, realizada profissionalmente e sujeito de seus próprios atos, se coloca como uma mulher que, ao conquistar seu espaço nos variados âmbitos, não se envergonha de assumir o seu outro lado, aquele frágil e sensível. Estas não negam e nem escondem a expressão dos seus sentimentos e a demonstração de sensibilidade, visto que, desde a época clássica, segundo LIPOVETSKY (2000), essas características são predisposições do público feminino, restando ao público masculino as características menos subjetivas.

Para tanto, mesmo portadora destas vontades e anseios, esta nova mulher, emergida de um longo processo de lutas e conquistas, superações de obstáculos colocados por uma sociedade patriarcal, anseia por novas experiências práticas, até então nunca vivenciadas, que suscitem novas sensações, novas emoções, como também a coloque frente a diferentes formas de se perceber no mundo, extrapolando o âmbito do trabalho e se

incorporando, mais decisivamente, inclusive no contexto das vivências significativas no âmbito do lazer.

As lutas sociais até então travadas pela mulher, refletiram diretamente no âmbito do trabalho, porém, algumas inquietações se fazem presentes, quando se procura as reflexões sobre sua presença no contexto do lazer, tema ainda pouco explorado, tornando-se bastante instigante uma incursão sobre com esta perspectiva.

Adentrando na temática do lazer, o qual é foco de vários estudos emergentes no meio acadêmico atualmente e que tem sido discutido em larga escala em encontros e congressos, este estudo procurou focalizar a participação feminina no âmbito do conteúdo cultural esportivo do lazer, especificamente, nos esportes conhecidos como radicais, com caracterizações até então ditas masculinas, os quais, para o presente estudo, serão denominados de atividade física de aventura na natureza (AFAN), conforme sugere BETRÁN (2003).

Para que se possa compreender melhor a evolução deste interesse, cada vez mais emergente nos dias atuais, torna-se necessário, primeiramente, uma abordagem sobre o envolvimento da mulher no âmbito do lazer, focalizando-a em mais este espaço social.

## **2.5 A figura feminina inserida nos contextos do esporte e do lazer.**

### **2.5.1 O esporte e a presença feminina**

Não é tarefa fácil discorrer sobre temas como este a seguir, devido à carência de obras literárias abordando essa temática específica. De início, introduzir-se-á

as questões ligadas propriamente aos conteúdos do lazer e, logo em seguida, inserir a presença feminina neste contexto.

Elementos como a satisfação, o bem-estar, a criatividade, a sociabilidade e a saúde podem ser adquiridos ou restabelecidos durante o lazer e a atividade esportiva, conforme evidenciam inúmeros estudos nas mais diversas áreas de conhecimento.

Na atual conjuntura social, os padrões de vida proporcionados e apoiados pelas tecnologias inovadoras têm distanciado cada vez mais o homem desses elementos subjetivos, além de que, a comodidade, proporcionada por essas inovações, tem levado o ser humano a uma inatividade esmagadora, surtindo neste uma procura incessante por um reequilíbrio entre os processos subjetivos, voltados aos desejos e expectativas de vivências de novas práticas corporais.

A participação feminina nas atividades esportivas, como também no lazer, não se deu de uma maneira fácil, como evidencia GOELLNER (1998/2), as barreiras encontradas eram grandes, como também, os estereótipos criados acerca da população feminina que adentrava essas vivências.

Porém, os acontecimentos e as transformações globais nos diversos setores da sociedade a partir do início do século XIX, provocaram mudanças nas diversas classes sociais, inclusive a classe feminina. Esta adquiriu maior visibilidade, via os movimentos organizados, lutando pela igualdade de oportunidades, como também, maior acesso às opções de lazer e entretenimento, visto que, para a grande maioria das mulheres, houve um aumento do tempo livre, embora a dupla jornada de trabalho ainda fazia parte de seu cotidiano, como se pode ver nos estudos de GOELLNER (1998/2:63).

Aparecem, neste novo cenário, diversas engenhosidades, que incitavam a população a usufruí-las, como também, as várias oportunidades de acesso às atividades esportivas e de lazer, provocando uma mudança nos estilos de vida urbano.

Surgem, também, neste período, inúmeras possibilidades de preenchimento do tempo livre, como evidencia a autora, dentre elas “(...) *a ginástica, os esportes, a dança, o contato com a natureza, os banhos de mar, os passeios ciclísticos, as caminhadas, à exposição ao sol, os cinemas, (...), os saraus, os desfiles de moda, os concursos de beleza, as viagens, a patinação (...)*” (op cit:63) entre outras.

O privilégio de vivenciar essas atividades de lazer e a prática de esportes ainda se concentrava nas mãos das elites, visto que, tanto os homens como as mulheres dessas classes sociais, tinham mais facilidade de acesso aos locais onde se realizavam tais práticas, como também, o incentivo vindo das famílias era maior (MOURÃO, 2000/2); (GOELLNER, 1998/2) e (FERRANDO, 1989), porém, mesmo com essa diferença de classes, a mulher brasileira não desperdiçava as oportunidades de lazer, saindo do ambiente doméstico e já começando a ocupar os espaços públicos.

Por meio de um levantamento histórico-bibliográfico da sociedade paulistana nos anos 20, SCHPUN (1999) elaborou um perfil das relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres das elites de São Paulo, apontando a nova cultura corporal, que se instalou com o processo de urbanização da capital paulista, mostrando, também, os novos valores atribuídos ao esporte e ao lazer nessa sociedade em crescimento, juntamente com os paradigmas referentes às características masculinas e femininas.

De acordo com a autora, as alterações na economia e em outros setores do país, o crescimento e a modernização de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro,

contribuíram para as mudanças de comportamento e de atitudes de homens e mulheres, como também, na redefinição de hábitos e costumes.

Com este mesmo objeto de análise, centrado na caracterização da sociedade moderna, SEVCENKO (1992) em sua obra, relata essas profundas transformações ocorridas na capital paulista no início do século XIX e, não somente aponta mudanças nos setores sociais, políticos e econômicos, mas, também, evidencia que, no âmbito esportivo, não ocorreu nenhuma alteração quanto aos valores. Os eventos esportivos se fechavam praticamente à comunidade masculina, cabendo às mulheres o espaço privado. Aquelas que circulavam pelo mundo esportivo praticavam apenas atividades adequadas à natureza feminina, que valorizavam a sua leveza e graciosidade, como a ginástica, por exemplo.

Após fazer uma análise sobre as práticas esportivas no âmbito do lazer nesse período, SCHPUN (1999) aponta um fato interessante ocorrido no início dos anos 20, quando a capital paulista começa a valorizar a prática esportiva, dando-se início, então, à construção de clubes e aquisições de equipamentos, o que facilitaria a prática de algumas modalidades já bastante difundidas, como o tênis, a natação e o futebol. Já nessa época, a competitividade era estimulada entre homens, sendo, até então, reconhecida como uma característica natural desta população. O mesmo acontecia com as mulheres, porém firmando sua “natureza” feminina, com elementos como a beleza e a saúde do corpo, conquistados por meio de atividades físicas próprias a sua anatomia.

A figura da mulher passou por um período de grandes mudanças, no que se refere às transformações ocorridas acerca dos papéis femininos, como anteriormente explicitado, bem como, às alterações nos processos atitudinais e perceptivos que as

mulheres têm de si próprias, atingindo proporções imensas nos âmbitos social, político, econômico e, inclusive, no esporte.

O meio esportivo, nesse período, era de exclusividade masculina, onde o poder patriarcal, que acompanhou a sociedade ocidental por um longo tempo, mantinha valores predominantemente estereotipados e carregados de preconceitos quanto à prática de esportes pela população feminina e esses valores acompanharam o esporte por um bom tempo.

Colaborando com estas reflexões, KENNARD & CARTER (1994) evidenciaram em seus estudos que a mulher, desde tempos atrás, tem sido focalizada a partir de uma perspectiva masculina, onde o poder se concentrava nas mãos dos homens. Daí estas terem passado por momentos difíceis, no que tange à participação nas várias esferas da sociedade. Fato este que vale também para o esporte, pois a mulher sempre fora excluída de praticar qualquer atividade que exigisse maior esforço.

Esse espaço esportivo, consagrado como de natureza masculina, devido as suas características como: força, agressividade, competitividade, braveza, controlava todo e qualquer acontecimento que pudesse ameaçar a hegemonia masculina, sendo resolvido pelo poder patriarcal (COSTA & GUTHRIE, 1994).

De imediato, pode-se apontar a segregação feminina nos esportes, desde a Antigüidade Clássica. Sabe-se que os Jogos Olímpicos foram considerados como o maior evento esportivo naquela época e já se percebiam elementos discriminatórios acerca da inclusão feminina. Escravos, entre outras pessoas, chegavam a participar, mas as mulheres nem mesmo podiam assistir as cerimônias e apresentações (GODOY, 1996).

Segundo BARROS (1996) essa segregação feminina nos Jogos Olímpicos modernos se dava pelo fato de que a mulher não tinha porte físico para participar de tal evento. CASTELLANI FILHO (1994) e LACERDA (1998) relatam que a mulher se preparava fisicamente somente para a gravidez, para gerar filhos fortes, os quais participariam das competições e defenderiam o país. Com isso, coroava-se a idéia de mulher relacionada à “mãe”, conservando dessa maneira, um maior controle de seu comportamento.

BARROS (1996), assim como FERRANDO (1990) relatam que o idealizador destes jogos, o Barão Pierre de Coubertin delegava à mulher, apenas, a função de coroação dos atletas, que se sagravam vencedores, e nada mais.

Vários autores como BARROS (1996); FERRANDO (1990); PARK (1987) e BORISH (1996) apontam para a projeção de questões relacionadas à política no esporte, na era dos Jogos Olímpicos Modernos pelo seu idealizador. A não participação feminina demonstrava o quanto as questões de gênero camuflaram as relações de poder e o quanto este poder masculino ditava as normas e as regras, nestes contextos social e político.

CASTELLANI FILHO (1994) salienta que o artigo 54, do decreto-lei de número 3199, de 1941, o qual tratava-se de um documento que organizava os diversos desportos no país, também evidenciava esta exclusão, alegando que existiam muitas atividades esportivas que não condiziam com as capacidades físicas femininas. Caso as mulheres viessem a praticá-las, suas características e qualidades femininas estariam ameaçadas.

Isso vem a apontar facetas estereotípicas machistas inclusas nas leis, onde, para o público feminino, um número limitado de modalidades era liberado enquanto, para o

público masculino, era viabilizado um leque enorme de atividades esportivas, ratificando, desta maneira, o que a sociedade daquela época esperava da mulher no contexto das práticas de atividades física e esportiva. Para PFISTER (1997:94), *(...) os homens dominam os esportes não só em termos de quantidade, eles também determinam o que é considerado esporte e o que não é, de que tipos de esportes as mulheres deveriam participar e quais são os padrões válidos.*

Todo esse processo relacionado à inibição da prática de atividades físicas e esportivas, que poderiam colocar em risco a natureza feminina, permeou as discussões acadêmicas até a década de 80, segundo MOURÃO (2003).

A autora aponta um fato importante ocorrido na área esportiva, que marcaria também a trajetória feminina neste âmbito, trata-se de uma equipe feminina de luta, que competiu em um evento ocorrido na América do Sul e ganhou, mas, a grande surpresa foi que estas se inscreveram com nome de homens.

Com o desenvolvimento da sociedade industrial, gerando, com isso, mais possibilidades de escolha de estilos de vida e mais preocupações com a saúde e com as vivências lúdicas e hedonísticas da vida, a integração crescente de homens e mulheres na prática de esportes foi estimulada. Mas, focalizando-se especificamente o esporte competitivo, este permaneceu por muito tempo como uma prática eminentemente masculina, denegrindo a figura feminina que participava.

Com isso, pode-se salientar que os estereótipos, como a masculinidade e a feminilidade, são tidos como resistentes e não sofreram ainda transformações culturais tão marcantes (SCHPUN, 1999), tornando-se, de certa forma, inalterados, principalmente no que se refere ao esporte de rendimento.

Ocorridas as Olimpíadas da era moderna, na cidade de Atenas em 1896, a presença feminina fora barrada, limitando-se apenas às arquibancadas. Nos Jogos Olímpicos seguintes, realizados em Paris, abriu-se um espaço para que a mulher participasse, sendo que essa façanha ocorreu com um pequeno grupo de 19 atletas, porém limitadas a dois esportes – golfe e tênis.

Abrindo um parêntese, LENK (1986) relata que foi por meio do tênis que a mulher entrou nesta competição. O uso da roupa ajudou muito, pois ela cobria quase o corpo inteiro.

Os Jogos Olímpicos continuaram a ocorrer de quatro em quatro anos, mas a cota de atletas mulheres foi diminuindo pela falta de estímulo, até que, nas Olimpíadas de Paris em 1924, o número de atletas superou a marca dos 4 %. Mesmo lutando contra estereótipos machistas que as desencorajavam a competir, essas mulheres continuavam na ativa, via a participação em competições criadas exclusivamente para elas.

Nas Olimpíadas de Los Angeles, um fato muito importante aconteceu, que foi a participação de Maria Lenk, na modalidade natação, sendo que esta foi a primeira mulher a representar o Brasil em uma competição olímpica. Esse grande acontecimento contribuiu para a construção de uma nova figura da mulher no esporte e, segundo MOURÃO (2001:197), esta atleta, juntamente com Yara Vaz e Aída dos Santos “(...) influenciaram o imaginário de jovens, rompendo barreiras e quebrando tabus com seus comportamentos e com suas virtudes (...)”.

Mesmo tendo conhecimento de toda a discriminação, toda a segregação sofrida pela mulher na prática de atividades físicas e esportivas, pode-se, com toda certeza, ter a figura de Maria Lenk, como a pioneira, no que tange à participação feminina em

esportes no Brasil, representando a natação (SEVCENKO, 1992) e, com muita garra e coragem, esta venceu obstáculos e chegou ao pódio, mostrando a força e a determinação da mulher esportista.

Já passado um século, nas Olimpíadas da Austrália, ocorridas em 2000, dos 28 esportes disputados, 26 modalidades contaram com a participação da mulher. Em Sidney, de um total de 204 atletas brasileiros, 94 eram mulheres. Pode-se notar que a representatividade feminina neste evento começou a despontar, chegando em termos comparativos a igualar-se ao número de atletas masculinos. Uma determinação do Comitê Olímpico Internacional para os Jogos Olímpicos de 2004 é que, em todas as modalidades oferecidas, tenham provas tanto para atletas masculinos quanto para femininos (MOURÃO, 2003).

A participação feminina em esportes, quer seja no âmbito profissional, no âmbito do lazer ou no de alta competição, é uma realidade social e, por um bom tempo, fora considerada sob o estigma de “anomalia social”, pois, mesmo os estereótipos sexuais falando mais alto, estas não se intimidaram e continuaram a marcar presença. A mulher, sempre fora considerada o “sexo frágil”, mas, com a entrada desta nos Jogos Olímpicos modernos, considerados o grande fenômeno do século XX, veio abaixo esse rótulo, que as limitava a algumas modalidades apenas.

Segundo TAVARES & PORTELA (1998), os diferentes eventos esportivos ocorridos em variados locais, atuaram de forma positiva na mudança da imagem feminina frente àquela criada pela sociedade machista e patriarcal, a qual tinha a mulher como um ser passivo. Estes eventos contribuíram na desconstrução deste mito e deram a chance de conquistas de novos espaços sociais.

Para CADAVID & CASTRO (2001:5)

(...) as mulheres desportistas estão se afirmando como sujeitos sociais porque ampliam as potencialidades de desenvolvimento como grupo social, e ante a sociedade, se atrevem a transpassar os limites estabelecidos pela cultura patriarcal, embora em troca de um certo sofrimento, mas a partir disso, ganhando novos espaços, criando outro discurso sobre o esporte, o corpo, as capacidades e potencialidades humanas na perspectiva do gênero e no caminho da construção de um contexto mais solidário, mais equitativo.

Com essa entrada feminina ao âmbito esportivo, deu-se um passo gigante rumo à ruptura de vários mitos e paradigmas antigos, que menosprezavam as capacidades físicas femininas. É evidente que a participação tem aumentado e muito, atingindo um nível expressivo no atual estágio em que se encontra o esporte moderno, que se vê amparado por altos padrões técnicos e estratégicos. Segundo SIMÕES (2003:07)

(...) o esporte (...) nunca dispôs de tantos aparatos científicos e tecnológicos para ser reconhecido como uma das instituições mais rentáveis de nosso tempo”. Desta forma, “o sucesso decorrente dos níveis de confiança facilita cada vez mais a participação das mulheres em esportes nos quais as recompensas estão mais adiante (...).

Conquistado mais este espaço, que até então era de cunho masculino, abarrotado de valores e conceitos sexistas, que desvalorizavam a figura feminina, esse ambiente esportivo fora ganhando novas modalidades, na tentativa de preencher os anseios por novas formas de se vivenciar a prática esportiva, reverberando, inclusive nos aspectos que se relacionavam às vivências significativas no âmbito do lazer, fenômeno surgido da organização social do trabalho, contendo características singulares e específicas.

### **2.5.2 O lazer e participação feminina**

As atividades, desenvolvidas no período destinado ao lazer, podem promover no ser humano novos dimensionamentos em vários aspectos, desde os de ordem física, passando pelo social e atingindo o psicológico, fazendo uma mediação entre a função interativa dessa disponibilidade de tempo e a ação.

Pode-se evidenciar, acerca dessas questões até aqui apresentadas, que as experiências adquiridas nas práticas que envolvem elementos lúdicos representam um espaço fértil para o ser humano criar laços afetivos e desenvolver diversos tipos de relacionamentos, nos níveis social e cultural. Dessas teias de convivências emergem motivos, causas, expectativas, valores, comportamentos, leituras, representações e significados, que eles próprios conferem às suas ações. Mesmo com toda esta gama de oportunidades de vivências significativas e de possibilidade de melhoria da qualidade existencial, o lazer não tem merecido a devida atenção nos diversos âmbitos da cultura, tornando-se um instigante tema de reflexão.

Portanto, articular questões que envolvem o lazer e os seus conteúdos, torna-se bastante relevante, para que se possa fomentar os elementos que permeiam este campo e evidenciar as contribuições dos diversos estudiosos da temática, no sentido de abordar as questões epistemológicas, que abarcam elementos subjetivos pertinentes aos estereótipos construídos pela sociedade, quanto às atitudes, aos valores, a gênero e à utilização do tempo disponível para o lazer.

Nestas experiências vividas no âmbito do lazer, o ser humano busca, não apenas a liberdade, a espontaneidade e o prazer, fugindo dos interesses de produção, mas,

lança-se na tentativa de romper com tais estereótipos, incluindo o aspecto de auto-superação, conforme já evidenciava FRIEDMAN (1958).

O lazer é tomado como um fenômeno social e, como tal, por meio dos seus aspectos subjetivos, como a representação da liberdade e da expressão pessoal, passa a contemplar algumas características.

Estas características são as mais variadas e associadas a diversos aspectos. Estas podem ser evidenciadas quando se analisa a necessidade de desenvolvimento equilibrado do homem e da sociedade, fazendo com que este evolua dentro e conjuntamente a ela. Também perpassa os conteúdos do divertimento, onde se adota uma forma de viver rica em ludicidade e prazer, não esquecendo do descanso.

Segundo MARCELLINO (2002), os aspectos do lazer acima citados são tidos como fatores importantíssimos na formação de atitude e na aquisição de pensamentos mais críticos, devendo-se enfatizar o desenvolvimento nos âmbitos pessoal e social. O autor não nega as outras características do lazer, porém, enfatiza esta outra dimensão do lazer, a qual a sua vivência pode oportunizar.

IWANOWICZ (1997) se apoia nos estudos de Roykiewicz (1981) e relata que a vivência das experiências no âmbito do lazer pode favorecer um desenvolvimento humano mais amplo e abrangente. Segundo a autora, o lazer abarca as funções educativas e de ensino, pois, na sua vivência, este agrupa seres com os mesmos interesses, além de proporcionar novos conhecimentos e experiências.

Complementando o assunto acima, GAELZER (1979) aponta em seus estudos a noção de lazer pautada sob três óticas: o lazer ligado ao *tempo*, que são as vivências realizadas em tempo liberado do trabalho e das diversas outras obrigações; o

lazer enquanto *atitude*, que faz referência à satisfação e ao prazer provocados pela oportunidade de vivências significativas e o lazer enquanto *atividade*, o qual promove o desenvolvimento em vários aspectos no ser humano.

De acordo com a autora, o lazer assume a designação de representar a “(...) *harmonia individual entre a atitude, o desenvolvimento integral e a disponibilidade de si mesmo. É um estado mental associado a uma situação de liberdade, habilidade e prazer*” (GAELZER, 1979:54).

A clássica definição de lazer proposta por DUMAZEDIER (1974:34), também já salientava essas idéias de espontaneidade e desinteresse, anteriormente exposto, tomando o lazer como:

(...) o conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

A possibilidade de crescimento nos aspectos pessoal e social do ser humano, a partir das relações sociais espontâneas estabelecidas durante as vivências no âmbito do lazer, remete ao conceito de lazer apontado por RIZZUTI & DaCOSTA (1999); MORAIS (1999) e GUTIERREZ (2000).

Torna-se importante compreender os conteúdos culturais do lazer, para que se opte, de forma consciente, pelas atividades que mais satisfaçam os interesses individuais, deixando de lado o caráter apenas funcional, normalmente a ele atribuído e tomando-o com um fim em si mesmo.

Ao entrar nesta discussão dos conteúdos culturais do lazer, DUMAZEDIER (1980) torna-se o ponto de partida, tendo em vista sua contribuição histórica com a classificação desses conteúdos culturais em cinco áreas, sendo estas representadas pelos conteúdos físico-esportivos, manuais, intelectuais, artísticos e sociais.

CAMARGO (1986) acrescenta as atividades turísticas, como sendo a sexta área a ser inserida como conteúdo cultural do lazer, hoje bastante procurada pelas pessoas no tempo livre. Dentro desta perspectiva, SCHWARTZ ET AL. (1998) evidenciam a necessidade atual de se acrescer a estes já existentes, o conteúdo virtual do lazer, devido ao avanço tecnológico, ao uso intenso da rede Internet de comunicação e da prática cada vez mais constante dos jogos eletrônicos e do uso do computador para pesquisas e como fonte de vivências culturais no contexto do lazer, experienciadas de maneira individual ou coletiva.

Com toda essa gama de características e conteúdos concernentes ao lazer, este campo tem sofrido grandes alterações, devido às mudanças sociais e, com isso, a participação crescente e efetiva da mulher nesse âmbito também pode ser associada às suas grandes conquistas nos diversos seguimentos sociais.

A entrada feminina nos âmbitos esportivo e de lazer, de maneira efetiva e consciente, fez despertar na sociedade uma nova idéia sobre a relação mulher-esporte-lazer, como também, uma valorização maior do esporte e do lazer, enquanto espaços democráticos, educacionais e edificadores de valores menos sexistas. Com as constantes mudanças nos diversos campos sociais, estes contextos vêm sofrendo grandes alterações em suas estruturas, como também, despertando novos valores, relacionados as suas vivências.

Isto torna-se evidenciado pelas novas formas de praticar atividade física, que acontecem para além das delimitações entre esporte de rendimento e de lazer, como é o caso das atividades físicas de aventura na natureza (AFAN), que se encontram em uma fronteira tênue, capaz de abranger tanto as características do esporte tradicional, quanto de novidades em torno do lazer.

As AFAN, também chamadas, entre outras formas, de esportes de aventura, praticados em contato com a natureza, podem ser consideradas como frutos dessas modificações sociais, assim como a participação da mulher na prática dessas atividades. A experimentação dessas inovadoras práticas revelam diferentes sensações e percepções do meio a sua volta, como também, contribui para uma nova concepção a respeito da interação entre o ser humano e o meio ambiente natural.

Essas atividades caracterizam-se pela busca de sensações e experiências novas, diferentes das que os esportes institucionalizados proporcionam e as quais o ambiente urbano já não confere ao ser humano.

Ao se embrenhar na natureza, por meio de uma simples caminhada ou, até mesmo, praticando estes esportes novos, nota-se uma busca por novas possibilidades de desenvolvimento dos vários órgãos dos sentidos. O olhar, o sentir, o tocar, o ouvir, são exemplos das inúmeras sensações proporcionadas por essa ida ao meio ambiente natural, quer seja de maneira passiva ou ativa.

Esse contato com a natureza, por meio da vivência de várias atividades, não exclui ou discrimina o ser humano. A sociabilidade e o companheirismo se encontram presentes nas mais diversas modalidades, que podem ser praticadas por idosos, mulheres e

crianças de idades variadas, abrindo-se, assim, um novo campo de interesse de vivências mais significativas no âmbito do lazer.

#### **2.5.2.1 As atividades físicas de aventura na natureza (AFAN), no âmbito do lazer**

As atividades praticadas em contato com a natureza possuem, como uma de suas características principais, o conteúdo lúdico, por isso diferem-se das outras atividades físicas e dos outros esportes, conforme salienta BETRÁN (1995), um dos autores que fundamentam as reflexões acerca desta temática.

Javier Olivera Betrán é um dos autores que vêm trazendo contribuições valiosas, acerca das discussões sobre estas vivências na natureza. Este autor, aos poucos, vem se tornando uma referência teórica bastante importante, no que tange às discussões sobre esta temática.

Segundo o autor, esse conjunto de práticas teve sua ascensão por volta de 1970 e se firmou na década de 90, caracterizando-se como uma nova realidade lúdica no universo das vivências corporais, saciando os desejos e anseios da sociedade pós-industrial ou pós-moderna.

Segundo BETRÁN (1995:6), os conteúdos pertencentes a essas práticas possuem elementos característicos, que se firmam dentro dos padrões culturais, sociais, éticos e estéticos do mundo contemporâneo, pois estas práticas possuem:

(...) uma série de valores e conceitos que pertencem às novas tendências culturais características da sociedade pós-industrial e supõe uma sólida oferta no marco das práticas corporais como modelo hedonista (...). Na atualidade, as

práticas corporais de caráter recreativo têm-se constituído como a principal forma de utilização do lazer ativo das pessoas pertencentes aos países economicamente avançados do ocidente. Esta realidade lúdica forma parte importante da denominada indústria do lazer, a qual tem uma incidência crescente no produto interno bruto e na criação de postos de trabalho, concentrando-se por sua vez num alto nível de demandas sociais de transcendência política, social e cultural.

BETRÁN & BETRÁN (1995:108) relatam que estas vivências na natureza representam: “(...) *os novos valores sociais acordes com a ideologia desta época: consumismo, proximidade à natureza, individualismo, hedonismo e corpo informacional*”.

Sobre esta questão do corpo informacional, MIRANDA (1995) também dá sua contribuição, incitando que este deve ser concebido como receptor e emissor de informação e não como instrumento de ação e coação.

Nesta instância, a pele e os órgãos dos sentidos, como partes do corpo humano, tornam-se emissores e receptores de informações e assumem uma importante função nos processos subjetivos emergentes, construindo, conforme evidencia Sant’anna (apud BRUHNS, 2003:43), “(...) *as novas epidermes protetoras e informantes entre o mundo natural e a cultura*”, retomando com isso, as ligações entre pessoas e a natureza.

Ao trazer para o contexto das AFAN, estas questões acima expostas nos mostram que hoje ocorre uma fusão do ser humano com o ambiente natural, diferente de antes, onde, somente por meio do olhar distante, privilegiava-se a natureza. Agora, trata-se de um verdadeiro mergulho na natureza, onde todas as informações contidas na natureza podem ser captadas ou sentidas por meio do uso dos sentidos, fazendo com que, ao tocarmos a natureza somos por ela tocados, não existindo mais o limite entre ela e o corpo, conforme também argumenta SCHWARTZ (2001), quando utiliza a metáfora do corpo

como espaço ecológico, salientando a importância de se estreitar efetivamente a relação homem-natureza.

Essas experiências advindas com o processo de experimentação, nos mostram um jeito especial de adquirir conhecimentos do ambiente interpretado via informações do corpo. Esse processo de conhecimento, proporcionado pelas AFAN, nos dá pistas de como os sentidos corporais podem ajudar o ser humano a se perceber e perceber a natureza, essa experiência sensível, abarrotada de valores e sensações, que faz emergir um sentimento de união e contemplação, juntamente com a construção de uma ética baseada no respeito e no redescobrimento.

Para BÉTRAN (1995), as práticas de AFAN diferem das atividades esportivas convencionais devido aos locais de execução, dos meios para desenvolvê-las (aparato tecnológico) e de seus objetivos.

Em texto mais recente este autor (op cit 2003) evidencia que estas “(...) *são práticas originais da atualidade*”(p.164) e, conforme ele próprio salienta, “(...) *por serem basicamente atividades físicas de diversão, o corpo não é um meio, mas um fim em si mesmo, já que é o destinatário final de todas as sensações e emoções que o indivíduo vai experimentar*” (p.165).

Desta maneira, o autor citado acima usa a sigla AFAN para designar estas atividades físicas de aventura na natureza. Ele considera “atividades físicas” como:

(...) práticas individualizadas que se fundamentam, geralmente, em condutas motrizes como o deslizar-se sobre superfícies naturais, onde o equilíbrio para evitar a queda e a velocidade de deslocamento aproveitando as energias livres na natureza constituem os diversos níveis de risco controlado no qual se baseia a aventura (BETRÁN, 1995:6).

Várias são as definições apontadas na literatura sobre estas atividades praticadas em contato com a natureza, onde as mesmas recebem inúmeras denominações, tais como: atividades de aventura, esportes tecnoecológicos, esportes em liberdade, esportes californianos, esportes radicais, esportes selvagens entre outros, como expõe MARINHO (1999).

Vários estudiosos da temática relatam a carência de uma terminologia clara e precisa. Muitas foram construídas ao longo desta década, mas ainda encontram-se longe de serem consolidadas (FERNANDES, 1998).

Essas atividades podem ser classificadas de diversas maneiras, como evidencia BETRÁN (1995), devido ao local onde são praticadas, ou quanto aos objetivos a serem alcançados. As atividades são praticadas no ar, na terra e na água. Alguns exemplos de atividades praticadas no ar são: paraquedismo, parapente, asa delta, *bungee jump* entre outras. Na terra, são exemplos de atividades, o *trekking*, *rappel*, *skateboard*, *snowboard*, *mountain bike*, arvorismo e a escalada livre etc. Na água enumera-se o surfe, o *rafting*, o *hidroespeed*, o *duck* entre outras, incluindo aquelas que se originaram da junção de técnicas, como o *canyoning*, que se trata da união técnicas de *rappel* e caminhadas junto aos leitos dos rios.

Ao falar em denominações, conceituações e classificações, BETRÁN (2003) relata em seu estudo que, para se conseguir uma classificação correta e segura das AFAN, necessita-se seguir um critério que englobe cinco divisões: meio físico, características psicomotrizas, as práticas, o impacto sobre o meio ambiente e a implicação sócioprática.

Segundo ele, por meio destes critérios, consegue-se minimizar possíveis problemas de classificação, como também, pode-se perceber o quanto de positivo essas atividades proporcionam e, ao agir dessa forma, consegue-se abarcar todos os quesitos necessários para que se consiga realizar uma classificação clara, objetiva, útil e eficaz destas práticas.

O presente estudo adota também a mesma expressão sugerida por Betrán, qual seja – AFAN - por ser esta a designação de toda e qualquer atividade feita em meio natural, portadora de características peculiares, envolvendo os aspectos do risco controlado e permeado pelo limite das vivências lúdicas, fazendo valer a dimensão corporal e motriz do ser humano com ela envolvido, bem como, o que elas exprimem, como a busca pelas sensações e emoções junto à natureza.

As AFAN não podem ser consideradas individuais ou individualizantes, como expõe o autor, pois, a maioria das vivências praticadas na natureza necessita da presença de mais de uma pessoa. Por exemplo, na escalada, o guia e o praticante precisam de uma reciprocidade de entendimento, confiança e comunicação, quanto a sua execução. Estes elementos são visíveis, por exemplo, na prática do *trekking* ou do *rafting*, onde o grupo atua de maneira a praticar a sociabilidade, a cooperação e a trocar informações, onde o cuidar de si próprio e do outro se torna muito importante, evidenciado-se nestas atividades a aventura compartilhada, gerando laços interpessoais de amizade e confiança.

Pode-se notar também que outra grande diferença destas AFAN em relação aos esportes modernos é que as primeiras proporcionam ao ser humano uma relação mais sensível consigo próprio, fazendo-o perceber-se enquanto ser e, enquanto tal, perceber-se em relação com a natureza, por meio das experimentações novas advindas destas práticas.

Ao se referir às AFAN, MASCARENHAS (2003:79) salienta que estas, devido ao seu ambiente de prática, diferem dos esportes em geral, pois estes se realizam em edificações fixas na paisagem, quer seja na área urbana ou não, o que não acontece com as práticas na natureza, por apresentarem uma territorialidade provisória e “(...) *tendem a promover uma grande expansão do “espaço esportivo”, liberta a prática esportiva dos lugares tradicionalmente a ela estabelecidos “(...) e essas novas práticas, tem como fator fundamental para a sua realização (...) o desconhecimento do espaço onde vai se realizar a prática”.*

COELHO dos SANTOS (1997) dá sua contribuição, alegando que as diferenças se baseiam no fato destas novas atividades não exigirem resultados, performance e recordes, que são os elementos exigidos pelos esportes modernos, onde o corpo é o meio para se conseguir a vitória. A procura por estas atividades não se limita apenas à busca pela performance, segundo BRUHNS, (2003:31), mas, também, “(...) *por sensações e emoções; as novas sensibilidades relacionadas ao corpo e a presença de feminismo como valor, envolvendo a figura do novo herói e da flexibilidade”.*

Ao dar mais ênfase ao processo de realização de tal prática, BETRÁN, (2003:163) evidencia que “(...) *o desequilíbrio e a inversão corporal constituem no paradigma do inovador, do temido e do admirado (quase do proibido), sendo o processo e não a meta que se pretende”.*

Essa busca por atividades que estejam fora do ambiente urbano tem levado o ser humano a repensar sua relação com a natureza, evidenciando o quanto este esteve ausente e agora a procura novamente, com diversos objetivos, como relatam vários autores, dentre eles BRUHNS (1997).

Segundo ELIAS & DUNNING (1992), antes do “*processo de civilização*” o ser humano concebia a natureza de forma utilitarista, tomando-a apenas como um local de onde provinha todo seu sustento, porém, nos tempos atuais, este vem redimensionando suas concepções. Estas mudanças giram em torno de concebê-la como fonte de inúmeras vivências significativas, num processo simbiótico, no qual o homem pode exercitar, inclusive, sua consciência ecológica, conforme salienta BOFF (1999) e, também, a convivência consigo mesmo e com o outro.

Essa idéia de retorno à natureza, propiciada pelas práticas de atividades físicas de aventura, é reiterada por COSTA & TUBINO (1999) e BRUHNS (1997), quando evidenciam estas experiências vivenciadas com uma intencionalidade de reconciliação, após um período em que a relação humana com a natureza pautou-se no caráter utilitarista.

Nota-se, com esse retorno, um processo, não de retomada ou tentativa de ter a natureza como antes, pois, isto não é mais possível, segundo GIDDENS ET AL (1997). Para os autores, o que se nota hoje é um novo despertar de interesse pela natureza, uma busca por novos estilos de vida.

A prática destas atividades em áreas de atrativo natural, no âmbito do lazer, pode ter um cunho educacional ou recreativo e ser vivenciada de maneira ativa, por meio dos esportes, ou passiva, apenas observando, contemplando ou discutindo o meio ambiente inserido nele, podendo gerar uma nova consciência acerca do meio natural e criar um conceito e uma cultura voltados ao desenvolvimento sustentável.

O vencer limites, a auto-superação e todas as emoções percebidas com a prática de atividades físicas de aventura na natureza, também fazem parte do contexto de expectativas e interesses desses aventureiros. O prazer em sentir vertigens faz com que o

ser humano deixe de lado a vivência de atividades apenas pautadas na segurança do cotidiano, por outras praticadas ao ar livre, que o expõe a outros desafios e ao imprevisível, porém de forma lúdica e controlada.

A experiência buscada nestas atividades resulta no “(...) *produto de um desejo de quebra que busca experiências novas e prazerosas, passíveis de explicação (...) que propiciam o autoconhecimento corpóreo e incrementam o reconhecimento pessoal, a segurança e a auto-estima* (BETRÁN, 2003:163).

Estas atividades nascem como uma forma de reação ao que o meio urbano fez com o esporte, inserindo neste a competição e a rivalidade entre outros elementos. A busca por estas atividades centra seu foco em experienciar emoções diferentes, prazerosas, conquistar a plenitude pessoal, como também, valorizar os aspectos recreativos e lúdicos, junto à natureza (BENTO, 1991).

Para PARLEBAS (1987), o fato de lidar com o imprevisto, mesmo com toda a segurança proporcionada por uma técnica apurada, por materiais altamente controlados, é o que diferencia estas atividades daquelas praticadas em meio urbano, pois estas últimas não proporcionam surpresas e reforçam mesmices.

A busca contemporânea por novas sensações e o retorno ao meio ambiente natural, com o auxílio das novas possibilidades tecnológicas e equipamentos específicos, se deu na promoção destas novas práticas esportivas e, com isso, a viabilização destas junto a ambientes de difícil acesso (LACRUZ & PERICH, 2000).

SCHELP (2003:70) salienta em seu estudo, que o índice de aceitação das AFAN como uma das maneiras de vivenciar o lazer é muito grande. A razão da procura por

essas atividades é uma tendência do ser humano pelo gosto de ir de um extremo ao outro, de superar obstáculos, tanto no ambiente de trabalho quanto na natureza.

Para o autor, *“(...) entre os homens e as mulheres, vê-se a todo instante, a cintilação da aventura por trás de todas as atividades humanas. Talvez em nenhum campo isso seja mais visível do que nos chamados esportes radicais”*.

Em sua pesquisa, o autor acima citado, procurou também saber o porquê do interesse do homem por essas atividades e para isso, contou com apoio de vários especialistas, como psicólogos, profissionais de educação física, sociólogos etc. Pode-se evidenciar que a natureza humana fala mais alto quando o assunto é dar vazão às sensações de alegrias e violências, e isso é bem-visto nesses esportes, é o que se pode chamar de válvula de escape para aliviar o estresse do dia a dia. Outros especialistas falam da combinação entre alto risco e o índice baixo de acidentes, que são conquistados pela via do desenvolvimento qualitativo do aparato tecnológico, que transforma o risco real em fictício. Nota-se, também, nos depoimentos que, grande parte das pessoas que buscam por esses esportes, internaliza a possibilidade de ser super heróis, vencer obstáculos como se fossem deuses, denotando um ritual de passagem, do mundo real para o sagrado e finalizando como um vencedor.

Mediante todo esse processo envolvido nas práticas de atividades físicas de aventura na natureza, a busca pelo prazer contido nelas e, ao mesmo tempo, pelas mais diferentes sensações, levam a crer que estas são atividades que possibilitam resgatar e reatar a qualidade da relação sujeito-sujeito e este com o meio ambiente, como expõe BRUHNS (1997).

BOFF (1999), neste mesmo sentido, evidencia que essa relação deve basear-se na cooperação/interação e não somente na intervenção/competição. Esta relação, quer seja sociedade/natureza ou ser humano/natureza deve implicar em uma mudança de valores e atitudes para que se possa, realmente, compreender o significado da relação consigo próprio e com os outros, inclusive, no que tange aos aspectos de papéis sociais e de gênero.

Segundo BETRÁN (2003), estas práticas valorizam o indivíduo, pois, não há distinção de sexo, idade ou nível social. Estas se cercam do cooperativismo, da união em se chegar a um fim comum: a aventura.

#### **2.5.2.2 As Atividades físicas de aventura na natureza e a participação feminina**

Com tais características, focaliza-se a crescente participação feminina nestas práticas, uma vez que a possibilidade desse reencontro está aberta para ambos os sexos e, de acordo com os estudos de BRUHNS (2003) e JORDAN (1992), a mulher hoje em dia, vem encarando essas vivências como uma forma de lazer, além de que, as mulheres, após conquistarem os diversos espaços sociais, demonstrando suas capacidades e habilidades, se mostram seguras e capazes para enfrentar mais esse desafio, que são as vivências de aventura na natureza.

A presença feminina nas atividades físicas de aventura na natureza vem crescendo a cada dia. Nota-se esse fato quando os diversos meios de comunicação de massa veiculam matérias e dados numéricos sobre a entrada da mulher em mais este espaço, como também, apontam para a capacidade feminina em suportar as mais diferentes situações encontradas na prática dessas atividades.

Em seus estudos, BIALESCHKI (1992) aponta essas vivências femininas junto ao meio ambiente natural e nos mostra que, ao contrário do que se vê, as mulheres que praticam as AFAN se mostram igualmente fortes e resistentes junto aos homens. Segundo a autora, em muitos relatos de experiência, essas mulheres, relacionam essas práticas como um desafio interior, uma viagem rumo ao desenvolvimento pessoal, ao contrário dos homens, que as vêem como um desafio exterior, concepção essa masculina.

Autores como HERDENSON (1992), HUMBERSTONE (1998) e JORDAN (1992) apontam esse processo de experimentação de novas sensações e autoconhecimento. Segundo as autoras, a mulher enxerga a natureza como um meio de conseguir independência, equilíbrio interior, relaxamento, aumento da auto-estima, auto-integridade e capacidade de decisão. Diferente da população masculina, que é orientada a ter a natureza sob a ótica do desafio, da conquista, do sentimento de domínio ou da competição.

BRUNHS (2003) também expõe seu pensamento acerca dessa discussão e mostra que essas vivências na natureza, quer seja uma simples caminhada ou um outro tipo de atividade qualquer, como fontes carregadas de valores femininos, ou seja, estas vivências carregam fortes valores subjetivos, como a fragilidade, a sensibilidade e a passividade, elementos estes que, por muito tempo, fizeram parte do vocabulário masculino a respeito das mulheres e as encarceraram ao ambiente doméstico.

Sobre esta questão, torna-se interessante elucidar um movimento que surgiu paralelo ao movimento feminista na década de 70, o qual tratava-se do ecofeminismo, um movimento composto por feministas que lutavam pela conservação do meio ambiente. Autoras como PULEO (2002) e ABOGLIA (2002) relatam em seus estudos que o patriarcalismo, por muito tempo, encarou “mulher e natureza” como sinônimos de

submissão e dominação. No entanto, para as ecofeministas, serão estas características que salvarão o planeta da destruição e do poder do homem, pois as mulheres, possuidoras de atitudes mais ligadas ao subjetivo, ao maternal, predispõem-se ao pacifismo e à preservação do meio ambiente natural.

É neste sentido que BRUNHS (2003:49) expõe seu raciocínio e relata que as atividades vivenciadas na natureza caminham lado a lado com as características femininas, as quais diferem dos masculinos, que demonstram heroísmo e frieza. Logo, muitas atividades, necessitam de sensibilidade e delicadeza para que se consiga usufruir todas as sensações e emoções por elas proporcionadas. Segundo a autora,

(...) a presença de mulheres (...) aproxima-se da rejeição ao desejo agressivo de exercer o poder, da fama, ambição, coragem física, conquistando um espaço em um poder potencial, em que imagens da passividade, da aceitação e da fraqueza tornam-se presentes, muito próximas de uma ética feminina operando na base da aceitação do laço emocional com o outro, da identificação, da simpatia, da reciprocidade.

Algumas pesquisas realizadas com atletas femininas, das mais variadas modalidades, remetem aos benefícios advindos destas práticas e reportam a identificação da inserção destas características acima expostas em seus depoimentos, como no estudo de CASO (2003), a qual realizou uma entrevista com Renata Falzoni, produtora e apresentadora de programas ligados à prática de esportes de aventura, fundadora dos *night bikers*, para o Jornal Estadão, no suplemento feminino. Para Renata, a busca pelas AFAN, reflete uma tendência de comportamento. As mulheres que passaram boa parte de suas vidas no mundo doméstico, agora se encontram livres para realizarem as suas vontades, são mais prudentes e possuem maior autocontrole que os homens.

Segundo a autora, as mulheres estão entrando para este mundo da aventura, seja como válvula de escape para o estresse dos grandes centros urbanos, fuga do cotidiano ou, simplesmente, buscando o desafio, a aventura e a superação de seus limites. Para as praticantes, escalar montanhas, rochas e descer corredeiras, feitos que até então eram associados ao público masculino, hoje fazem parte de seus vocabulários aventurecos. Essa idéia vem se alterando moderadamente com o crescente interesse pela aventura e pelo risco, demonstrando, também, que estes elementos podem estar associados às características femininas.

Pode-se exemplificar estas questões quando se situa o montanhismo, uma atividade que tem participação efetiva da mulher, segundo Karem Calvette, que faz parte da equipe Inema, em uma reportagem realizada pelo site INEMA (2003). Ela relata que esta atividade lhe ensinou muitas coisas que puderam ser aplicadas tanto na vida pessoal como na profissional. Ela adquiriu mais concentração e garra, além de trabalhar com mais convicção e atitude, demonstrando, desta forma, que também a recíproca pode ser verdadeira, isto é, tanto a sociedade pode levar à mudança de atitudes em relação à participação feminina nas novas práticas, como também, a vivência de emoções e experiências significativas durante as atividades na natureza, podem reverberar em mudanças de atitudes e condutas nas esferas da vida.

Neste mesmo sentido, SPURI (2003), repórter de um site feminino, realizou uma entrevista com Moara Sacilotti, primeira mulher a participar do Rally dos Sertões na categoria motos. Segundo Moara, nunca aconteceu um evento onde houvesse tantas mulheres, somando um total de 30 competidoras e ela salienta que não se trata somente desta prova, nos outros esportes a presença feminina vem crescendo rapidamente. Ela

comenta que não se trata de ter capacidade física para atividade e sim, um maior controle do aspecto psicológico, coisa que a mulher tem em abundância.

ORLANDI (2003) corrobora com a autora acima citada e relata que, as mulheres são mais equilibradas que os homens, estes se irritam e se estressam com mais facilidade. As atletas fazem uso de outros elementos presentes em suas características, como os aspectos ligados a emoção e a sensibilidade, para saírem de determinadas situações momentâneas exigidas nas atividades.

Além desse maior controle emocional, a autora nos mostra ainda que, as capacidades físicas femininas, vêm contribuindo para a mudança de visões acerca da mulher atleta, principalmente, nas corridas de aventura, onde o desgaste nos diversos aspectos é grande e a população feminina vem mostrando ser capaz, superando todos os obstáculos e recebendo diversos elogios por parte da camada masculina, dentre estes homens, a autora cita Alexandre Freitas, organizador da EMA e responsável pela Sociedade Brasileira de Corrida de Aventura, o qual dá testemunho da supremacia feminina.

Portanto, pode-se perceber, por meio destes depoimentos, que as AFAN vêm contando com a efetiva participação do público feminino e atuando na esfera de mudanças atitudinais.

Em uma pesquisa realizada pelo WEBVENTURE (2002), um *site* dedicado ao esporte de aventura, com uma mostra de 689 pessoas, 163 eram mulheres, destas 60% praticavam regularmente AFAN, 36% diziam-se interessadas e 5% eram atletas profissionais. Em comparação ao público masculino, 17% diziam-se interessados, 72% eram praticantes e 11% eram profissionais.

Segundo o idealizador desta pesquisa, a população feminina praticante vem crescendo ano a ano. Em 1999 era composta de 17%, em 2000 foi para 21% e em 2001 atingiu a casa dos 24%. Uma das justificativas para esse crescimento situa-se no papel da mídia, onde estes importantes meios de comunicação e divulgação de idéias têm apostado na “aventura” para exporem este mercado em desenvolvimento, tanto no que tange à prática de esportes, quanto ao que remete a divulgar notícias dos eventos e equipamentos. Um segundo motivo, trata-se da presença de grandes atletas femininas atuantes nas mais variadas modalidades.

LACRUZ & PERICH (2000), após concluírem seus estudos sobre a prática de AFAN pela população feminina, elaboraram um mapa sobre os estados emocionais das mulheres praticantes e chegaram aos seguintes resultados.

De acordo com suas pesquisas, cinco pontos fundamentais referentes à vida profissional e pessoal das participantes dos estudos, foram alterados ou acrescidos após a vivência dessas atividades.

Primeiro, a vida cotidiana, onde houve uma diminuição das tensões diárias, um aporte maior de energias positivas, mais precisamente, uma revitalização, como também, uma mudança na rotina diária.

Segundo, os processos ligados à identidade, onde se notou mudanças interiores, como o reencontro consigo próprio e com a natureza, a busca da identidade e do reequilíbrio, entre os diversos fatores que contribuem para uma vida mais tranqüila e estável.

Terceiro, as atitudes e os valores, percebendo-se mudanças comportamentais, ligadas às ações junto ao meio ambiente, como também, relacionadas

com as mudanças de atitude com as pessoas a sua volta, assim como, alterações positivas ligadas ao bem-estar e satisfação.

Quarto, os comportamentos e as ações, os quais, segundo as participantes do estudo, após usufruírem as sensações proporcionadas pela prática, como o medo, o risco e as situações de desafio e superação de limites, sentiram-se mais confiantes em suas ações, habilidades e capacidades, tanto no meio profissional quanto pessoal.

Quinto, os processos motivacionais, havendo um aumento na motivação para buscar resultados e objetivos, um aumento da concentração, para a tomada de atitude correta e rápida, como também, nas capacidades físicas.

Pode-se perceber que, existem algumas relações entre a prática de AFAN e a figura feminina, com suas características e comportamentos, como também, entre os processos emocionais femininos e as possíveis ressonâncias dessas atividades no cotidiano dessas mulheres.

Neste sentido, uma das inquietações geradoras deste estudo centrou atenção na possibilidade de uma reação dialética, instigando a averiguação sobre se as mudanças sociais poderiam ter estimulado a entrada da mulher nestas atividades, como também se a participação efetiva nas mesmas poderia ter gerado mudanças de comportamento, catalisando novos valores no âmbito social.

### **III – MATERIAL E MÉTODO**

#### **Objetivo**

Este estudo objetivou averiguar as possíveis relações da crescente participação feminina em atividades físicas de aventura na natureza e o redimensionamento de seu papel na sociedade.

#### **3.1 Natureza da Pesquisa**

O estudo teve uma abordagem qualitativa, pelo fato de que estudos que utilizam essa abordagem mostram resultados mais relevantes, como evidencia RAMPAZZO (1998) tanto para os indivíduos que estão envolvidos na pesquisa, como também para a área a qual o estudo faz parte. Segundo o autor, ao se fazer uso dessa abordagem, dá-se uma maior valorização ao ser humano, visto que este não é passível de ser reduzido a números e quantidades.

LUDKE e ANDRÉ (1986) relataram que esta abordagem proporciona uma análise mais completa das respostas dos entrevistados. Complementando esta concepção,

RICHARDSON (1989) relata que este tipo de pesquisa amplia, de uma forma mais intensa, a captação dos fenômenos e de suas mudanças, dentro do processo social.

Segundo ALVES-MAZZOTTI (1998) e GOLDENBERG (1998), pela diversidade e maleabilidade das pesquisas qualitativas, estas se tornam empregáveis a uma gama de recortes sociais, além de compreenderem, de maneira mais profunda, a população ou o grupo pesquisado.

Para o desenvolvimento do estudo, foram organizadas duas etapas, sendo a primeira referente a uma revisão de literatura, a qual, segundo RUIZ (1978), deve abranger a temática em questão pautadamente, com o intuito de captar as produções existentes relacionadas, neste caso, aos temas como, lazer, gênero e atividades de aventura.

A revisão de literatura, segundo OLIVEIRA (2001:243), é um processo importante dentro de um estudo. Esta procura discorrer sobre “... *as idéias, fundamentos, problemas, sugestões*” dos autores sobre os assuntos abordados na temática proposta, conhecendo as diversas contribuições da literatura sobre os assuntos abordados no estudo.

Para MARCONI e LAKATOS (1999), o objetivo de um levantamento bibliográfico é expor o pesquisador frente a outros estudos que abordam assuntos que vão complementar sua pesquisa. Para os autores, esta revisão não se finda em transcrever as idéias dos autores levantados, e sim, propiciar ao pesquisador uma discussão sobre outros enfoques que outros autores dão à temática.

A segunda etapa é relativa a uma pesquisa exploratória, onde se pode adentrar no universo da amostra analisada, auxiliando o conhecimento da situação, na tentativa de averiguar os principais problemas para, em uma fase posterior, apresentar possíveis soluções, como relatam THIOLENT (1992) e RICHARDSON (1989).

Para MARCONI e LAKATOS (1999:87) o objetivo de realização de uma pesquisa exploratória se justifica na

(...) formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos.

Para OLIVEIRA (2001) as pesquisas exploratórias proporcionam ao pesquisador averiguar, de maneira minuciosa, a construção prévia do assunto abordado, evidenciando-se as possibilidades de se avançar nas reflexões propostas.

### **3. 2 Instrumento**

Para este estudo, utilizou-se como instrumento para a coleta de dados uma entrevista estruturada, também conhecida como padronizada, contendo perguntas abertas. Segundo LUDKE & ANDRÉ (1986); SELLTIZ ET AL (1972) e ALBARELLO ET AL (1997), este tipo de instrumento se caracteriza por possuir um roteiro de questões, dispostas numa seqüência lógica e aplicado de maneira uniforme a todos os entrevistados.

De acordo com os estudos de SELLTIZ ET AL (1972), a entrevista padronizada contendo perguntas abertas fornece maior liberdade aos entrevistados para se expressarem, como também, oportunidade de respostas conforme seus quadros de referência sobre o tema proposto.

LUDKE & ANDRÉ (1986) relatam em seus estudos que este tipo de instrumento facilita a captação dos resultados de maneira uniforme entre os participantes da

entrevista, devido ao fato da padronização das questões e favorece uma comparação imediata dos dados.

Complementando os dados acima, ALBARELLO ET AL (1997:89) evidencia que, “(...) a entrevista é o instrumento mais adequado para delimitar os sistemas de representações, de valores, de normas veiculadas por um indivíduo”.

Para a elaboração do roteiro das perguntas seguiu-se a seguinte sistemática, proposta por OLIVEIRA (2001). Inicialmente tomou-se o cuidado de elaborar um perfil da amostra, contendo os dados dos respondentes, como idade, profissão, escolaridade, tipos de atividades praticadas, os locais da prática e o tempo de prática. Houve a preocupação de fazer uma seqüência lógica das perguntas, sendo assim, partiu-se das mais simples para as mais complexas, deixando para o final, questões mais pessoais.

Este instrumento passou pelo processo de validação, feita por meio da apreciação de três especialistas da área, portadores do título de doutor, com o objetivo de se obter possíveis sugestões para a elaboração do instrumento definitivo. Este procedimento permitiu mais clareza das perguntas que permearam o roteiro, podendo garantir, maior fidedignidade para com os objetivos do estudo. (Apêndice II).

### **3.3 Sujeitos**

A amostra selecionada para participação no estudo constou de 30 mulheres, com idades variadas, praticantes freqüentes das diversas modalidades de AFAN.

A amostra analisada foi constituída por mulheres privilegiadas em termos de acesso à educação, uma vez que estas possuem nível superior de escolaridade ou, no mínimo o segundo grau. Este privilégio pode ser associado ao nível de escolaridade, no

entanto, não foi preocupação deste estudo inquirir sobre o nível socioeconômico das participantes.

Para a seleção da amostra do estudo, inicialmente, realizou-se uma busca por *sites* de esportes de aventura, no intuito de encontrar os “*murais de recados*”, espaços estes utilizados pelos praticantes para fazerem contatos entre si. Os usuários destes murais deixam seus recados para os praticantes em geral, além dos endereços eletrônicos para contatos futuros.

A pesquisadora, de posse desses endereços, encaminhava um e-mail convidando a praticante, das diversas regiões do país, a fazer parte da pesquisa e, mediante a informação-chave do estudo, que se trata de ter no mínimo, um ano de experiência com as AFAN, encaminhava uma carta convite, que se encontra no Apêndice I. Com base na anuência destas praticantes, procedeu-se à aplicação do instrumento.

### **3. 4 Coleta dos Dados**

De posse do instrumento definitivo, procedeu-se às entrevistas, as quais foram realizadas individualmente pela pesquisadora, utilizando-se a rede *Internet* de comunicação, tendo em vista que a amostra foi constituída por pessoas de diferentes partes do país, conforme evidenciado anteriormente.

Este tipo de entrevista feita utilizando-se meios eletrônicos pode facilitar o alcance de dados em diferentes pontos distantes dos centros de pesquisa, conforme relata AMARAL (2001), onde a autora evidencia considerações sobre o valor da rede *Internet* como uma fonte de pesquisa e coleta de dados.

A utilização da rede *Internet* no âmbito das pesquisas acadêmicas já tem sido evidenciada em outros estudos, os quais salientam mais esta contribuição como elemento técnico, que auxilia na configuração das pesquisas, tanto em nível qualitativo como quantitativo.

Segundo GOELLNER (1999), as pesquisas sobre as questões de gênero, as quais utilizam os recursos virtuais, ou seja, os *sites* da *Internet*, não são mais consideradas sem valor ou menos confiáveis. Atualmente, esse meio de busca vem sendo utilizado com bastante frequência pelos diversos pesquisadores, dentre eles, SILVA (2000), SCHWARTZ et al, (1998); SCHWARTZ et al, (2003), SCHWARTZ (2003) e sendo considerado uma realidade, deve ser encarado com seriedade e respeito, visto que, no âmbito das pesquisas qualitativas, este faz circular múltiplas e distintas formas de ampliar conhecimento e estabelecer contatos.

O uso correto desse recurso tecnológico na viabilização de pesquisas pode ser de grande utilidade, tendo em vista alguns de seus componentes, como o anonimato e a possibilidade de interrupção da ação oferecida aos sujeitos participantes, bem como, ao pesquisador, no caso de desvio de interesse e objetividade sobre a pesquisa.

A veracidade das respostas foi garantida da seguinte maneira: para compor a amostra representativa sugerida para o estudo foram desconsideradas as entrevistadas em que as participantes, ao longo da aplicação do instrumento da pesquisa, não demonstravam interesse em responder adequadamente ou não interagiam satisfatoriamente com o rigor da entrevista. Estas foram substituídas, então, por outras entrevistadas, as quais apresentavam um teor relevante de respostas, completando-se, assim, as 30 mulheres participantes.

### 3. 5 Análise dos Dados

O material coletado durante as entrevistas foi analisado de maneira descritiva, uma vez que, segundo RICHARDSON (1989), esta forma evidencia mais claramente o comportamento das variáveis intervenientes no estudo.

Os dados foram analisados por meio da utilização da Técnica de Análise de Conteúdo Temático, que, segundo BARDIN (1977), trata-se de um conjunto de técnicas que analisa as comunicações de maneira sistemática, revelando o conteúdo das mensagens emitidas e inferindo possíveis conhecimentos pertinentes a estas mensagens.

RICHARDSON (1989) também salienta que a Técnica de Análise de Conteúdo é um instrumento metodológico, o qual passa por um constante aperfeiçoamento, podendo ser utilizado em uma série de discursos. Em termos práticos, o autor relata que, inicialmente, deve-se selecionar e retirar do discurso temas ou palavras, que são interessantes e pertinentes ao estudo.

Para se realizar com sucesso este tipo de técnica é importante a realização de uma classificação, em etapa prévia, possibilitando a visualização dos dados estatisticamente, facilitando a comparação dos resultados, como também, a elaboração e o estabelecimento de categorias, para tornar mais fácil a análise do material coletado, segundo relatam MARCONI e LAKATOS (1999).

De posse das informações fornecidas pelos autores, resume-se o método de análise utilizado neste estudo da seguinte forma: primeiramente, foi realizada a escolha da Unidade de Análise, que para essa pesquisa, decidiu-se pela análise temática. Logo em seguida, determinou-se os quatro indicadores, os quais nortearam o agrupamento das

respostas em temas semelhantes, sendo estes: *motivos de aderência à prática de AFAN pela população feminina; relação prática de atividades e o papel feminino; dificuldades e barreiras percebidas pelas mulheres na prática de AFAN; ressonância das práticas das AFAN no papel social feminino.*

Os resultados obtidos foram representados e distribuídos de forma percentual, o que, para GOODE e HATT (apud MARCONI e LAKATOS, 1999); assim como para OLIVEIRA (2001); GOODE (1979) e WEATHERALL (1970), simplifica a maneira de visualizar os dados qualitativos, ilustra, de forma numérica, os dados qualitativos, facilitando a análise dos mesmos à luz da literatura e melhor compreensão dos fenômenos.

Segundo FILHO e SANTOS (1998), assim como MARCONI e LAKATOS (1999), o uso de tabelas é um fator interessante para melhor distribuição e visualização da frequência de uma dada classe ou categoria.

Pode acontecer, segundo MARCONI e LAKATOS (1999) e OLIVEIRA (2001), de aparecer mais de uma opção nas respostas, tornando-se, neste caso, necessário evidenciar os números brutos que elas representam, para fins de esclarecimentos de dúvidas quanto ao cálculo do resultado apresentado, como também, torna-se importante enfatizar que algumas questões obtiveram mais de uma resposta por entrevistada, alterando, dessa forma, a apresentação percentual.

#### **IV – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Ao investigar o perfil da amostra analisada, verificou-se que a faixa etária se encontrava entre 17 e 42 anos, sendo quatro mulheres de 17 a 20 anos, com um percentual de 13,32% da amostra; dezesseis mulheres de 21 a 30 anos, com percentual de 53,37% e onze mulheres de 31 a 42 anos, com um percentual de 33,31%.

Quanto ao nível profissional das entrevistadas, pode-se perceber a participação de 20,0% de mulheres ligadas à área de turismo, como guias e agentes de viagens; 20,0% de universitárias e estudantes de 2<sup>o</sup> grau; 16,67% de professoras de Educação Física; 6,67% de publicitárias; 6,67% de advogadas; 6,67% de jornalistas; 3,33% de secretárias; 3,33% de bombeiras; 3,33% de pedagogas; 3,33% de engenheiras civis; 3,33% de diretoras executivas; 3,33% de economistas e 3,33% de psicólogas.

Pode-se verificar, também, quanto ao nível escolar, que 53,33% das entrevistadas possuíam nível superior completo e, para 23,33%, este ainda estava em andamento. Em relação à população que tinha apenas o segundo grau, esta representou um total de 23,33%.

Quanto às atividades mais praticadas pela amostra do estudo, notou-se que todas relataram participar em mais de uma modalidade, totalizando 93 respostas, e que estas se concentravam nos três elementos das AFAN: terra, água e ar.

Quanto aos tipos de atividades mais praticadas, 15,05% das entrevistadas evidenciaram a escalada; 11,83% o *mountain bike*; 11,83% apontaram o *trekking*; 10,75% a corrida de aventura; 9,68% o *canyoning*; 6,45% o *rafting*; 6,45% evidenciaram as trilhas; 5,37% o *rapel*; 5,37% o mergulho; 4,30% o montanhismo; 3,23% a canoagem; 2,15% salientaram o *bóia-cross*; 2,15% a espeleologia; 2,15% o *acquaride*; 1,08% o arvorismo; 1,08% o *snowboard* e 1,08% evidenciaram o balonismo.

Quanto ao local da prática das atividades físicas de aventura na natureza, pode-se notar que as entrevistadas apontaram mais de uma cidade também.

As regiões mais citadas pelas entrevistadas foram o sudeste (77,5%), o sul (7,5%), o centro-oeste (12,5%) e o nordeste (2,5%). Da região sudeste, as cidades mais citadas do estado de São Paulo foram Brotas, com 27,5%; São Paulo, 10,0%; Bragança Paulista, com 5,0%; São Carlos, 5,0%; Paranapiacaba, 2,5%; Tambau, 2,5%; Analândia, 2,5%; Salesópolis, 2,5%; São Bento do Sapucaí, 2,5%; Jambeiro, 2,5% e Socorro, 2,5%. Do estado do Rio de Janeiro, as cidades mais citadas foram Niterói, 2,5% e a cidade do Rio de Janeiro, 5,0%. Já no estado de Minas Gerais, as cidades mais citadas foram, Lagoa Santa com 2,5% e Caeté, com 2,5%.

Da região sul, três cidades foram apontadas: Foz do Iguaçu, 2,5%; Florianópolis, 2,5% e Porto Alegre, 2,5%.

Da região nordeste, o único estado apontado foi a Bahia, com 2,5%.

Da região centro-oeste, duas cidades foram citadas: Brasília, com 2,5% e Bonito, com 10,0%.

Pelos dados acima mostrados, pode-se evidenciar que a região sudeste foi a mais apontada pelas entrevistadas, como pólos de prática das AFAN, talvez pelo fato da região ser mais rica em locais favoráveis já identificados para a vivência destas atividades, como montanhas, rios e cachoeiras, ou mesmo, pelo fato de que estes locais já contam com uma sistematização para estas práticas, como infra-estrutura básica, empresas especializadas, facilidade no acesso, entre outras possibilidades.

O fato da região sudeste ter sido considerada como um dos grandes locais para a prática de AFAN, pode ser corroborado por MASCARENHAS (2003), quando o autor aponta a territorialidade dos esportes de aventura, elegendo e apontando os locais mais freqüentados pelos turistas praticantes de AFAN.

O tempo de prática destas atividades variou de 1 a 14 anos, sendo quinze mulheres na categoria compreendida entre 1 e 3 anos de prática, totalizando um percentual de 50,0%; doze mulheres se encaixam na categoria de 4 a 7 anos de prática, somando um percentual de 40,0% das entrevistadas e três mulheres são da categoria de 8 a 14 anos, totalizando um percentual de 10,0%.

A análise dos depoimentos teve como base as questões apresentadas no Apêndice II. Para facilitar a compreensão, as questões foram agrupadas em 4 indicadores, de acordo com os temas, conforme já explicitado nos procedimentos para a análise dos dados, correspondendo a: *motivos de aderência à prática de AFAN pela população feminina; relação prática de atividades e o papel feminino; dificuldades e barreiras*

*percebidas pelas mulheres na prática de AFAN e a ressonância das práticas das AFAN no papel social feminino.*

Para melhor visualização do teor das respostas, assim como, do perfil de cada participante da amostra, estes dados encontram-se expressos resumidamente no apêndice III.

#### **4.1. Motivos de aderência à prática de AFAN pela população feminina**

As duas perguntas, agrupadas neste primeiro indicador, procuraram evidenciar de que maneira ocorreu o contato com essas atividades e que motivos são apontados pela população feminina no que tange à aderência a essas práticas.

**Questão 1: Como você teve contato com as AFAN? Explique sua resposta.**

| <b>Respostas</b>                                                                                                                                                               | <b>nº respostas</b> | <b>Total (%)</b> |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|------------------|
| Por meio de amigos e familiares.<br>Explicação: a partir dos comentários positivos destes praticantes, foram motivadas para iniciar a prática.                                 | 13                  | 43,33%           |
| Procurando as agências.<br>Explicação: Indo atrás de agências especializadas na realização dessas atividades de aventura e fazendo os cursos sobre esses esportes.             | 11                  | 36,66%           |
| Por meio da mídia.<br>Explicação: Por meio de reportagens e canais esportivos em emissoras de TV, Sites da Internet e Revistas contendo artigos relacionados a essas práticas. | 04                  | 13,33%           |
| Na escola.<br>Explicação: Durante as viagens didáticas na faculdade de turismo e durante as excursões no período escolar.                                                      | 02                  | 6,66%            |

Ao dar-se início às discussões, torna-se necessário enfatizar novamente que algumas questões obtiveram mais de uma resposta por entrevistada, alterando, dessa forma, a apresentação percentual.

O primeiro contato com as AFAN, segundo 43,33% (treze) das entrevistadas, variou bastante. De acordo com as praticantes, isto se deu a partir da experiência dos colegas, amigos e de alguns familiares, quando os mesmos relataram as sensações e emoções vividas, convencendo-as a praticarem essas atividades. Pode-se averiguar esse primeiro contato, na fala de algumas entrevistadas:

*S15: "... foi através de amigos que já praticavam corrida de aventura".*

*S23: "... fui apresentada às atividades por amigos e gostei, daí comecei a praticar".*

Os elementos positivos e prazerosos, presentes nessas vivências, ainda que vivenciados por outras pessoas, conquistaram a confiança das entrevistadas, motivando as a experienciar estas novas e diferentes sensações. O contágio, conforme elucida ALMEIDA (1999:72), é um dos mecanismos usados pela emoção para agir sobre o mundo social. Exatamente este fator, inerente à capacidade de contaminar as outras pessoas via a transmissão emocional de sensações positivas e prazerosas, foi a mola propulsora, para a experimentação das AFAN, por essas entrevistadas. Segundo esta mesma autora, "(...) devido à possibilidade de provocar ressonância afetiva, o outro pode submeter-se ao espetáculo emocional na condição de alvo da emoção".

Outras entrevistadas, 36,66% (onze), relataram que o contato inicial com estas vivências se deu via agências de ecoturismo e agências especializadas nestas práticas. Aqui se pode observar um outro tipo de persuasão ou motivo de aderência, onde a mídia e

os modismos se fazem presentes, uma vez que, para poderem conhecer novas propostas, as próprias pessoas passam a buscar o que está sendo oferecido, fomentando, inclusive o mercado associado a estas práticas.

É visível como o número de agências especializadas em oferecer esses tipos de vivências vem crescendo no Brasil e de maneira rápida. Segundo SCHELP (2003), mais de 20.000 pessoas procuraram as quatro maiores empresas brasileiras especializadas nestas práticas, para fins de vivenciar esses esportes e, segundo um dos donos dessas empresas, isso representa apenas 10% do total do turismo de aventura.

De acordo com os estudos de MASCARENHAS (2003), a busca por essas atividades na natureza vem crescendo de uma forma rápida e pode ser justificada analisando-se a quantidade de agências promotoras desses tipos de eventos, como também, a proliferação de *sites* e revistas específicas da área.

É notável também como a mídia vem oferecendo espaços em seus programas para a divulgação dessas atividades. Segundo 13,33% (quatro) da amostra analisada, foi por meio de reportagens em canais esportivos de emissoras de TV, *sites* da *Internet* que trabalham somente estes tipos de atividades e artigos de revistas especializadas, que elas foram motivadas a buscarem esses esportes e começaram a praticá-los. Nota-se esse fato, na fala da seguinte entrevistada:

*S8: “... o primeiro contato que tive foi quando vi o Eco Challenge (...) na TV e em uma revista . Comecei a praticar em 98 quando teve a primeira prova aqui no Brasil”.*

A mídia possui um grande poder no que tange a possibilitar o acesso rápido às informações, como também, aos locais mais freqüentados e isso é uma das marcas

registradas dos diversos *sites* que abordam esses esportes. No entanto, antes da veiculação pela mídia, as agências responsáveis pela condução das atividades repassam e salientam o que querem que seja enfatizado na propaganda, ou mesmo, o próprio sucesso das atividades demanda o interesse da mídia por veicular as informações relativas aquele contexto. Sendo assim, estes fatores têm, também, um papel decisivo no controle da divulgação que será feita pelos diferentes meios midiáticos. Inclusive, corroborando com este pensamento, evidencia-se, no resultado da presente pesquisa, em que amigos e familiares foram considerados os fatores motivador para a aderência a estas atividades, conforme a amostra analisada.

Porém, uma inquietação se faz presente, tornando-se necessário discernir claramente o que está sendo veiculado com qualidade real e o que pode representar apenas uma fachada. Alguns autores abordam esse assunto relacionado ao poder da mídia, como nos estudos de SABA (2001) e ORTIZ, ISLER e DARIDO (1999), os quais mostram o papel destas fontes midiáticas como formadoras de opiniões.

A prática dessas atividades foi iniciada também em decorrência de outros fatores, conforme elucidam 6,66% (duas) das entrevistadas, apontando as excursões didáticas oferecidas durante a fase estudantil, nos cursos de graduação, principalmente nas áreas de Turismo e Educação Física, como também oferecidas em escolas de ensino médio, como elementos estimuladores da participação, pelo fato de conduzirem as pessoas aos locais que possuem atrativos naturais, fazendo despertar a curiosidade e a vontade de praticar essas atividades e também, algumas vezes, a noção de responsabilidade para com a natureza.

O fato acima mencionado pode ser visualizado na fala de algumas entrevistadas.

S3: “... *Através da faculdade de Turismo conheci estas atividades resolvi fazer cursos formativos para me tornar praticante(...)*”.

Esses passeios, também conhecidos como excursões didáticas, têm um grande poder de disseminação da consciência acerca da responsabilidade do ser humano para com a natureza. O homem quer visite o meio ambiente natural de maneira passiva ou ativa, é impulsionado a tomar conhecimento de suas responsabilidades, tornando-se ciente do compromisso com suas ações.

Segundo SERRANO (2000), os três elementos: natureza, educação e esportes de aventura têm se mostrado como uma das maneiras de se trabalhar os conteúdos educativos referentes ao meio ambiente e sua preservação. Para a autora, aprender por meio de experiências vivenciadas na natureza, fora do ambiente escolar, com programas de educação ao ar livre e estudo do meio, vem a confirmar a fascinante junção desses elementos, na tentativa de contribuir com uma nova forma de aprendizagem.

**Questão 2: O que a levou a praticar estas atividades físicas de aventura na natureza?**

| Respostas                                                                                                                                 | nº respostas | Total (%) |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------|-----------|
| A possibilidade de estar em contato com a natureza, buscando novas experiências, que favoreçam benefícios e sensações prazerosas          | 10           | 33,33%    |
| O sucesso da união entre o contato com a natureza e a possibilidade de prática de um esporte ao ar livre.                                 | 07           | 23,33%    |
| A busca pelo desafio, pela superação de limites com segurança, proporcionada pela tecnologia dos instrumentos utilizados nessas práticas. | 05           | 16,66%    |

|                                                                                                                                              |    |        |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|--------|
| A possibilidade de conhecer lugares diferentes e implementar o processo de interação com a natureza, adquirindo o controle sobre as emoções. | 05 | 16,66% |
| Pelos aspectos positivos da prática vivenciados na primeira vez                                                                              | 02 | 6,66%  |
| O desafio de ser a única mulher do grupo                                                                                                     | 01 | 3,33%  |

Na tentativa de querer descobrir o que levou a população feminina a praticar as AFAN, notou-se que a maior parte das entrevistadas, 33,33% (dez) relatou que foi a possibilidade de estar em contato com a natureza, as trocas de fluídos, a busca por experiências novas, pelos benefícios e pelas sensações prazerosas que as conduziram a essas diferentes formas de praticar esporte.

Pode-se averiguar alguns dos motivos, nas falas de algumas entrevistadas.

*S1: “... Adoro ficar no mato, o silêncio e a paz me contagia”.*

*S2: “... O gosto pela natureza (...)”.*

*S23: “... O contato com a natureza, a terapia que faz por meio destas atividades”.*

Esses motivos são visíveis na fala de BETRÁN (2003:163), quando o autor relata que essas práticas são consideradas um “(...) produto de um desejo de quebra que busca experiências novas e prazerosas, passíveis de explicação (...) que propiciam o autoconhecimento corpóreo e incrementam o reconhecimento pessoal, a segurança e a auto-estima”.

De acordo com SCHELP (2003) e BENTO (1991), pelos diversos problemas existentes nos grandes centros urbanos, muitas pessoas têm procurado a natureza, não com intuito de dominá-la, mas tê-la como parceira, na possibilidade de encontrar um sentido existencial. A fuga das mesmices das práticas esportivas tradicionais, da loucura, da

agitação e do estresse cotidiano, como também, a busca por novas experiências e novas formas de viver prazerosamente, têm sido apontadas como fatores preponderantes para esse retorno ao meio ambiente natural.

Essas práticas são encaradas, segundo vários autores, dentre eles MARINHO (2003), como uma das formas de se interagir com o meio ambiente natural, de maneira livre e carregada de significados.

Esses elementos acima citados, presentes nessas vivências, são tidos como diferenciadores dos outros tipos de esporte, além do fato de serem praticados em lugares abertos e em contato direto com o ambiente natural, espaços esses que os caracterizam, segundo MASCARENHAS (2003) e BETRÁN (1995).

Já 23,33% (sete) das entrevistadas evidenciaram que foi o sucesso da união entre o esporte e a natureza que as fizeram ter vontade de praticar e nunca mais pararem de experienciar essas atividades. Alegações como: não gostar de ficar presa em academias de ginástica, estar em contato com o meio natural, sentir a liberdade e o prazer pessoal de estar fazendo o que gosta, foram fatores imprescindíveis para o início dessas vivências.

Pode-se notar, nas falas de algumas entrevistadas, esses motivos acima apontados.

*S4: “... (...) o esporte de aventura uniu minhas duas paixões, atividade física e natureza”.*

*S5: “... Sempre gostei do convívio com a natureza e nunca gostei de fazer qualquer atividade enclausurada dentro de uma academia. Estas atividades físicas na natureza vieram para suprir minhas necessidades. (...)”.*

Essa vontade de sair do ambiente tradicional de práticas esportivas, como é o caso das academias e clubes, para um outro local, de paisagem menos fixa, se confirma nos estudos de MASCARENHAS (2003) e BENTO (1991), quando os autores apontam que, os esportes de aventura possuem uma territorialidade provisória, não possuem um local fixo na paisagem para se desenvolverem, gerando, com isso, uma grande expansão dos cenários e espaços esportivos, como também, das modalidades. Pode-se justificar esse fato, na fala de uma das entrevistadas,

*S7: “... A vontade de estar em locais diferentes, como a natureza, os locais naturais”.*

Outros motivos também imperaram para que estas mulheres buscassem a proximidade com estas práticas. Segundo 16,66% (cinco) das entrevistadas, elementos como a busca pelo desafio e a superação dos seus próprios limites, foram os motivos pelos quais, essa parcela do grupo analisado, procurou essas vivências na natureza. Porém, um item apontado por elas e, de suma importância, trata-se da tecnologia investida nos materiais que compõem os equipamentos utilizados na prática, a qual contribui para o sucesso desta e a plena segurança do praticante.

Pode-se averiguar essas questões, os motivos para a prática e a importância da tecnologia, na fala da seguinte entrevistada,

*S3: “... Primeiro de tudo a satisfação de poder estar na natureza com segurança e tecnologia. E também de poder vencer obstáculos na natureza que antigamente eram impossíveis”.*

De acordo com os estudos de BRUHNS (2003) e BETRÁN (2003), esses elementos acima citados, são características intrínsecas dessas práticas e a busca por essas atividades reflete essa vontade natural do ser humano de, a todo o momento, superar-se.

Nota-se que também as entrevistadas apontaram o aparato tecnológico como um item de grande importância nessas vivências. Segundo BETRÁN (1995), LACRUZ e PERICH (2000) e COSTA e TUBINO (1999), é imprescindível, para uma vivência segura e tranquila dessas práticas contemporâneas, o uso de equipamentos e auxílios tecnológicos, como também, a contratação de instrutores e guias competentes. Dessa maneira, segundo os autores, os riscos são fictícios e controlados, tornando a vivência prazerosa e significativa.

Contribuindo neste sentido, COSTA (2001) salienta haver uma mistura entre a tecnologia de segurança empregada nestes esportes e a sensação de risco que, quando unidas, fazem ressuscitar os “rituais de passagem”, os quais, tempos atrás, simbolizavam a aproximação do homem com o sagrado, ou seja, o homem mergulha nessa aventura, passa por provas e desafios, para se tornar um herói ou uma pessoa melhor.

Ainda discutindo a questão apontada acima, sobre os motivos destas entrevistadas optarem pela prática de esportes na natureza, notou-se que, boa parte da amostra apontou como motivos a busca por desafios, a superação de obstáculos, entre outros elementos, porém, analisando mais profundamente suas respostas, pode-se observar que o elemento “curiosidade”, fica subentendido nelas, mesmo não sendo este o motivo principal explícito nos depoimentos.

Pode-se notar esse fato, na fala de algumas entrevistadas a seguir:

*S8: “... Sempre gostei muito da natureza, desde muito pequena já dava trabalho para os meus pais, sumia na praia ou na fazenda sozinha para desbravar todos*

*os cantos, matos, florestas, rios, etc... quando fiquei mais velha entrei para os esportes. (...). Quando ouvi falar da corrida de aventura, me encantei (...). Achei que não tinha esporte melhor. (...). Um esporte que engloba equipe, mente, ultrapassar limites e principalmente na natureza, passando por lugares nunca antes descobertos (...).”*

*S13: “... O que me levou a praticar tais modalidades foi o desejo de interagir com a natureza, visitar novas paisagens e conhecer pessoas interessantes. Estas experiências e recordações me acompanham em toda minha trajetória de vida”.*

Outros 16,66% (cinco) da amostra analisada alegaram que o motivo da busca por essas atividades se concentrava na possibilidade de conhecer e poder estar em lugares novos, como também, de interagir com o meio, de forma completa e profunda, modificando atitudes e pensamentos referentes a sua conduta com a natureza, como também, adquirindo um controle maior sobre suas emoções e sentimentos.

Esses fatos podem ser visualizados nas falas de algumas das entrevistadas,

*S10: “... O amor pela natureza e desejo de preservá-la”.*

*S22: “... O prazer deste contato, desta interação esporte/natureza. Que nos sensibiliza e conscientiza tanto”.*

Essa idéia pode ser reiterada nos estudos de COSTA & TUBINO (1999:98) e COSTA (2001). Segundo os autores, o ser humano, cansado das agitações e estresses da vida urbana, se volta ao mundo natural, via a prática dessas atividades, com o intuito de experimentar novas e diferentes sensações e percepções, obter um controle maior de suas emoções, como também, encontrar novos significados para a sua existência.

As mudanças atitudinais apontadas pelas entrevistadas vão ao encontro do que BRUHNS (1997) e BOFF (1999) relatam em seus estudos. Segundo os autores, essas

mudanças, como a tomada de consciência acerca de suas ações junto ao meio ambiente natural e a percepção sobre suas relações consigo próprio e com os outros, refletem o quanto essa prática esportiva, junto à natureza, é importante para a humanidade, como também, pode contribuir para mudanças de valores. Estas mudanças giram em torno de conceber a natureza como fonte de inúmeras vivências significativas, num processo simbiótico.

Segundo as entrevistadas, a prática dessas atividades de aventura ainda contribuiu para um controle maior sobre suas emoções e sentimentos. Esse fato se apoia nas atitudes tomadas durante a vivência dessas atividades. Em algumas situações, a tomada de decisão quanto ao que fazer e quanto a desistir ou seguir em frente, deve ser rápida e consciente e essa ação, de alguma maneira, passa a fazer parte de seus cotidianos, como também, pode ser evidenciada em seus comportamentos (INEMA, 2003).

Uma pequena parcela da amostra analisada, 6,66% (dois), relatou, em suas entrevistas, que os aspectos positivos, advindos da prática na primeira vez, foram motivos importantes que as fizeram nunca mais pararem de praticar, pois as sensações singulares advindas destas práticas mudaram as suas percepções e idéias acerca das atividades no âmbito do lazer.

Esse fato pode ser visualizado na fala da seguinte entrevistada,

*S28: “... Gostei da experiência e além de gostar da natureza”.*

Sabe-se que qualquer atividade física, desenvolvida no âmbito do lazer ou não, realizada com vontade e prazer, têm grandes possibilidades de se tornar um hábito saudável. As sensações percebidas durante a realização das diversas modalidades de AFAN diferem bastante das outras atividades esportivas tradicionais. De acordo com essa

premissa, SERRANO (2000) e BETRÁN (2003) relatam que as sensações de liberdade, de redescobrimto de suas capacidades e limites e a experimentação de sensações novas geram um turbilhão de emoções que outras práticas ainda não proporcionam, tornando-as bastante significativas.

Somente 3,33% (um) da amostra analisada relataram que, por ser a única mulher em um grupo que iria sair para a prática de um determinado esporte radical, este foi o motivo desencadeador da vontade de praticar cada vez mais essas atividades. Esse desafio, essa confiança nela depositada a fez crescer e adquirir fortes doses de perseverança, como também, a não desistir de metas planejadas. Nota-se, em sua fala, essa experiência marcante,

*S14: “... O desafio de participar como sendo a única mulher da equipe. Um desafio pessoal também”.*

É fato que o papel social da mulher modificou-se bastante de uns tempos para cá, como também, são visíveis as mudanças em seu comportamento e em suas atitudes. Essas mudanças também podem ser apreciadas em grande parte da população masculina, visto que os homens estão mudando seus conceitos acerca das capacidades femininas, estão aprendendo a ser mais tolerantes e terem maior nível de aceitação. De acordo com LIPOVETSKY (2000), a possibilidade de demonstração de suas capacidades e de sua força interior, como também da sua determinação, vem contribuindo na mudança desses comportamentos e de valores no universo da mulher.

Esse fato também é explicitado na fala de CASO (2003), quando a autora, tendo por base seus estudos referentes à mulher e os esportes de aventura, relata que elas estão entrando para este mundo da aventura, seja como válvula de escape para o estresse

dos grandes centros urbanos, fuga do cotidiano ou, simplesmente, buscando o desafio, a aventura e a superação de seus limites, como também, mostrando suas capacidades.

#### 4.2 Relação prática das AFAN e o papel feminino

As questões de número 5 e 8, agrupadas no segundo indicador, procuraram identificar se há alguma relação entre a prática das AFAN e a participação da mulher na sociedade como um todo.

**Questão 5: *Você vê relação entre a sua prática de atividades físicas de aventura na natureza e a sua participação como mulher na esfera social? Explique sua resposta.***

| Respostas                                                                                                                               | nº respostas | Total (%) |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------|-----------|
| Sim. Explicação: Uma relação de força, coragem, determinação, resistência e disposição na superação de qualquer desafio ou obstáculo.   | 11           | 36,66%    |
| Sim.<br>Explicação: Quando se mostra competência em qualquer prática, o respeito e a confiança aumentam.                                | 08           | 26,66%    |
| Sim.<br>Explicação: As AFAN despertaram a consciência ambiental e a responsabilidade social, como também amplia seu quadro de amizades. | 06           | 20,0%     |
| Sim.<br>Explicação: Cada vez que se supera uma dificuldade, mostram-se as potencialidades e quebram-se paradigmas.                      | 03           | 10,0%     |
| Não.<br>Explicação: Consideram-se elas mesmas, não importando que atividade desenvolvam.                                                | 02           | 6,66%     |

Quanto à possibilidade de existir alguma relação entre a prática das AFAN e a participação das entrevistadas nas diversas esferas sociais, 36,66% (onze) da amostra

analisada relataram terem a percepção dessa relação. Segundo essas mulheres, os propósitos que as AFAN incitam, elementos imprescindíveis para uma vivência significativa dessas práticas em contato com a natureza, são transportados para a realidade profissional. Portanto, as relações de força, coragem, determinação, resistência e disposição para a superação dos desafios, são refletidas na vida profissional dessa parcela do grupo analisado.

O fato apontado pode ser visualizado na fala de uma das entrevistadas:

*S27: “... Sempre gostei muito de fazer coisas que precisava de garra, coragem, hoje percebo que transporto boa parte da minha experiência nos esportes para a minha vida profissional”.*

Ao evidenciar a existência dessa relação, pode-se identificar, nos estudos de MURRAY (1964) que esta se aproxima dos motivos sociais que influenciam e dominam a maior parte do comportamento humano. Aqui, aponta-se a realização pessoal como um desses motivos. Esta, muitas vezes, se dá mediante a superação de determinadas barreiras e obstáculos, como também, a superação de certos desafios, como nas AFAN. O ser humano, ao desejar alcançar sucesso nas metas traçadas, sejam elas no esporte ou na vida profissional, se predispõe a executar tarefas que, muitas vezes, dependem da capacidade intelectual e da junção de alguns elementos, como a força interior, a coragem e a determinação e, mediante uma resposta positiva, são aplicadas em diversas situações do cotidiano.

Segundo 26,66% (oito) das entrevistadas, quando se mostra competência em qualquer tarefa, seja em uma prática esportiva ou em algum setor do trabalho, cresce o

respeito e a confiança nas mulheres por parte do público masculino. Visualiza-se essa questão, na fala da entrevistada,

*S12: “... Trabalho com engenharia civil na área de pavimentação, é uma área predominantemente masculina, assim como os esportes de aventura ainda são, mas todos encaram com naturalidade, desde que vc mostre competência (...)”.*

Para CRATTY (1984), o indivíduo, ao demonstrar esforço, habilidade e competência em qualquer tarefa, se apodera dos resultados positivos e os transfere para a realidade cotidiana e, ao conseguir reconhecimento por suas ações, há um aumento da motivação, da vontade de superar-se cada vez mais.

Já 20,0% (seis) das mulheres entrevistadas alegaram que a relação existente entre a prática de AFAN e a participação feminina nas diversas esferas sociais se concentra na disseminação de valores ligados à consciência ambiental e à responsabilidade social, ou seja, a prática consciente desses esportes, como também, a valorização da cultura local foram, aos poucos, causando mudanças significativas na vida cotidiana dessas mulheres e, com isso, houve uma ampliação nos laços de amizade.

Pode-se visualizar essas relações, nas falas de algumas entrevistadas:

*S4: “... (...). As viagens pelos lugares mais inóspitos do Brasil, ampliou minha percepção quanto a minha responsabilidade na sociedade. Hoje sou mais engajada, faço minha parte e cobro dos que me rodeiam, que tomem consciência de seu papel no planeta, como ser humano e como cidadão”.*

*S1: “... Aprendi a cada dia respeitar mais a natureza, os animais e passei a ensinar isto a pessoas ao meu redor”.*

É fato que a prática de AFAN exige cumplicidade, respeito e responsabilidades junto ao meio ambiente natural. Segundo MARINHO (2003) e SUASSUNA (2003), a relação homem-natureza, deve ser pautada em princípios éticos e morais, para que se possa conviver harmoniosamente.

A responsabilidade social, como foi evidenciado pelas entrevistadas, é um assunto que vem sendo bastante discutido nos diversos campos, como na mídia televisiva, por exemplo. Essa responsabilidade, ligada às práticas de AFAN, pode ser entendida também, como sendo a atuação responsável de cada praticante, junto às culturas locais, disseminando a educação ambiental junto a essas comunidades. Segundo BUENO (2003) e INEMA (2003a), hoje em dia, muitas pessoas praticantes de diversas modalidades de AFAN, mas, principalmente nos *rallys*, exercem essa responsabilidade, levando alimentos e roupas às comunidades distantes, contribuindo para um mundo melhor e menos miserável.

A relação percebida por 10,0% (três) das entrevistadas se encontra ligada à superação de obstáculos e de dificuldades. Segundo essas mulheres, ocorre uma sucessão de acontecimentos, onde, ao superar as barreiras existentes, seja nos esportes ou na vida profissional, as potencialidades, as capacidades de empreendedorismo e de competência se fazem presentes e ocorrem as quebras de paradigmas.

Pode-se averiguar a questão acima na fala de uma das participantes da pesquisa:

*S30: “... Creio que está prática te faz perceber muitas coisas, como por exemplo, as vontades de superar limites, fazer coisas ousadas etc. e na vida profissional, também sou assim, empreendedora, traço metas e faço de tudo para alcançar”.*

Para embasar ainda mais essa discussão, MURRAY (1964) e KRECH e CRUTCHFIELD (1980) discorrem sobre os motivos sociais e suas influências no cotidiano das pessoas. A população feminina sempre buscou maiores espaços junto à sociedade, reconhecimento de seus direitos, como também, maior liberdade. Após essas conquistas, a mulher atual se sente altamente motivada a realizar suas ações e confiante em suas estratégias. Ao mostrar suas potencialidades e capacidades junto à sociedade, superando as dificuldades encontradas, a quebra de paradigmas é inevitável, assegurando, dessa forma, a estrutura feminina emancipada e empreendedora.

Uma pequena parcela da amostra analisada, 6,66% (dois), não percebeu qualquer relação entre a prática de AFAN e a participação feminina nas esferas sociais. As entrevistadas não apontaram mudanças em suas características e ações após terem praticado as atividades de aventura. Segundo elas, as práticas de AFAN nada contribuíram para que houvesse mudanças significativas, quer seja na vida pessoal ou profissional, considerando-se as mesmas pessoas.

Deve-se atentar, no entanto, ao número bastante reduzido de sujeitos que nada perceberam, o que leva a crer que, com base no estudo, efetivamente são percebidas mudanças nos diversos âmbitos com a prática das Afan. Os estudos de SILVA (1995:39) corroboram com essa afirmação, quando o autor relata que,

A atividade física é a possibilidade de reencontro do homem consigo mesmo, pois através dela ele exprime a sua corporeidade, e nesta, a expressão de sua relação com o ecossistema em que está inserido, refletindo-se em sua expressão corporal e em seu comportamento todas as facilidades, dificuldades, angústias, tensões e adaptações impostas pela vida de relação tanto na família, quanto no trabalho ou em outros segmentos de vida social .

A prática de qualquer atividade quer seja ela realizada sob os conteúdos do lazer ou direcionada à cultura corporal, deve proporcionar ao ser humano um reencontro consigo próprio e com o meio, como também, ser uma prática prazerosa, favorecendo mais qualidade em sua existência humana e traduzindo seus anseios em um estilo ativo de viver intensamente.

Deve-se levar em consideração que 80% das entrevistadas apontaram efetivamente, a existência de alguma relação entre as AFAN e suas participações nas esferas sociais, evidenciando, dessa maneira, os benefícios dessas vivências.

**Questão 8: *Você vê alguma relação no aumento da participação feminina nestas atividades com o aumento da participação feminina nas outras esferas sociais? Explique sua resposta.***

| <b>Respostas</b>                                                                                                                                     | <b>nº respostas</b> | <b>Total (%)</b> |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|------------------|
| Sim.<br>Explicação: Após a mulher ter assumido seu espaço nos diversos âmbitos, não existem funções ou atividades diferenciadas para ambos os sexos. | 19                  | 63,33%           |
| Sim.<br>Explicação: Com a independência financeira, a liberdade feminina é maior, inclusive para praticar tais atividades.                           | 01                  | 3,33%            |
| Sim.<br>Explicação: Uma relação de ter prazer no que se faz e isso reflete nos vários setores da vida.                                               | 01                  | 3,33%            |
| Não.<br>Explicação: É somente mais um espaço ocupado pelo público feminino.                                                                          | 08                  | 26,66%           |
| Não.<br>Explicação: Este espaço ainda é masculino.                                                                                                   | 01                  | 3,33%            |

Quanto à questão da existência de uma possível relação no aumento da participação feminina nas AFAN com o aumento da participação feminina nas outras

esferas sociais, 63,33% (dezenove) das entrevistadas relataram que existe uma relação, alegando que a mulher, ao assumir seu espaço nos diversos setores da sociedade, deixa claro a não existência de funções ou atividades diferenciadas para ambos os sexos e, dessa maneira, não se intimidam com os desafios propostos por essas vivências na natureza.

Pode-se visualizar a questão apontada acima, na fala de algumas entrevistadas:

*S5: “... As mulheres têm aumentado sua participação em todas esferas sociais e estas atividades são expressões da cultura atual. Sendo assim, é uma forma da mulher participar das transformações sociais junto com os homens. Acredito até que é uma busca para construirmos uma sociedade menos preconceituosa e de muitas possibilidades sem levar em consideração o gênero”.*

Entende-se, assim, que a mulher, ao ocupar os diversos setores sociais, culturais e políticos da sociedade, não se intimida a desbravar outros espaços, inclusive os das práticas de AFAN.

De acordo com os estudos de LIPOVETSKY (2000) e CASTELLS (1999), os acontecimentos ocorridos no passado, as suas lutas e conquistas, tornaram a mulher um ser dono de suas próprias vontades, livre e capaz de transformar o mundo a sua volta, como também, dona de seu tempo e seu corpo. Os papéis sociais de homens e mulheres sofreram modificações, as suas ações também foram acrescidas de outros valores. Com isso, a mulher passou a assumir outras posições na sociedade, como também passou a controlar seu tempo e as suas vontades, contribuindo para a igualdade de ações entre homens e mulheres.

Segundo 3,33% (um), isto é, apenas para uma das entrevistadas, a entrada da mulher para o mundo das AFAN se deu após ela ter conquistado a sua independência financeira e com isso, adquiriu maior liberdade para fazer as coisas que lhe dão prazer, inclusive, praticar essas atividades. Neste sentido, convém apontar a questão financeira como sendo uma das formas que a mulher atual encontrou para valorizar suas ações e vontades.

A questão acima evidenciada pode ser corroborada na fala de uma das entrevistadas:

*S3: “... A mulher de hoje tem independência e condições monetárias para optar por suas atividades, sem ter que estar dependendo dos homens”.*

Pode-se, também, encontrar semelhanças com a resposta acima nos estudos de LIPOVETSKY (2000), quando o autor discursa sobre o trabalho profissional feminino, relatando que a mulher, atualmente, encara o trabalho como uma realização pessoal, diferentemente de tempos atrás.

Ao discorrer sobre essa questão, autores como SCAVACINI e AMORIM (2003) e CAMACHO (2003) relatam em suas pesquisas que as mulheres independentes, tanto profissional quanto financeiramente, não abrem mão da liberdade de escolha e de vontades próprias, como também, apontam que estas, ainda são vítimas de discriminação, quando alcançam determinados cargos e salários, visto que, a maioria dos homens ainda não está preparada para aceitar suas imposições, como também, para receber ordens.

No que tange à prática esportiva, pode-se ver nos estudos de SIMÕES (2003:08) que a população feminina vem conquistando um enorme espaço no contexto esportivo e segundo o autor, “(...) as mulheres podem e devem se beneficiar das

*oportunidades que são oferecidas pelo esporte (...), já que permite às mulheres desenvolver todo o seu potencial físico, condicionar seu corpo e se inserir em uma nova realidade social (...)*”.

Ao apontar uma outra justificativa, 3,33% (um) das mulheres entrevistadas discorreram sobre a existência dessa relação como sendo o prazer sentido ao se fazer as coisas que se gosta, refletindo nos vários setores da vida. Percebe-se que a relação se encontra no fato de que o prazer proporcionado por essas práticas reverbera no âmbito profissional.

Ratificando o conteúdo exposto no parágrafo acima, WANKEL (1993), em seus estudos, mostra que há certos ganhos nos aspectos psicológicos, quando se faz o que se gosta, o que dá prazer e isto gera uma ressonância nos outros setores da vida, como o profissional e o social. Nota-se os efeitos positivos do prazer e do bem-estar advindos da prática da atividade física gerando uma satisfação das necessidades ou, até mesmo, o sucesso no desempenho das habilidades em questão.

De acordo com os estudos de KRECH e CRUTCHFIELD (1980), uma experiência emocional positiva é agradável e proporciona prazer e a atitude humana, quer seja pessoal ou social, mediante essas sensações, reverbera em ações significativas.

Ao dar sua contribuição acerca dessa discussão TANI (2002) salienta que as pessoas buscam nos esportes objetivos variados. A prática de AFAN, dependendo da modalidade, incita à busca de objetivos hedonistas e de auto-satisfação.

Já 26,66% (oito) alegaram não existir qualquer relação. Segundo estas entrevistadas, as lutas e as conquistas femininas nos diversos âmbitos da sociedade contribuíram para a entrada delas em mais este espaço, que é o das AFAN. O fato de não

terem apontado nenhuma relação, subentende-se que, a mulher atual, não teme buscar seu espaço, quer seja no meio urbano, quer seja no meio natural, e que, de maneira tranqüila e confiante, tem demonstrado competência e responsabilidade nas suas diversas ações junto à sociedade.

Esse assunto pode ser observado na fala de uma das entrevistadas:

*S13: “... Acredito (...) que a participação feminina nos esportes na natureza é consequência de sua participação e conquista nas outras esferas sociais. A participação da mulher nos esportes na natureza ainda é muito recente quando comparada às atuações em outras esferas (profissional, familiar e social)”.*

Outras 3,33% (um) das entrevistadas não viram relação alguma e apontaram que estas práticas carregam, ainda, fortes doses de masculinidade e que este ambiente ainda é repleto de valores machistas.

Denota-se com o teor desta resposta uma concepção socialmente pré-concebida sobre a inferiorização da mulher quando comparada aos homens, uma vez que a entrevistada aponta esses valores em sua resposta.

Cabe aqui lembrar a prática esportiva nos séculos passados. Todas as modalidades possuíam fortes características masculinas e não havia esportes adaptados à população feminina. De acordo com vários autores, dentre eles SARACENO (1998), cabia à mulher, apenas, os processos de sua natureza humana, quais sejam: reprodução e cuidados com o lar.

Porém, com as transformações ocorridas nos diversos setores mundiais, as lutas femininas em prol de maior abertura e espaços, deu-se a entrada delas no mundo esportivo. Com isso, os esportes tradicionais sofreram adaptações, para que a mulher

pudesse praticá-lo. Tivemos representantes femininas brilhantes em várias modalidades, como evidencia MOURÃO (2001).

De acordo com os estudos da autora, a mulher moderna, possuidora de autonomia e tempo para o lazer, motivadas pela prática de atividades físicas, mergulhou fundo nas AFAN, mas cujo objetivo não é superar o público masculino, e sim, com o intuito de aspirar os diversos significados que essas vivências na natureza incitam.

Ainda que os pesquisadores apontem a relevância dos estudos relacionando a mulher e o esporte, este aspecto é direcionado, muitas vezes, especificamente ao esporte de alto rendimento. Quando se toma em foco as relações da mulher e o lazer, fica evidenciada uma escassez de referencial teórico de base sobre estes aspectos. Mesmo quando a atenção é sobre o esporte de alto nível, nota-se uma lacuna sobre os enfoques social e humano, onde a mulher é privilegiada neste contexto apenas quando relacionada aos níveis de performance ou à atividade física em si.

Numa tentativa de superar a lacuna de referencial teórico a respeito da temática relacionando a mulher e o lazer, nos estudos sobre as vivências de atividades físicas que não sejam consideradas esportes tradicionais ou de rendimento, alguns autores evidenciam, de maneira bem geral, a possibilidade democrática de abertura destas práticas a qualquer indivíduo.

BETRÁN (2003), relata em seus estudos que estas atividades praticadas em contato com a natureza, podem ser experimentadas por qualquer indivíduo, visto que, durante a vivência dessas práticas, ocorre um despertar para as ações humanas, como a cooperação, a união e o respeito, como também, um mesmo objetivo, a aventura.

### 4.3 Dificuldades e barreiras percebidas pelas mulheres na prática de AFAN

As questões de número 3 e 4, agrupadas no terceiro indicador, procuraram identificar a existência de discriminação e preconceito contra as mulheres que praticam as AFAN.

**Questão 3: *Você sentiu algum tipo de dificuldade ou barreira para iniciar esta prática?***

***Explique sua resposta.***

| <b>Respostas</b>                                                                                                                | <b>nº respostas</b> | <b>Total (%)</b> |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|------------------|
| Não. Existe apoio, incentivo e respeito por parte da população masculina, dos amigos e familiares.                              | 12                  | 40,0%            |
| Não. Porque não é somente bom preparo físico que conta, pois, elementos como determinação e controle emocional são necessários. | 05                  | 16,66%           |
| Não. Porque se tem um bom condicionamento físico.                                                                               | 03                  | 10,0%            |
| Não. Pois conhece as limitações do próprio corpo.                                                                               | 01                  | 3,33%            |
| Não.                                                                                                                            | 02                  | 6,66%            |
| Sim. A população masculina ainda cobra das mulheres as qualidades físicas, como força, agilidade e destreza.                    | 04                  | 13,33%           |
| Sim. Há um certo desconforto por parte dos homens acerca das mulheres auto-suficientes, independentes.                          | 01                  | 3,33%            |
| Sim. Devido a ser muito jovem. (17 anos)                                                                                        | 01                  | 3,33%            |
| Sim. Por causa das características femininas: estrutura corporal frágil e problemas com cólicas menstruais.                     | 01                  | 3,33%            |

As respostas das entrevistadas que alegaram a não percepção de dificuldade para penetrar no mundo das AFAN e a não existência de barreiras para iniciar essas práticas na natureza, são mostradas a seguir.

Segundo 40,0% das entrevistadas, a população masculina se encontra bastante esclarecida quanto a essas questões e relatam, ainda, que existe o apoio, o

incentivo e muito respeito por parte dos praticantes homens e por parte dos amigos e familiares.

Esse fato pode ser visualizado na fala de uma das entrevistadas:

*S10: “... Muitos homens acharam super legal e incentivaram de diversas formas”.*

Na psicologia do esporte, mais precisamente, nos estudos de CRATTY (1984), pode-se obter um embasamento teórico rico e aprofundado acerca desta questão. Segundo o autor, as aprovações sociais e o apoio da família e dos amigos, são fatores importantíssimos no que tange a aumentar a motivação para a prática.

É notável como cresceu, entre a população masculina, a demonstração de apoio e respeito para com as atletas femininas, conforme evidenciado nos discursos. O fato de muitas mulheres, demonstrarem competência, vontade de ir além dos limites e mostrar suas potencialidades, contribui para a formulação e elaboração de uma nova atleta mulher, respeitada, mas não por suas características femininas, mas devido as suas habilidades e capacidades, tanto físicas quanto psicológicas.

De acordo com ORLANDI (2003), muitos homens estão mudando suas visões acerca da mulher atleta, principalmente, nas corridas de aventura, onde o desgaste nos diversos aspectos é grande e a população feminina vem mostrando que é capaz, superando todos os obstáculos e recebendo diversos elogios por parte da camada masculina, dentre estes homens, a autora cita Alexandre Freitas, organizador da EMA e responsável pela Sociedade Brasileira de Corrida de Aventura, o qual dá testemunho da supremacia feminina.

Segundo 16,66% das entrevistadas, para a prática dessas atividades, o preparo físico, juntamente com outras capacidades e habilidades físicas não são fatores preponderantes, outros elementos entram em jogo, como a determinação, o controle emocional entre outros tão evidentes no público feminino.

Essas características podem ser facilmente visualizadas na população feminina. De acordo com vários autores, dentre eles, MOURÃO (2001), as mulheres, após conquistarem seu espaço no âmbito esportivo, mais precisamente nos esportes tradicionais, demonstrando força de vontade, capacidade e determinação, atributos que influenciaram outras gerações de mulheres atletas vêm superando outros obstáculos, nos chamados esportes de aventura.

De acordo com SPURI (2003) e ORLANDI (2003) a mulher, não necessariamente, precisa apenas de habilidades físicas, como força, destreza ou agilidade, para desenvolver com sucesso determinadas modalidades de AFAN. Segundo as autoras, os parâmetros psicológicos também interferem efetivamente neste aspecto e as mulheres, segundo as autoras, são mais equilibradas que os homens, alegando que estes se irritam e se estressam com mais facilidade. As atletas fazem uso de outros elementos presentes em suas características, como maior controle dos aspectos psicológicos ou aspectos ligados à emoção e à sensibilidade.

Dando continuidade a essa discussão, pode-se ver na fala de uma entrevistada que as capacidades físicas podem não ser tão necessárias, ou imprescindíveis e que isto depende da modalidade praticada.

*S3: “... Acho que pelo fato de que estes esportes não exigem somente força muscular e sim muita determinação, controle e conhecimento da tecnologia”.*

Ainda versando sobre o assunto do condicionamento físico, 10,0% (três) das entrevistadas relataram que um bom preparo físico faz a diferença, quando se tem em mente praticar as atividades de aventura. Estas praticantes alegaram que, por possuírem um bom condicionamento, não perceberam nenhum obstáculo para a sua participação nas AFAN.

É fato, segundo os estudos de RAUCHBACH (1990) e MEIRELLES (2000) que a atividade física traz diversos benefícios ao ser humano, tanto nos aspectos biológicos como nos sociológicos e psicológicos. De acordo com WANKEL (1993), deve haver um perfeito equilíbrio entre as habilidades e os desafios, para que consiga chegar a um padrão ideal de condicionamento.

Quando se evidencia uma prática específica na natureza, como é o caso da corrida de aventura, que necessita de um bom condicionamento físico, ORLANDI (2003) relata, em sua reportagem, que isto pode representar fator decisivo para garantir o término da prova, porém, não necessariamente a vitória. Segundo a autora, ao entrevistar vários atletas homens, ela percebeu em seus relatos muita insegurança quanto à capacidade feminina, devido a sua estrutura corporal, mas o contrário vem ocorrendo durante essas atividades, prova disso são as equipes brasileiras, quer sejam formadas somente por mulheres ou não, estão assumindo invejáveis lugares no ranqueamento das competições.

Outra justificativa apontada por 3,33% (um) das entrevistadas, se concentra no fato de que, por ter conhecimento dos limites de seu corpo e ter consciência de suas possibilidades, as barreiras e as dificuldades se tornam fictícias e irreais, pois ela possui a noção do que pode e o que não pode fazer.

Essa consciência acerca de sua estrutura corporal, a qual engloba os vários elementos, como o físico, o psíquico e o emocional, está intimamente relacionada com suas características sociais. Após a mulher ter conquistado seu real posicionamento na sociedade, seu espaço de direito e fazer valer suas vontades e anseios, esta conquistou também, a noção de corporeidade e, com isso, se encontra em perfeita harmonia com sua imagem. Essa compreensão de suas reais possibilidades e capacidades contribuem para essa auto imagem, como também, a torna um ser mais responsável e consciente de suas ações.

A consciência e o conhecimento de limites corporais, segundo JERSILD (1966), está intimamente relacionado à percepção de si próprio no mundo. Todas as experiências vividas compõem a estrutura corporal e faz com que os seres humanos tenham consciência de suas ações. Dessa forma, o indivíduo, por meio da percepção, tem consciência de seu corpo, de sua aparência e das ações que é capaz de executar.

Expondo essa idéia na prática, Cristina Carvalho, integrante da equipe de corrida de aventura Lontra Radical, ao ser entrevistada por PARCIAS (2003) relata que, ao aprender a administrar o próprio corpo, saber de suas limitações, as pessoas se tornam seguras de suas ações.

Pode-se também observar tais afirmações nas falas de algumas entrevistadas, no caso, a entrevistada de n.25, a qual relata:

*S25: “... Acredito nas minhas capacidades e sei que posso fazer muitas coisas. Tenho a percepção de que atividades posso realizar e quais não conseguiria pelas minhas qualidades físicas”.*

Já 6,66% (dois) das entrevistadas, em seus depoimentos, não perceberam nenhuma barreira ou dificuldade para a prática, porém, nada evidenciaram como justificativa para tal resposta.

Ao apontar a existência de dificuldades e barreiras para a entrada da mulher no mundo das AFAN, 13,33% (quatro) relataram que os obstáculos ainda se concentram na cobrança masculina acerca das habilidades e qualidades físicas, como força, agilidade e destreza.

Focalizando as atividades de aventura, estas são passíveis de serem praticadas por ambos os sexos (BETRÁN, 2003). Porém, parte da população masculina ainda mantém a visão de que, para a plena execução dessas atividades, certas capacidades físicas são imprescindíveis. Mas, de acordo com vários especialistas e praticantes, dependendo da vivência, outros elementos se fazem presentes e se tornam mais relevantes.

Essa idéia pode ser reiterada nos estudos de SPURI (2003) e ORLANDI (2003), onde as autoras apontam outras características femininas que fazem diferença no decorrer de uma dada modalidade de AFAN. Segundo as autoras, as mulheres praticantes de atividades de aventura, possuem um controle maior dos aspectos psicológicos e emocionais, como também, suportam com mais facilidade, estados alterados de ânimo, como tensões e estresses e fazem uso freqüente de sua intuição, favorecendo-as em diversas modalidades esportivas.

Outras entrevistadas, 3,33% (um), relataram a existência de barreiras e justificaram que, algumas mulheres, por não dependerem em nenhum plano da população masculina, por serem auto-suficientes e independentes, causam desconforto aos homens, devido ao fato destes, por um longo período, tomarem a frente de quase todas as ações.

Quando o assunto é atividade de aventura e quando as mulheres se mostram independentes quanto a esta prática, o incômodo é percebido na camada masculina.

A independência feminina, seja ela em que plano se encontre, ainda por um bom tempo irá abalar, de alguma forma, as estruturas emocionais da camada masculina. Porém, da relação esporte e masculinidade, segundo SIMÕES (2003), por mais que sofram alterações de valores, sempre irão surgir idéias e juízos carregados de preconceito, quanto às mulheres praticantes de esportes, seja de rendimento ou não. Os olhares, em sua grande maioria, são voltados para as questões biológicas e estereótipos femininos.

Para o autor acima citado, o fator confiança sempre fez parte da estrutura feminina, atuando de maneira efetiva na consolidação de suas ações, como também, contribuindo para a superação de barreiras frente às relações de poder.

Esse fato também pode ser visualizado no depoimento de uma entrevistada,

*S21: “... Ainda há preconceitos diante das mulheres que são auto-suficientes, não dependem do homem, usam sua própria força e coragem”.*

Outro elemento percebido por 3,33% (um) das praticantes entrevistadas se concentra no fato relativo à idade. Segundo a entrevistada, por ser jovem e possuir 17 anos de idade, boa parte das pessoas desacredita de suas capacidades. Para a praticante, esse entrave não a atrapalhou em nada e não a fez desistir de praticar as AFAN e sim, contribui para a superação de mais uma barreira.

De acordo com BETRÁN (2003), qualquer indivíduo, não importando a idade, pode usufruir dessas vivências na natureza, desde que não esteja em vista, participações em competições ou coisa do gênero. Porém, algumas modalidades possuem regras e normas que devem ser respeitadas, como é o caso das corridas de aventura, para

a qual, segundo EMA (2003), a idade mínima é de 15 anos, devendo o percurso ser feito sob o acompanhamento de um representante legal.

Não se deve, segundo MURRAY (1964), evitar uma ação ou desistir de tentar praticar algo por causa do medo de fracassar ou por ironias de terceiros. Deve-se trabalhar a motivação interna, transformar críticas negativas em argumentos motivacionais capazes de modificar as ações.

Segundo 3,33% (um) das entrevistadas, algumas características femininas foram, de início, consideradas barreiras, como a estrutura corporal frágil, alguns problemas ligados aos ciclos menstruais, como cólicas e a própria menstruação.

Atualmente, esses problemas já se encontram bastante minimizados, visto que nenhuma das entrevistadas alegou qualquer tipo de problema relacionado com o parágrafo acima.

Sabe-se que os problemas ligados à menstruação, de início, foram considerados tabus e impediram, até um certo momento da história, que as mulheres praticassem esportes. De acordo com os estudos de PUJOL (2003), a mulher, sob um olhar fisiológico, não podia praticar nenhuma atividade física intensa e de longa duração.

Porém, hoje em dia, a psicologia do esporte, segundo CRATTY (1984), consegue trabalhar várias questões ligadas aos aspectos femininos, inclusive assuntos dessa natureza, sem maiores constrangimentos para a mulher atleta.

Convém lembrar que a barreira supostamente existente para a vivência das AFAN, apontada pela entrevistada, nos dá pistas de ser algo particular e pessoal, visto que este fato dizendo respeito a sentir algum tipo de preconceito, não foi mencionado por parte de outras pessoas ou praticantes.

**Questão 4: Existe discriminação ou algum tipo de preconceito nas atividades físicas de aventura na natureza? Explique sua resposta.**

| <b>Respostas</b>                                                                                                                                             | <b>Nº respostas</b> | <b>Total (%)</b> |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|------------------|
| Não.<br>Explicação: As atitudes estão mudando e esta havendo um crescimento do apoio e do incentivo por parte da camada masculina.                           | 14                  | 46,66%           |
| Não.<br>Explicação: Porque o biotipo feminino favorece a prática de várias modalidades de atividades de aventura                                             | 02                  | 6,66%            |
| Não.<br>Explicação: Porque quem pratica esses esportes possui boa condição financeira e um nível cultural mais avançado, e as pessoas são mais esclarecidas. | 01                  | 3,33%            |
| Não                                                                                                                                                          | 01                  | 3,33%            |
| Sim.<br>Explicação: Por causa da estrutura física.                                                                                                           | 04                  | 13,33%           |
| Sim.<br>Explicação: Por parte das pessoas externas ao esporte e também pelas mulheres que não praticam, por acharem ainda esta prática masculina.            | 04                  | 13,33%           |
| Sim.<br>Explicação: Quando há superação feminina em alguma modalidade esportiva.                                                                             | 02                  | 6,66%            |
| Sim.<br>Explicação: A culpa recai sobre o público feminino, caso não mostre capacidade para vencer alguma prova                                              | 02                  | 6,66%            |

Abordar assuntos como a discriminação ou o preconceito existente no ambiente da prática de AFAN ainda é algo pouco discutido pela comunidade acadêmica. De acordo com os estudos de GILL (2000), torna-se necessário que os psicólogos do esporte, abordem com mais profundidade, em suas pesquisas, as questões psicológicas referentes à prática de esportes pela população feminina, como também, assuntos ligados aos valores e comportamentos sociais.

Sabe-se que, hoje em dia, tanto homens quanto mulheres possuem liberdade de expressão, de ir e vir com suas ações, cientes de seus deveres e direitos, mas, em alguns casos, a discriminação ainda se faz presente no cotidiano de algumas mulheres, como no trabalho, no ambiente doméstico, na ruas ou mesmo no meio esportivo, porém, de acordo com 46,66% (quatorze) das entrevistadas, não há percepção de discriminação ou preconceito nas AFAN. Pelo contrário, a população masculina, tem incentivado e apoiado a entrada feminina neste espaço.

Os reforços positivos junto à mulher praticante de AFAN ou de qualquer outra modalidade esportiva torna-se, segundo vários autores, dentre eles cita-se CRATTY (1984), uma enorme fonte de motivação e vontade de crescimento dentro deste campo.

A mulher, segundo SIMÕES (2003), se utiliza das várias habilidades, desde as intelectuais, as físicas e as de persuasão, para conseguir ultrapassar as diversas barreiras sociais que se mantêm unidas às relações de poder. Por isso, estas, segundo o autor, estão se mostrando e ganhando expressividade junto aos diversos tipos de esportes.

Seguem algumas falas das entrevistadas que alegaram esse apoio masculino,

*S13: “... Nunca me senti discriminada, pois os grupos e rodas que frequentei sempre valorizaram muito minha participação em tais atividades. Às vezes as pessoas manifestavam surpresa e admiração ao saber das minhas preferências esportivas, pois antigamente estas atividades não eram tão comuns quanto hoje em dia”.*

*S16: “...Os homens que praticam, já são uma geração super aberta, principalmente numa corrida de aventura todos tem os seus momentos difíceis e um da força para o outro, pensam como uma equipe e não individualmente”.*

Já 6,66% (dois) das entrevistadas alegaram que, a discriminação e o preconceito não fazem parte do contexto das práticas de atividade física de aventura na natureza porque, o biotipo feminino favorece a prática de várias modalidades.

Acerca desses fatores, nas pesquisas de WEINECK (1991), o autor aponta a existência de diferenças quanto à constituição genética e suas funções orgânicas, no que tange a influenciar no desempenho de atividades físicas e esportivas entre homens e mulheres. Os homens possuem uma vantagem sobre as mulheres no que se refere à maioria dos elementos que constituem o corpo humano e que o colocam em movimento, no entanto, as mulheres possuem a densidade dos tecidos menor, os ligamentos e músculos são mais elásticos e flexíveis, dispondo, na maioria das articulações, de maior amplitude de movimento. Pode-se evidenciar, nesse sentido, que, dependendo da modalidade de AFAN, a mulher sobressairá ao homem. Segundo o mesmo autor, existem outras capacidades em que a mulher se sobressai, como a capacidade feminina em aprender novos movimentos e habilidades motoras. Portanto, a mulher pode praticar qualquer modalidade esportiva.

Essa afirmativa pode ser evidenciada na fala de uma das entrevistadas:

*S1: “...os homens nos respeitam muito e não há preconceito, o número de mulheres na escalada cresce a cada ano e tem algumas que escalam muito melhor do que eles. Eles reconhecem esse fato. Nosso próprio biotipo já facilita mais, temos mais flexibilidade do que os homens”.*

Para 3,33% (um) das entrevistadas, a não existência do preconceito e da discriminação ocorre devido aos praticantes dessas atividades serem pessoas que possuem uma boa condição financeira e, conseqüentemente, possuem um nível cultural mais avançado, além de serem consideradas pessoas mais esclarecidas quanto a esses fatos.

A relação feita pela entrevistada, de que possuir um maior poder financeiro levaria o ser humano a possuir também um nível cultural melhor e ser uma pessoa mais esclarecida, faz sentido, mas, até certo ponto, uma vez que, efetivamente, ter melhor condição financeira pode favorecer maior acesso às informações, podendo ampliar o nível cultural da pessoa, no entanto, se não houver interesse e motivação, ou se as oportunidades forem canalizadas para a futilidade, este fator deixa de ser decisivo para a ampliação do nível cultural.

Ainda a respeito das relações tratadas pela entrevista quanto ao nível financeiro interferindo nas questões do esclarecimento e do preconceito, pode-se observar que esta afirmação não apresenta boa fundamentação, uma vez que não se pode afirmar que indivíduos bem sucedidos financeiramente estejam esclarecidos suficientemente a ponto de não possuírem preconceitos.

É sabido que os valores comportamentais e morais são construídos e edificadas ao longo do crescimento humano, não importando a classe social a qual o indivíduo pertença. De acordo com os estudos de SILVA (2000), a construção de uma sociedade justa e livre, possuidora de valores justos e sem preconceito, teria suas bases fixadas em alicerces seguros. A família e a escola, seriam os exemplos mais claros dessas bases. Segundo a autora, o respeito mútuo também contribuiria para a construção dessa sociedade.

A educação é tida como um ponto fundamental e chave para a minimização e, até mesmo, para por fim ao preconceito, pois uma sociedade formada de pessoas esclarecidas, portadoras de conhecimento e possuidoras de um status cultural bastante

amplo e diversificado e com uma base familiar positiva, contribuiria de forma efetiva para a finalização do mesmo.

Já 3,33% (um) das entrevistadas evidenciaram a não existência de preconceito e discriminação nessas vivências, porém, nada apontaram como justificativa para a suas respostas.

Segundo, 13,33% (quatro) da amostra analisada, o preconceito e a discriminação existem por causa da estrutura física da mulher. A mulher praticante, segundo essas entrevistadas, necessita ter um porte físico bastante diferente em relação às outras mulheres.

É verdade que as mulheres atletas praticantes de atividade física de aventura na natureza necessitam de um condicionamento físico diferenciado do restante das outras mulheres, pois, as práticas requerem algumas especificidades diferentes do cotidiano de outras modalidades, o que também entra na definição da caracterização destas atividades, conforme evidencia (SCHWARTZ 2002).

De acordo com os estudos de PELLEGRINOTTI (2002), ao praticar alguma atividade física, torna-se necessário ter um bom preparo físico, pois a musculatura exercitada favorece um aumento na força, como também, atua na coordenação do movimento.

É verdade que a mulher, ao praticar atividade física, não importando o tipo, irá ter características físicas diferentes da mulher não praticante, mas, de acordo com os estudos de ANTUNEZ (2001), deve-se ter em mente que estas mulheres não deixarão de ser mais ou menos femininas por terem entrado para esse meio.

A percepção do preconceito e da discriminação foi apontado por 13,33% (quatro) das entrevistadas e a justificativa para tal sentimento se concentra no fato de que as pessoas externas a essas práticas, quer sejam homens ou mulheres, julgam estas vivências como sendo masculinas, não fazendo idéia dos benefícios e sensações que estas produzem no corpo humano, independente de sexo.

De acordo com os estudos de KLINEBERG (1972), McDAVID e HARARI (1980) e HESS ET AL (1992), boa parte dos seres humanos tem o costume de julgar ou formular conceitos sem terem conhecimento ou experienciado determinadas ações e isso é o bastante para formularem julgamentos com conteúdos preconceituosos, carregados de valores morais e comportamentais. Os conceitos, segundo as entrevistadas, deveriam ser formulados mediante as experiências e como estas pessoas não as tem, seus argumentos podem ser equivocados.

Segundo 6,66% (dois) das entrevistadas, estes dois sentimentos existem devido ao fato da mulher, atualmente, superar a população masculina em algumas modalidades esportivas existentes. Para essas entrevistadas, certos homens ainda não admitem perder espaço para a mulher e, em se tratando da prática de esportes de aventura, um espaço que, de início, era dos homens, a sensação ainda é pior, daí, os conceitos por eles formulados acerca das mulheres que superam limites e conquistam espaços são reforçados ao longo dos tempos.

De acordo com os estudos de ANTUNES (2001) e CADAVID e CASTRO (2001), essa discriminação sofrida pelo público feminino praticante de atividades esportivas é devida aos estereótipos e padrões culturais e educacionais criados ao longo do tempo, os quais esperavam da mulher esportista diferenças quanto ao rendimento quanto ao êxito e

comportamentos e quando esses elementos são postos em dúvida, é natural a reação masculina, visto que sua hegemonia se encontra abalada.

Para 6,66% (dois) das entrevistadas, o preconceito, como também a discriminação, são visíveis quando não se mostra capacidade ou competência para se vencer determinada parte da competição, como é caso, segundo as entrevistadas, na corrida de aventura. Quando algo desse tipo ocorre, a culpa recai sobre a mulher e essa sofre as conseqüências, sendo tachadas de “sexo frágil”.

A mulher, sempre demonstrou capacidade e competência em suas ações. Suas conquistas denotam sua capacidade de superar limites e obstáculos, porém, mediante um acontecimento como este, narrado pelas entrevistadas, a população masculina logo insere comentários e formula conceitos sobre a efetiva participação feminina no esporte.

Sabe-se que para a realização de uma dada modalidade esportiva, torna-se necessário ter um treinamento apropriado. De acordo com os estudos de BRANDÃO e FIGUEIRA JÚNIOR (1996) um bom condicionamento físico pode interferir, de maneira efetiva, no desempenho das habilidades corporais em geral.

Porém, quando se focaliza as AFAN, mais precisamente a corrida de aventura, deve-se levar em consideração que a mulher, devido as suas características físicas, pode não responder à altura das exigências de determinada prova, mas isto não quer dizer que em outra ela não possa se sobressair. De acordo com a pesquisa de ORLANDI (2003), neste tipo de atividade ocorre um grande desgaste físico, mas as equipes femininas e as equipes que possuem integrantes femininas vêm demonstrando bastante competência e capacidade.

Após discutir as questões acerca da percepção de dificuldades e barreiras,

como também, de preconceito e de discriminação no início da prática de AFAN, convém apontar algumas discrepâncias concernentes a algumas respostas das entrevistadas que entraram em contradição nas duas questões.

O sujeito 2, na questão 3, apontou a não existência de dificuldade ou barreira,

*S2: “... Não, porque a necessidade da mulher nessa modalidade é alta, então os homens apóiam muito”,*

Porém, em sua resposta à questão 4, a mesma relata que ocorre o preconceito, no momento que a mulher supera o homem.

*S2: “... Eles nunca aceitam que você pedale melhor, são capazes de passar mal para não ficar para trás e se você pedala fraco com um cara fraco, mas no ritmo dele, ele diz que você pedala muito porque pedalou igual”.*

Ainda neste mesmo contexto da questão apontada, seguem outras entrevistadas, entrando também em contradição em suas respostas, referentes às questões 3 e 4.

*S10: “... Não, pelo contrário, muitos homens acharam super legal e incentivaram de diversas formas”.*

*S10: “... Somente pelas mulheres que não praticam atividades do mesmo tipo, pois julgam estes esportes muito masculinos”.*

*S18: “... Nenhuma”.*

*S18: “... Algumas vezes os homens nos acham incapazes de transpor alguns obstáculos, mas quando vêm nós somos mais ágeis e sofremos menos acidentes”.*

Pode-se nesse sentido, apontar as possíveis contradições existentes nas falas

das entrevistadas, porém, evidenciam-se aqui alguns elementos importantes, os quais merecem ser melhor pesquisados em outra oportunidade, com o foco direto relacionado à atitude, preconceito, estigmatização e valores relacionados ao público feminino.

#### 4.4 A ressonância das práticas das AFAN no papel social feminino.

As questões de número 6 e 7, agrupadas no quarto indicador, procuraram identificar se há alguma reverberação destas práticas no cotidiano profissional e familiar das praticantes de AFAN.

**Questão 6: *Você viu mudanças significativas em sua relação com a sociedade como um todo, quer seja no meio profissional ou familiar, causadas pela prática de atividades físicas de aventura na natureza? Explique sua resposta.***

| Respostas                                                                                                                                                                 | nº respostas | Total (%) |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------|-----------|
| Sim.<br>Explicação: Elementos como auto-estima, confiança e coragem aumentaram e hoje nota-se a admiração pela população masculina.                                       | 06           | 19,99%    |
| Sim.<br>Explicação: Muitas portas se abriram no campo profissional e nota-se uma melhora nos relacionamentos familiar e com os amigos.                                    | 06           | 19,99%    |
| Sim.<br>Explicação: Elementos como tranquilidade, atenção, segurança, decisão e concentração passaram a fazer parte do cotidiano.                                         | 02           | 6,66%     |
| Sim.<br>Explicação: Elementos como estratégias, planejamentos, espírito de equipe, respeito pelas adversidades foram conquistados nas AFAN e hoje aplicados no cotidiano. | 02           | 6,66%     |
| Sim.<br>Explicação: Houve aprendizagem de como lidar com traumas, com medos, a compreensão das próprias limitações e maior nível de segurança nas ações.                  | 02           | 6,66%     |

|                                                                                                                                                                             |    |       |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|-------|
| Sim.<br>Explicação: A responsabilidade, a consciência ambiental e o respeito ao limites dos colegas foram elementos adquiridos por meio da vivência dessas práticas.        | 02 | 6,66% |
| Sim.<br>Explicação: Houve uma melhora na qualidade de vida, na aquisição de hábitos mais saudáveis e na coragem para superar desafios e medos.                              | 02 | 6,66% |
| Sim.                                                                                                                                                                        | 02 | 6,66% |
| Sim.<br>Explicação: As sensações de preparo e amadurecimento para assumir ou perder posições, como também para tomar certas atitudes se encontram mais elevadas.            | 02 | 6,66% |
| Não.<br>Explicação: As atitudes perante os meios profissional e familiar são os mesmos. As mudanças ocorreram e ainda ocorrem devido às lutas femininas desde tempos atrás. | 02 | 6,66% |
| Não.<br>Explicação: A mulher tem que lutar muito para mostrar suas capacidades.                                                                                             | 01 | 3,33% |
| Não.                                                                                                                                                                        | 01 | 3,33% |

Quanto à possibilidade de haver reverberação das AFAN no cotidiano das mulheres praticantes, quer seja no âmbito profissional, quer seja no familiar, 19,99% (seis) das entrevistadas relataram que perceberam mudanças com a prática de atividades de aventura e que elementos como a auto-estima, a confiança e a coragem atingiram grandes proporções, como também, a admiração por parte da população masculina.

De acordo com os estudos de BETRÁN, (2003), os elementos presentes nessas vivências na natureza colaboram na melhoria dos diversos aspectos humanos, dentre eles, a promoção de uma nova leitura corporal, um maior conhecimento de suas estruturas,

como também, atuam no aumento da auto-estima e da segurança, quando na tomada de decisões e mudanças de atitudes.

Pode-se, assim, pensar que os diversos elementos presentes nessas vivências são, de alguma maneira, aplicados no cotidiano das pessoas que praticam esportes de aventura, como também, adicionados a outros aspectos do comportamento humano.

Outras 19,99% (seis) das entrevistadas perceberam mudanças em suas vidas, tanto pessoais como profissionais, após as vivências dessas atividades. Segundo as entrevistadas, várias portas foram abertas no campo profissional e o relacionamento com a família e com os amigos melhorou consideravelmente.

Ao discorrer sobre esse assunto MORALES e BLANCO (2002) salientam serem visíveis as alterações no cotidiano das pessoas praticantes de AFAN, como também são notáveis os diversos elementos acrescentados em suas vidas. De acordo com seus estudos, as AFAN podem favorecer diversas mudanças comportamentais e de valores, como também, causar melhoras nos relacionamentos, pois geram um estreitamento nos laços interpessoais.

Sobre o fato da vivência das AFAN poder provocar a abertura de várias portas relacionadas às mudanças nos diversos âmbitos, inclusive no profissional, os estudos dos autores acima citados evidenciam que o indivíduo, ao entrar em contato com as adversidades e com os imprevistos, adquire uma bagagem de conhecimentos novos, que irá contribuir para a mudança de valores e com o aumento das experiências pessoais junto a situações diversas, conquistando-se uma aprendizagem cheia de significados.

Segundo 6,66% (dois) da amostra analisada, a prática das AFAN contribuiu e muito para a uma vida social, familiar e profissional mais centrada e direcionada para o

sucesso. Segundo as praticantes, vários elementos foram recuperados durante a vivência dessas atividades, como a tranquilidade, a atenção, a segurança, a decisão e a concentração para resolver situações cotidianas.

Ao dispor de maior confiança em suas atitudes, como também, de maior facilidade em controlar suas emoções e sentimentos, pode-se inferir que as práticas de atividades físicas de aventura na natureza contribuem, de maneira efetiva, no gerenciamento e no fortalecimento de novas ações frente às inúmeras situações cotidianas. De acordo com os estudos de SCHWARTZ (2002), todos esses elementos vivenciados na prática de AFAN, atuam no fortalecimento das relações sociais e interpessoais.

As mudanças percebidas por 6,66% (dois) das entrevistadas são relativas às melhoras no âmbito profissional, como maior capacidade de elaborar estratégias e planejamentos, como também o espírito de equipe, tão valorizado nas práticas de esporte de aventura hoje, assim como no ambiente de trabalho, além de que o respeito pela adversidade, pelo diferente, também foi apontado como um elemento conquistado e despertado após a vivência dessas atividades.

Sobre este assunto vê-se, atualmente, várias empresas fazendo uso dos chamados “*outdoor training*” (OUTWARD BOUND BRASIL, 2003), programas que utilizam os esportes praticados na natureza, para fins de treinamento empresarial. Os treinamentos visam a desenvolver nos profissionais, competências como: motivação, esforço, liderança, espírito de equipe, entre outros.

De acordo com esses programas de treinamento, os desafios encontrados na vivência desses esportes são, praticamente, equivalentes aos desafios encontrados no âmbito do trabalho profissional e, ao trabalhar as situações ou problemas cotidianos da

empresa de maneira simulada por meio dessas atividades, os conceitos ligados às competências pessoais acima evidenciadas podem ser observados de forma concreta. Ao trabalhar elementos como esforço em conjunto, bom planejamento e uso eficiente de recursos, pode-se conseguir resultados efetivos e aplicados de forma real no âmbito profissional (GIGLIOTI, 2002).

Pode-se, dessa maneira, evidenciar que estes treinamentos empresariais, cuja finalidade é trabalhar as diversas competências pessoais nas práticas de esportes de aventura na natureza, torna-se um meio efetivo de transportar experiências simuladas para o âmbito profissional de forma real e concreta, visto que a superação de obstáculos junto às adversidades encontradas auxiliam no desenvolvimento de valores organizacionais, como atingir metas e descobrir soluções criativas.

Já, 6,66% (dois) das praticantes, participantes da pesquisa, relataram que as mudanças são visíveis, tanto nos ambientes familiares quanto nos profissionais. Pelo fato de terem aprendido a lidar com momentos difíceis e adversos, vários medos e traumas foram superados e hoje conseguem atingir metas e objetivos diversos. Outra aprendizagem, adquirida com a prática de esportes de aventura se concentra no fato de ter havido, segundo as entrevistadas, um maior conhecimento dos limites físicos, fazendo com que, agora, tenham mais segurança mediante a adversidades.

Grande parte das pessoas, ao serem expostas a determinadas situações do tipo, com momentos de tomadas de decisão e de atitudes ou se ao se deparar com situações novas e desconhecidas, seu processo emocional é acionado e as sensações de medo e de incapacidade são visíveis. De acordo com os estudos de WALLON (1968), o ser humano,

de posse das sensações de medo, se torna incapaz de exercer e reagir às excitações externas, podendo até perder o controle de suas atitudes.

Neste sentido, o “*outdoor training*”, discutido no parágrafo anterior, pode ser considerado uma nova ferramenta, capaz de trabalhar as diversas problemáticas encontradas nos âmbitos empresariais, as competências pessoais, as inseguranças, as fobias entre outros, a fim de alcançar as metas estabelecidas (GIGLIOTI, 2002; GALVÃO, 2003).

Outras mudanças foram apontadas por 6,66% (dois) das entrevistadas. Segundo essas praticantes, houve um aumento da responsabilidade quando compromissos são assumidos, um respeito maior pelos colegas de trabalho, como também, um despertar acerca da preservação ambiental, dos valores presentes nessas práticas, que tornam o ser humano, um ser mais humano e ciente de seus atos.

Todos esses fatos acima descritos, relacionados à aquisição de maior responsabilidade e respeito com as pessoas a sua volta, podem ser evidenciados e corroborados nos estudos de GALVÃO (2003). De acordo com suas pesquisas, esses elementos podem ser conquistados pela prática de atividades de aventura, pois as diversas modalidades existentes trabalham habilidades específicas. A autora cita o *rafting*, esporte que exige o trabalho em equipe, onde a necessidade de união, respeito mútuo e responsabilidade são fatores essenciais para se chegar ao objetivo.

Segundo as entrevistadas, a partir da prática de AFAN houve um despertar para a conscientização ambiental. De acordo com os estudos de VILLAYERDE (2003) e MARINHO (2003), a partir do momento em que o homem passa a ter uma relação responsável com o meio ambiente natural, este começa a valorizar suas ações e suas atitudes frente ao cotidiano, como também, passa a enxergar a natureza com um olhar

mais humano e menos materialista, e a concebê-la como fonte de inúmeras vivências significativas.

Essa valorização do meio ambiente natural pode ser mais bem entendida nos estudos de RIBEIRO (1998). Segundo a autora, a consciência ambiental e o respeito à natureza, como também, a relação homem/natureza somente fará sentido ao ser humano, se este, ao longo de sua existência, tiver percorrido a seguinte trajetória em relação às coisas a sua volta: “tomar contato”, “admirar”, “gostar/amar”, “respeitar”, “conservar”.

Elementos ligados à qualidade de vida foram apontados por 6,66% (dois) das entrevistadas. Para essa parcela do grupo pesquisado, a aquisição de hábitos saudáveis, como acordar cedo, caminhar, prestar mais atenção na alimentação, na qualidade do sono, entre outros, foram adquiridos com a prática desses esportes. A superação de obstáculos e desafios, como também, a perda do medo e a vontade de vencer foram relacionados com a vivência dessas atividades.

Sob a questão da qualidade de vida, as pesquisas de KREBS (2002) evidenciam este aspecto, quando o autor relata que o ser humano tem buscado com essas práticas na natureza um melhor entendimento de sua existência, como também, uma qualidade de vida melhor e saudável. De acordo com o autor, somente quando o homem interagir com a natureza de maneira equilibrada, conquistará de maneira efetiva essa qualidade existencial.

Indo um pouco mais além, SCHWARTZ (2002) aprofunda sua visão na necessidade de uma verdadeira interação homem-natureza, evidenciando o próprio corpo como espaço ecológico, salientando que somente por meio de alterações atitudinais

conscientes é que se consegue atingir uma mudança no estilo de viver atual, rompendo com os modelos tradicionais contemporâneos.

Em relação às outras mudanças percebidas pelas entrevistadas, GALVÃO (2003) aponta os fortes elementos presentes nessas práticas ao ar livre contribuindo, de maneira positiva, para a realização e superação das barreiras encontradas, tanto nos campos pessoais como profissionais. Segundo a autora, as várias modalidades existentes, dentre elas, o arvorismo, despertam e estimulam a confiança diante dos desafios, atuando de maneira efetiva na conquista dos objetivos.

Segundo 6,66% (dois) das praticantes houve mudanças em suas vidas, tanto profissional quanto pessoal, porém, nada apontaram como justificativa.

Já para 6,66% (dois) das mulheres pesquisadas, a prática de AFAN provocou mudanças profundas na vida profissional. Segundo a entrevistada, a possibilidade de sucesso na carreira profissional depende de sorte, capacidade e, principalmente, de ousadia para correr riscos, estar preparada para vencer ou perder a todo o momento. De acordo com as praticantes, a prática de esportes de aventura as preparou para serem mais ativas e menos passivas, ou seja, hoje se sentem mais preparadas para assumirem ou perderem posições e mais maduras para tomarem certas atitudes.

Com essa resposta, pode-se perceber que a prática possibilitou o crescimento, tanto no ambiente da prática como na vida de modo geral, mesmo que a base desse crescimento tenha envolvido a questão da perda ou do insucesso, uma vez que as mulheres se fortaleceram e demonstraram maior tolerância à frustração, até mesmo quando enfrentaram alguns reveses e dissabores.

Essa questão pode ser visualizada na fala de uma das entrevistadas:

S8: “... *A corrida de aventura é como se fosse um resumo da vida, você tem que lidar com momentos felizes, frustrantes, com imprevistos, com obstáculos, com pessoas, com limite, com exaustão, satisfação e realização. Você trabalha todos os momentos de uma vida normal. (...). Sou mais segura, madura e realizada (...)*”.

Atualmente, as grandes empresas vêm repensando suas relações sociais e pessoais com suas equipes. Para tanto, as mesmas apostam na formação e na qualificação de seus funcionários, investindo em treinamentos que fortaleçam esses quesitos e elevem o *status* da empresa.

Segundo vários autores, dentre eles ANDRADE (1999), GIGLIOTI (2002) e GALVÃO (2003), grandes empresas ligadas a este ramo de treinamentos empresariais, vêm munindo-se de teorias e práticas para preencherem essas exigências do mercado empresarial. Como não poderia ser diferente, estas empresas uniram os componentes lúdicos presentes nestas práticas de aventura com as competências pessoais e empresariais necessitadas de serem trabalhadas.

De acordo com essas empresas, vários pontos-chave são trabalhados durante esses treinamentos, como a definição de estratégias, avaliação sistemática da performance da equipe, averiguando a competência da equipe na tomada de atitude e decisões, como também, avaliando a forma do grupo trabalhar em conjunto.

Várias outras praticantes, participantes da entrevista, não perceberam mudanças em suas vidas, quer seja no âmbito profissional ou no familiar.

Segundo 6,66% (dois) das entrevistadas, a prática das AFAN não trouxe contribuições em nenhum sentido. As atitudes perante os meios profissional e familiar são as mesmas e as mudanças percebidas no trabalho ou mesmo na vida pessoal são devidas às

longas lutas contra a discriminação e a negação dos seus direitos de cidadã, de tempos atrás.

Essas atividades físicas de aventura, desenvolvidas na natureza, não necessariamente causaram modificações no comportamento ou na vida pessoal ou profissional de seus praticantes, como pode ser visto, na fala de uma das entrevistadas:

*S13: “... Não. Acredito que a mudança de mentalidade da sociedade com relação às mulheres seja fruto de um processo que vem se instalando há muito tempo. Acredito que as mudanças e as conquistas no campo pessoal, familiar e profissional devem-se a um conjunto de valores que, entre outras situações, estão também presentes na prática esportiva”.*

Porém, de acordo com os estudos de BRUHNS (2003) uma visita à natureza, quer seja de maneira passiva ou ativa, pode causar diversas reações e sensações ao ser humano. A autora cita como exemplo os órgãos do sentido, dentre eles a visão, o tato, a audição e o olfato os quais, devido a vários fatores sociais, políticos e físicos, acabaram por perder suas funções ou se atrofiaram pela falta de uso e, com este retorno ao ambiente natural, com a vivência dessas práticas corporais, estes voltaram a exercer suas funções.

Esse fato também pode ser evidenciado nos estudos de RIBEIRO (1998), quando a autora discursa sobre a importância desse contato direto com a natureza e as implicações deste para a recuperação da sua corporeidade, da sua percepção de ser humano por inteiro. Segundo a autora, por meio do sentir, do perceber, do tocar e do experimentar diretamente as coisas a nossa volta, cria-se um elo de respeito e consciência com a natureza e com o nosso próprio corpo.

Portanto, por menores que sejam as mudanças ocorridas na estrutura corporal, há sempre alterações, quer sejam comportamentais ou sensitivas, adquiridas com a prática de esportes de aventura, bastando, para percebê-las, estar atento e sensível.

Para 3,33% (um) das entrevistadas as vivências em AFAN nada contribuem para a população feminina, nos diversos espaços da sociedade. Segundo a entrevistada, a mulher ainda deve lutar para ser vista com respeito e tratada com dignidade, como também para mostrar suas capacidades.

Como explicitado em parágrafos anteriores, essa visão das AFAN, como sendo uma prática pela prática, ou seja, nada pode ser aproveitado de uma vivência na natureza, foi apontada apenas por uma entrevistada, não podendo ser generalizada, visto que a maioria das praticantes apontou mudanças em seu cotidiano.

Porém, esta afirmação não condiz com as grandes conquistas femininas atualmente nos diversos setores da sociedade brasileira. De acordo com os estudos de LIPOVETSKY (2000), a mulher moderna, por ter conseguido independência nos seus diversos aspectos, não necessita se auto-afirmar a todo o momento, para assegurar o seu espaço. Após adquirirem autonomia, estas mulheres governam e direcionam suas ações rumo ao preenchimento de suas necessidades internas. Segundo o autor, a população feminina conseguiu atingir um estágio de segurança e consciência acerca de seus deveres e atitudes, tanto no trabalho profissional quanto na sua vida pessoal e isso, para o autor, é um fator importante no que tange à solidificação de sua identidade de mulher e sujeita de seus próprios atos.

Segundo 3,33% (um) das participantes do estudo, não ocorreu nenhuma mudança significativa com a prática de AFAN, além de não terem apontado nenhuma justificativa para tais respostas.

**Questão 7: A busca em superar limites, vencer obstáculos e desafios propostos pelas práticas de atividades físicas de aventura na natureza, a seu ver, possui alguma relação com o papel da mulher na sociedade atualmente? Explique sua resposta.**

| Respostas                                                                                                                                                                                 | nº respostas | Total (%) |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------|-----------|
| Sim.<br>Explicação: A mulher está cada vez mais empreendedora, pois, além de sua dupla jornada de trabalho, ela ainda traça metas, supera expectativas e desafios e ganha reconhecimento. | 11           | 36,66%    |
| Sim.<br>Explicação: A busca constante por seus direitos quanto à igualdade, a fez uma pessoa vitoriosa e apagou o papel de “sexo frágil”.                                                 | 08           | 26,66%    |
| Sim.<br>Explicação: A mulher vem extraindo dessas atividades, diversos elementos capazes de torná-la uma pessoa melhor, mais confiante e consciente de suas ações no mundo.               | 05           | 16,66%    |
| Sim.<br>Explicação: Ela busca liberdade e satisfação pessoal.                                                                                                                             | 01           | 3,33%     |
| Não.<br>Explicação: Essas práticas são vistas apenas como um reencontro com a natureza, não se precisa delas para que a mulher conquiste o seu espaço na sociedade.                       | 02           | 6,66%     |
| Não.<br>Explicação: Atualmente, as mulheres têm necessidade de provar as suas capacidades, deixando em segundo plano o simples prazer pessoal das realizações.                            | 02           | 6,66%     |
| Não.<br>Explicação: A mulher possui determinação para buscar maiores oportunidades tanto na vida pessoal quanto profissional e isso reflete na prática de AFAN.                           | 01           | 3,33%     |

Ao discorrer sobre os propósitos das AFAN a questão procurou identificar se estes podem, de alguma forma, estar relacionados com o papel da mulher na sociedade atual. De acordo com 36,66% (onze) das entrevistadas, a busca em superar limites, vencer obstáculos e desafios propostos pelas AFAN possui relação com o papel da mulher na sociedade, visto que a população feminina, além de dar conta da sua dupla jornada de trabalho, consegue ser empreendedora, traçando metas, superando as expectativas e desafios e ganhando reconhecimento, conforme já evidenciado na revisão de literatura.

Esses aspectos podem ser confirmados nos estudos de LIPOVETSKY (2000), SIMÕES (2003) e CASTELLS (1999), quando os autores discutem as conquistas femininas, suas novas características, a solidez de seus valores, como também, sua nova identidade.

Segundo 26,66% (oito) das entrevistadas, os elementos presentes nas AFAN, juntamente com o que eles incitam a seus praticantes, se relacionam com o papel da mulher na sociedade atual, pois a população feminina superou todos os obstáculos e desafiou os diversos poderes da sociedade, para poder, assim, exercer a sua cidadania e ser dona de suas ações, de uma forma livre e igualitária, apagando de uma vez por todas, o papel que a rotulava de “sexo frágil”.

Pode-se averiguar essa questão nos estudos de SIMÕES (2003), quando o autor evidencia que esse rótulo é coisa do passado, visto que a população feminina praticante de esportes se encontra bastante esclarecida acerca de suas habilidades e capacidades, como também, ciente de suas responsabilidades. Segundo o autor, a presença feminina nos diversos esportes vem rompendo com os estereótipos machistas e afirmando

suas novas características, como a superação de limites tanto físicos como intelectuais, chegando a patamares iguais aos dos atletas homens.

As conquistas femininas no contexto esportivo, como também, a trajetória de suas lutas por reconhecimento de suas capacidades e habilidades podem ser visualizadas nos estudos de MOURÃO (2003; 2001).

De acordo com 16,66% (cinco) das mulheres praticantes, os conteúdos disseminados pelas AFAN são passíveis de serem relacionados com o papel da mulher na sociedade contemporânea, visto que a mulher vem extraindo dessas atividades diversos elementos capazes de torná-la uma pessoa melhor, mais confiante e consciente de suas ações no mundo.

Esses novos valores disseminados por esses novos esportes têm contribuído de maneira efetiva para a modificação de diversas atitudes do ser humano. De acordo com os estudos de BENTO (1991:129), o esporte em geral, nos dias atuais,

(...) expressa uma simbiose de sentidos e significados. A sua estrutura tradicional de valores, caracterizada em primeiro lugar por treino, competição e rendimento, vê-se progressivamente invadida e acrescentada por outros valores ligados a uma forte acentuação de comportamentos hedonistas, de contactos com o envolvimento natural, de prática do risco, do excesso, da transgressão, da transcendência, da aventura, de prática mais activa e sentida da corporalidade.

Para o autor, o ser humano, atualmente, pratica os diversos tipos de esportes com o intuito de redescobrir os valores subjetivos que esses denotam. Os diversos grupos que buscam esses novos valores junto à prática esportiva possuem desejos, necessidades e exigências específicas.

Segundo 3,33% (um) das entrevistadas, os propósitos pessoais que as AFAN incitam, como a superação de limites e obstáculos, as diversas experiências e sensações prazerosas, possuem relação com o papel da mulher na sociedade atual, visto que, por meio dessas práticas, a população feminina praticante busca a liberdade e a satisfação pessoal, assim como nos ambientes profissional e social.

As diversas práticas esportivas existentes atualmente se situam em um plano de atividades que se caracterizam por evidenciar uma enorme pluralidade de significados e sentidos. O contexto esportivo, assim como os sistemas setoriais de uma sociedade, estão sujeitos a sofrer as mais diversas alterações e essas mudanças, de acordo com BENTO (1991), se referem à uma diminuição da importância dos valores ligados à disciplina, ao esforço e à rotina de treinamento, elementos presentes nos esportes de rendimento. Para o autor, outros valores estão sendo evidenciados, como a autonomia, a criatividade, a comunicação, o hedonismo, assim como tornou-se também um espaço que cultua os valores ligados à expressão corporal e às vivências de experiências significativas.

Portanto, os novos valores direcionados à prática esportiva refletem as diversas mudanças ocorridas nos contextos sociais, culturais e políticos, tornando a sua experimentação próxima das realizações pessoais e reafirmações da existência humana.

De acordo com 6,66% (dois) das entrevistadas, não há relação alguma dos propósitos incitados pelas AFAN com o atual contexto feminino na sociedade. Essas práticas são vistas apenas como um reencontro com a natureza e os elementos proporcionados por essas vivências, segundo as entrevistadas, em nada repercutem na vida da mulher moderna na sociedade. Portanto, os elementos que as AFAN incitam, como a

busca em superar limites, vencer obstáculos e desafios não podem ser relacionados com o papel feminino na sociedade atual.

Nota-se que, apesar desta afirmação de que os diversos elementos proporcionados pelas AFAN em nada favorecem a vida profissional e pessoal das entrevistadas, um fato importante evidenciado por elas próprias, que é o reencontro com a natureza, revela que essas vivências junto ao meio ambiente natural contribuíram para esse redimensionamento de suas ações junto a este espaço. Esses apontamentos podem ser corroborados nos estudos de COSTA e TUBINO (1999), BOFF (1999) e BRUHNS (1997).

Esse reencontro pode ser evidenciado também, nos estudos de BENTO (1991) e ALMEIDA (1991), quando os autores mostram que, devido as grandes mudanças nas sociedades e os problemas advindos com a globalização, o ser humano tem buscado novos significados para a sua existência e as práticas de esportes de aventura podem ser consideradas como uma das formas de despertar esses sentimentos, como também, despertar valores ligados à preservação.

Segundo 6,66% (dois) das entrevistadas, a busca em superar limites e ultrapassar obstáculos e desafios, sugeridos pelas AFAN, não faz relação alguma com a atual posição feminina na sociedade. De acordo com as praticantes, boa parte das mulheres que praticam essas atividades, além de não fazer relação com a sua vida cotidiana, ainda se preocupa com a necessidade de mostrar, a todo tempo, suas capacidades, relegando a segundo plano elementos ligados ao bem-estar e à felicidade, como o simples prazer pessoal das realizações e conquistas.

Para discorrer sobre essa questão, os estudos da psicologia social, mais precisamente, de McDAVID e HARARI (1980), como também, da psicologia do esporte,

salientando os de SAMULSKI (2002), apresentam outros argumentos teóricos capazes de fundamentar essa discussão.

Pode-se constatar nos estudos de McDAVID & HARARI (1980:194) que a idéia fixa de ter que, a todo momento, mostrar suas habilidades e capacidades, reafirmar seus valores perante a sociedade, denota ainda, a vulnerabilidade de algumas mulheres, frente às questões ligadas aos esterótipos “machistas”, os quais, por muito tempo, fizeram parte do cotidiano feminino e, graças às mudanças sociais, não fazem mais parte da vida diária de milhões de mulheres. Porém, a grande maioria das mulheres bem sucedidas, que possuem um *status* social e profissional elevado, segundo os autores, sofre com os conflitos ligados ao papel social. Esse conflito se dá, na maioria das vezes, “(...) *por causa da incerteza a respeito das exigências de sua posição*”.

De acordo com os estudos de Samulski, relegar a segundo plano os valores hedonistas adquiridos no contexto pessoal ou profissional, revela ainda elementos ligados à insegurança e à falta de firmeza quanto as suas condutas, quanto ao seu real papel social e quanto as suas emoções, como também, falta de autoconfiança, orgulho próprio e segurança.

Para 3,33% (um) das entrevistadas, os propósitos evidenciados pelas AFAN, como superação e o enfrentamento de dificuldades, obstáculos e desafios, não fazem nenhuma relação com a atual posição feminina na sociedade. Segundo as entrevistadas, a mulher possui potencial e determinação para buscar maiores oportunidades nos diversos setores de sua vida e isso se reflete na prática dessas atividades.

De acordo com a justificativa da entrevistada, pode-se deduzir que, após os vários movimentos femininos em prol de maiores oportunidades nos diversos setores da

sociedade, maior liberdade de expressão, reconhecimento de suas reais habilidades e capacidades intelectuais e motrizes, a mulher pode mostrar e, até mesmo, demonstrar seu potencial, sua garra e sua determinação para buscar seus ideais e isso vem a ser refletido, também, neste novo espaço, que é o das AFAN.

Pode-se assim comparar a mulher praticante de AFAN, com a “*terceira mulher*”, apontada por LIPOVETSKY (2000:224) em seus estudos. Segundo o autor, esta terceira mulher, se caracteriza pela independência, nos vários aspectos, não mais necessita viver segundo as novas ordens sociais, esta agora, é dona de seu tempo, controla suas ações e realizam suas vontades pessoais. No aspecto profissional, demonstram seu talento, conquistam espaços pelo seu próprio mérito, superam os diversos desafios graças aos “*(...) valores individualistas-competitivos-meritocráticos estendidos às mulheres*”, valores estes que, em tempos anteriores, pertenciam ao público masculino”.

Portanto, os diversos acontecimentos sociais, geradores, tanto da problemática feminina, como também, das conquistas desta população, interferiram, de alguma forma, nas práticas sociais e tomadas de atitude desse público, inclusive em relação a prática de esportes. Com a entrada feminina para o meio esportivo, mais precisamente, para as AFAN, nota-se possíveis ressonâncias dos acontecimentos passados refletindo nos acontecimentos atuais relacionados a essa prática esportiva, visto que, os desafios e os obstáculos ultrapassados ao longo dos tempos podem, de alguma maneira, incentivá-las a vivenciar essas atividades.

## V- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo procurou mostrar algumas questões pontuais acerca da entrada efetiva da mulher no meio esportivo, aqui sendo evidenciada a prática de atividade física de aventura na natureza, como um conteúdo do lazer e suas imbricações, como também, as conseqüências positivas dessas vivências, apontadas pelas entrevistadas, em suas vidas, tanto pessoal quanto profissional.

Com base nos resultados apresentados nos indicadores apontados ao longo da discussão dos dados: *motivos de aderência à prática de AFAN pela população feminina; relação prática de atividades e o papel feminino; dificuldades e barreiras percebidas pelas mulheres na prática de AFAN e a ressonância das práticas das AFAN no papel social feminino*, pode-se perceber que, com relação aos motivos de aderência à prática de Atividade Física de Aventura na Natureza pela população feminina, estes se relacionam ao fato de poder estar em contato com o meio ambiente natural, das possibilidades de aquisição de uma vida mais tranquila e menos estressada, a qual foi efetivamente abalada pela agitação dos grandes centros urbanos, como também, a obtenção de um controle maior sobre as próprias emoções.

Também em relação aos motivos de aderência, outras entrevistadas apontaram que, a união entre a prática esportiva e a natureza, foi a grande responsável pelo início nessas atividades de aventura, visto que, estas práticas propiciam novas experiências, como também, o incentivo ao desafio e a superação de obstáculos e limites, de maneira segura, tendo como suporte o alto grau de desenvolvimento do aparato tecnológico.

Outro aspecto bastante relevante como elemento crucial estimulador da prática diária dessas atividades centrou-se no fato de que, em alguns grupos, a entrevistada era a única mulher. Essa questão nos revela o quanto a mulher tornou-se independente e consciente de suas ações, a ponto de não se intimidar pelo fato de ser a única integrante feminina do grupo.

Pode-se assim evidenciar que, os motivos de aderência a essas vivências na natureza são diversos, como também, particulares e pessoais, visto que podem representar a mulher nas suas diversas expectativas e anseios. É verdade também que, tanto a mulher quanto o homem, podem usufruir dessas práticas, as quais propiciam grandes benefícios a ambos, conforme SILVA e MARINHO (2003) relatam em seus estudos, evidenciando este fato em uma pesquisa realizada com a participação de educadores físicos, fisiologistas e psicólogos acerca dos benefícios dessas vivências na natureza para o ser humano.

Com relação à prática de atividades físicas de aventura na natureza e o papel feminino, pode-se perceber, na análise desse indicador, que a maior parte das entrevistadas apontou a existência de alguma relação entre a prática de AFAN e o seu papel social. Fatores positivos como, aumento da força, da coragem, da determinação, da resistência e da disposição na superação de desafios e obstáculos foram evidenciados pela amostra analisada.

De acordo com as mulheres participantes do estudo, após terem iniciado a prática dessas atividades, elas perceberam um crescimento no respeito e na confiança por parte de outras pessoas, devido ao fato dessas práticas incitarem competência e garra em determinados momentos das diversas vivências.

No que concerne aos aspectos do apelo preservacionista, a partir da prática constante destes esportes, houve um maior contato com a natureza, despertando nesta amostra analisada a conscientização sobre a necessidade de preservação da mesma.

Porém, no olhar das mulheres entrevistadas, grande parte dos envolvidos com essas práticas, quer sejam praticantes ou guias, não possui ou não é sensibilizada a encarar a natureza com esse ideal. O alerta que partiu dos discursos é o de que elementos como a responsabilidade e o respeito devem ser despertados desde a infância, para que se instaure um processo ou uma relação de cuidado com as coisas ao redor, visto que só se valoriza o que realmente faz sentido ou importa a cada um.

Outro ponto a ser lembrado é a quebra de paradigmas, pondo abaixo o mito do “sexo frágil”, que favoreceu a maior inserção da mulher no mercado de trabalho e nas práticas esportivas. A maior independência financeira também foi um fator que liberou a mulher para usufruir um tempo livre próprio e, inclusive, para a vivência dessas atividades. É verdade que essa maior liberdade quanto as suas ações se deve, também, aos grandes acontecimentos passados, referentes às conquistas femininas nos diversos setores da sociedade.

Sabe-se que, tudo o que envolve mudanças ou mesmo rupturas com um padrão moral de ações, possui dois lados. Acima ficaram evidenciados os aspectos positivos advindos da relação com a natureza, porém, algumas entrevistadas relataram,

também, o contrário, mostrando que se trata apenas de mais um espaço ocupado pela mulher junto à sociedade.

Todo espaço ocupado pela população feminina é resultado de grandes lutas e esforços e alegações como essa evidenciada acima são resultantes de falta de otimismo e conformismo.

No olhar da maior parte das entrevistadas, não houve a percepção e nem a sensação a respeito de dificuldades e barreiras referentes à prática de AFAN, evidenciando-se a existência de apoio por parte da população masculina, de amigos e familiar, fato este bastante significativo e de total importância, no que tange à questão da existência de possíveis preconceitos por parte dos homens.

Acerca do preparo físico específico, que muitas práticas na natureza exigem, mas não necessariamente todas, pode-se perceber, nos discursos das praticantes, que este não se trata de um fator limitante para a vivência das AFAN, uma vez que diversos outros fatores atuam, de maneira integrante, para a viabilização da prática. Os aspectos psicológicos, como maior controle das emoções e tomadas rápidas de ações, tornam-se elementos importantes na experimentação dessas práticas na natureza.

Mesmo representando a resposta de uma minoria participante do estudo, algumas entrevistadas alegaram que o condicionamento físico foi um dos fatores que contribuíram para a não existência de barreiras. Pode-se aqui evidenciar que algumas práticas, como a escalada, as corridas de aventura e os *trekkings*, por exemplo, necessitam de um preparo físico adequado, visto o dispêndio de energia e o uso constante da força e da resistência física.

O fato de terem a oportunidade de conhecer os limites do próprio corpo, tornou a vivência rica em significados e mais atrativa, para uma parcela das entrevistadas. Pode-se afirmar que o conhecimento da estrutura humana e dos limites corporais, tanto de maneira interna como externa, como, por exemplo, ter maior controle sobre as nossas ações mediante a consciência de nossas capacidades físicas e psíquicas, pode tornar a prática mais segura e mais significativa.

Entretanto, uma pequena parcela do grupo analisado apontou a existência de barreiras e dificuldades para a vivência plena da atividade de aventura na natureza. Os obstáculos se concentram na cobrança de força física, agilidade e destreza, por parte dos integrantes homens das equipes ou dos grupos, como também, os processos relacionados à culpa, quando algo não acontece da maneira esperada, atribuindo-se, freqüentemente, o fato à figura feminina.

A mulher praticante de esportes em geral, por um longo período, foi considerada incapaz de praticar determinadas atividades físicas que utilizassem um gasto maior de energia e que não fossem compatíveis com suas estrutura corporal. Porém, com a própria tomada de consciência de suas potencialidades, esse mito foi superado, tendo em vista que algumas modalidades esportivas inclusive favorecem o público feminino.

Outro fator apontado pelas entrevistadas, considerado empecilho para a prática de atividades físicas de aventura na natureza, faz referência à dificuldade de os homens aceitarem a independência da mulher. Hoje, a mulher é considerada um ser autônomo, dono de suas vontades e possuidora de liberdade quanto as suas ações, demonstrando maior segurança perante as suas decisões, e com isso, levanta algumas polêmicas na visão de quem ainda mantém resquícios da falta de aceitação desta libertação.

Ao discorrer sobre as possíveis reverberações das AFAN no cotidiano das mulheres participantes do estudo e nas possíveis mudanças acerca de seu papel social, pode-se notar que a maioria das entrevistadas apontou modificações positivas quanto à experimentação dessa prática.

Elementos relacionados aos aspectos psicológicos como o aprimoramento da auto-estima, da confiança, da coragem, da tranquilidade, da atenção, da segurança e da concentração sofreram alterações positivas, de acordo com as praticantes, tendo ressonâncias no cotidiano dessas mulheres, nos mais diversos âmbitos.

No âmbito pessoal, pode-se notar a implementação nos relacionamentos com os amigos, com a família, com o meio e, também, nos aspectos concernentes à imagem corporal, como a compreensão dos limites do próprio corpo frente a essas práticas.

Outras questões que possuem relação direta com a qualidade de vida também foram apontadas pelas praticantes, segundo as quais houve mudanças acerca dos hábitos de vida, os quais se tornaram mais saudáveis como as mudanças na alimentação e na prática de atividade física.

Ao apontar os ganhos no âmbito profissional, as entrevistadas relataram a percepção de crescimento dentro de segmentos das empresas, como, por exemplo, as delegações de cargos mais importantes. Foi percebido, inclusive, um salto qualitativo, em relação aos processos criativos diante de situações difíceis, contribuindo para resoluções mais fáceis, visto que as práticas na natureza trabalham, inclusive as diversas capacidades intelectuais de resolução de problemas.

Outros elementos ligados ao campo profissional também foram trabalhados ou reforçados, como as estratégias, os planejamentos, o respeito à diversidade

de idéias, o trabalho em equipe, a atuação frente aos momentos de fracasso e de vitórias e os de ansiedade e medo, como também, frente às perdas e ganhos.

No âmbito social houve mudanças de atitudes frente aos problemas ligados ao meio ambiente, como o aumento da responsabilidade quanto às ações e à maior consciência ambiental.

Porém, houve uma parcela mínima de praticantes participantes do estudo que nada apontou no sentido de alterações positivas no seu cotidiano e em seu papel social, com a prática de AFAN. De acordo com estas mulheres, qualquer mudança concernente a sua maior participação social deu-se graças aos movimentos sociais de outrora. Essas práticas refletem apenas mais um espaço ocupado pela população feminina.

Com base nos resultados deste estudo, pode-se perceber que as AFAN contribuíram de maneira efetiva, segundo o olhar das entrevistadas, para um maior engajamento social, assim como profissional e pessoal na sociedade.

Essas atividades na natureza firmaram os valores e as atitudes femininas frente às mais diversas situações e as tornaram mais confiantes quanto as suas ações. Essas práticas são entendidas, por essas mulheres, como uma realização pessoal, que vai além do pensamento pequeno de ser encarada como mais um espaço ocupado por elas ou mesmo na tentativa de se igualar ao público masculino. Estas sempre buscaram liberdade, satisfação pessoal e prazer e nestas vivências junto ao meio ambiente natural, puderam realizar essas vontades e anseios.

Portanto, as inquietações pendentes e geradoras desse estudo, puderam aqui ser contempladas e respondidas, visto que a mulher concebe sua participação nas atividades

em contato com a natureza, no âmbito do lazer, como sendo uma conquista particular, algo que as tornou mais ativas e realizadas enquanto seres humanos.

A outra inquietação pertinente ao estudo procurou averiguar se as mulheres encaravam sua participação nas AFAN como representação de uma possível ressignificação social. Pode-se inferir que a população feminina, após a experiência positiva dessas práticas, juntamente com sua bagagem histórica de lutas e superação de obstáculos, reafirmou seus valores e catalogou outros ainda encobertos por uma névoa de preconceitos e estereótipos concernentes à prática esportiva no âmbito do lazer.

O estudo demonstrou que a ressignificação é uma via de mão dupla, uma vez que tanto as mudanças sociais interferiram sobremaneira na adesão a estas práticas, quanto estas reverberaram em alterações na prática social, nos mais diversos aspectos.

Torna-se premente novos olhares aprofundados sobre estas temáticas, no sentido de se promover novas reflexões, ampliando-se o universo pesquisado, com o intuito de se potencializar novos parâmetros para o conhecimento destes fenômenos.

## VI- REFERÊNCIAS

- ABOGLIA, A. M. *Ecofeminsmo: mujeres al rescate de la naturaleza* (I). Disponível em: <<http://www.anima.org.ar/liberacion/enfoques/ecofeminismo1.htm>>. Acesso em: 10 set. 2002.
- ALBARELLO, L.; DIGNEFFE, F.; HIERNAUX, J. P.; MAROY, C.; RUQUOY, D.; SAINT-GEORGES, P. *Práticas e métodos de investigação em ciência sociais*. Lisboa: Gradiva, 1997.
- ALMEIDA, A. R. S. *A emoção na sala de aula*. Campinas: Papirus, 1999.
- ALMEIDA, J. P. P. A saúde e o bem-estar numa nova prática do desporto. In: OEIRAS, CÂMARA MUNICIPAL. *O desporto no século XXI*. Portugal: Editora da Câmara Municipal de Oeiras, 1991, p. 35-40.
- ALVAREZ, S. E. Politicizing gender and engendering democracy. In: STEPAN, S. *Democratizing Brazil: Problems of transition and consolidation*. New york: Oxford University Press, 1989, p. 205-251.
- ALVES-MAZZOTTI, A.J. *O método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998.
- AMARAL, R. *Antropologia e Internet – Pesquisa e Campo no meio virtual*. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/antropologia/pesqnet1.htm>>. Acesso em: 22 out. 2001.

ANDRADE, P. Rafting para melhorar equipes. *Revista RH em Síntese*. São Paulo, ano. 5, v. 28, mai/jun., P.32-33, 1999.

ANTUNEZ, M. Reflexiones acerca de lo que la mujer representa para el deporte y el verdadero significado del deporte para la mujer. *Lecturas: Educación Física y Deportes*. Revista Digital, Bueno Aires, n. 42, 2001. Disponível em: <[www.efdeportes.com](http://www.efdeportes.com)>.

BAMPI, M. A. M. Poder, opressão e dependência na construção da subjetividade feminina. In: BELLO, J. L. P. *Pedagogia em Foco*. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/mulher01.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2002.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, G. N. M. *As olimpíadas na Grécia antiga*. São Paulo: Pioneiro, 1996.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Nova Fronteira, 1980.

BELOTTI, E. G. *Educar para a submissão: o descondicionamento da mulher*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BENTO, J. O. Novas motivações, modelos e concepções para a prática desportiva. In: OEIRAS. CÂMARA MUNICIPAL. *O desporto no século XXI: os novos desafios*. Portugal: Oeiras, 1991, p. 113-146.

BERNARDES, N. M. G. Vida cotidiana e subjetividade de meninos e meninas das camadas populares: meandros de opressão, exclusão e resistência. *Psicologia, Ciência e Profissão*, Brasília, n.3/4, p.18-25, 1992.

BETRÁN, J. O. Las actividades físicas de aventura in la naturaleza: análisis sociocultural. *Apunts: Educación Física y Deportes*, Barcelona, v: 41, p. 5-8, 1995.

BETRÁN, J. O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. *Turismo, Lazer e Natureza*. São Paulo: Manole, 2003, p.157-202.

BETRÁN, J. O.; BETRÁN, A. O. La crises de la modernidad y el advenimento de la postmodernidad: el deporte y las practicas físicas alternativas en el tiempo de ocio activo. *Apunts: Educación Física y Deportes*, Barcelona, v: 41, p. 10-29, 1995.

BIALESCHKI, M. D. ‘We said, Why not?’- A historical Perspective on Women’s Outdoor Pursuits. *Journal of Physical Edcuation, Recreation and Dance*, vol. 2, n. 63, feb. P. 52-55, 1992.

BLAY, E. A. *Trabalho domesticado: a mulher na indústria paulista*. São Paulo: Atica, 1978.

BOFF, L. *Saber Cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BORISH, L. J. Women at the modern Olympic Games: an interdisciplinary look at american culture. *Quest*, v.48, p. 43-56, 1996.

BRANDÃO, M. R. e FIGUEIRA JÚNIOR, A. J. Performance esportiva: uma análise multidimensional. *Revista de Treinamento Desportivo*, Paraná, v.1, n.1, p. 58-72, 1996.

BRUHNS, H. T. No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. *Turismo, Lazer e Natureza*. São Paulo: Manole, 2003, p.29-52.

BRUHNS, H.T. O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico. In: SERRANO, C.; BRUHNS, H.T. *Viagens à natureza: Turismo, cultura e ambiente*. Campinas: Papirus, 1997.

BUENO, C. *Sertões 2003: Projetos sociais distribuem mais de 70 toneladas de alimentos*. Disponível em:

<<http://360graus.terra.com.br/rallydossertoos/default.asp?did=8115&action=news>>.

Acesso em: 26 set. 2003.

CADAVID, L. E. G.; CASTRO, L. A. P. A propósito de la salud en el fútbol feminino: inequidade de gênero y subjetivación. *Lecturas: Educación Física y Deportes*. Revista Digital, Bueno Aires, n. 33, 2001. Disponível em: <[www.efdeportes.com](http://www.efdeportes.com)>.

CAMACHO, M. *A busca continua – sempre*. Disponível em: [http://veja.abril.com.br/especiais/mulher\\_2003/p\\_052.html](http://veja.abril.com.br/especiais/mulher_2003/p_052.html) . Acesso em: 29 set. 2003.

CAMARGO, L.O.L. O que é lazer. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CANNABRAVA, B. *Afinal, o que é gênero*. Disponível em: <<http://www.redemulher.org.br/8demarco.htm>>. Acesso em: 14 set. 1999.

CASO, F. *Entrevista*. Disponível em: <<http://www.estado.estadao.com.br/jornal/suplem/fem/00/02/12/fe14.html>>. Acesso em: 22 Jan. 2003.

CASTELLANI FILHO, L. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papirus. 1994, p.61-66.

CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHOINACKI, L. *História de uma conquista*. Disponível em: <[http://www.lainsignia.org/2002/junio/soc\\_004.htm](http://www.lainsignia.org/2002/junio/soc_004.htm)> . Acesso em: 14 maio 2003.

COELHO SANTOS, F. C. Controle e contato: duas formas de relação com a alteridade. *Revista Educação, Subjetividade e Poder*, Porto Alegre, v.4, n.4, 1997.

COSTA, D. M.; GUTHRIE, S. R. *Women and sport: interdisciplinary perspectives*. Champaign: Human Kinetics, 1994.

COSTA, V. L. M. O sagrado nos esportes de aventura e o risco na natureza. In: VOTRE, S. J. *Imaginário e representações sociais em educação física, esporte e lazer*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001, p.163-172.

COSTA, V.L.M. ; TUBINO, M.J.G. A aventura e o risco na prática de esportes vinculados à natureza. *MotusCorporis*, Rio de Janeiro, v.6, n.2, p. 96-112, nov. 1999.

CRATTY, B. J. *Psicologia do esporte*. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1984.

DaCOSTA. E. U. *The Brazilian empire: Myths and histories*. Chicago: University of Chicago Press, 1985.

DAOLIO, J. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em antas. In: ROMERO, E. *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas: Papirus, 1995, p.99-108.

DEL PRIORE, M.; BASSANEZI, C. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 78-114.

DELGADO, M. B. G. A organização das mulheres trabalhadoras nas centrais sindicais brasileiras nos anos 80 e 90: propostas e desafios. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE SOCIOLOGIA DO TRABALHO, 1996, Águas de Lindóia. *Anais...* Águas de Lindóia: 1996.

DeSOUZA, E. R.; PRYOR, J. B.; HUTZ. C. S. Reactions to sexual harassment charges between north Americans and Brazilians. *Sex Roles*, v.39, p. 913-928, 1998.

DUMAZEDIER, J. *Sociologia Empírica do Lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DUMAZEDIER, J. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo: SESC, 1980.

ELIAS, N. ; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1992.

FARIA, E. C. G. V. Significados do esporte: relação entre gênero e qualidade de vida. In:

CONGRESSO CIENTÍFICO LATINO-AMERICANO DA FIEP-UNIMEP, 2.;  
SIMPÓSIO CIENTÍFICO CULTURAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES  
BRASIL/CUBA, 2., 2002, Piracicaba. *Anais...* Piracicaba: Unimep, 2002. p.758.

FERNANDES, R. C. Esportes radicais: referências para um estudo acadêmico. *Conexões:*  
Educação, Esporte e Lazer, Campinas, v.1, n.1, p.96-105, 1998.

FERRANDO, M. G. Mujer y Deporte. In: ASPECTOS SOCIALES DEL DEPORTE: una  
reflexión sociológica. Madrid: Alianza Editorial, 1990, p. 167-93.

FERRANDO, M. G. *Aspectos sociológicos da alta competição feminina*. O caso do  
atletismo espanhol. Lisboa: Ministério da Educação e Direcção-geral dos Desportos,  
1989.

FILHO, D. P. ; SANTOS, J. A. *Metodologia científica*. São Paulo: Futura, 1998.

FRIEDMAN, G. *El Trabajo Desmenuzado*. Especializacion Y Tiempo Libre. Buenos  
Aires: Sudamericana, 1958.

GÄELZER, L. *Lazer, Benção ou Maldição*. Porto Alegre: Sulina, 1979.

GALVÃO, F. *Trabalho com aventura*: esportes de ação são usados para treinar  
executivos fora das empresas. Disponível em:  
<[http://www.terra.com.br/istoedinheiro/307/estilo/307\\_trabalho\\_aventura.htm](http://www.terra.com.br/istoedinheiro/307/estilo/307_trabalho_aventura.htm)>. Acesso  
em: 08 out. 2003.

GARCIA, I. Gênero e políticas públicas municipais. In: BORBA, A.; FARIA, N.;  
GIDDENS, A.; BECK, V.; LASH, S. *Modernização reflexiva*. São Paulo: EDUNESP,  
1997.

GIGLIOTI, P. M. *Como as mudanças nas organizações estão impactando à área de  
recursos humanos*. 2002. 57f. Monografia (Trabalho de conclusão de curso de

Administração de Empresas) – Deptº de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade São Paulo, São Paulo.

GILL, D. L. *Psychological Dynamics of sport*. Champaign, Illinois: Human Kinetics Publishers, 1986.

GILL, D. L. *Psychological Dynamics of sport and exercise*. Champaign, Illinois: Human Kinetics Publishers, 2000.

GODOY, L. *Os Jogos Olímpicos na Grécia antiga*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

GOELLNER, S. Do que falamos em “gênero”. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DO IMAGINÁRIO E DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E LAZER, 1., 2001, Rio de Janeiro. *Caderno de resumos...* Rio de Janeiro, 2001, p. 23.

GOELLNER, S. Gênero e mulher na Internet: algumas possibilidades de navegação. *Lecturas: Educación Física y Deportes*. Revista Digital, Buenos Aires, Ano 4, n.13, mar. 1999. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com> >.

GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GOODE, W.J. *Métodos em Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

GREVE, M. Mulher no esporte – uma reflexão crítica. *Sprint: Revista Técnica de Educação Física e Desportos*. Rio de Janeiro, v.2, n.1, p. 42-44, 1984.

GUTIERREZ, L.G. Lazer e Prazer: Questões Preliminares. In: BRUHNS, H. T.;

GUTIERREZ, L G. (orgs.). *O corpo e o lúdico: ciclo de debates lazer e motricidade*. Campinas: Autores Associados, FEF/Unicamp, 2000, p. 103-112.

HAHNER, J. E. *Emancipating the female sex: the struggle for women's rights in Brazil, 1850-1940*. Durham: Duke University Press, 1990.

HEILBORN, M. L.; SORJ, B. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELI, S. *O que ler na ciência social brasileira*. São Paulo: Sumaré, ANPOCS; Brasília, CAPES, 1999. p. 183-221.

HENDERSON, K. A. "Breaking With Tradition. Women & Outdoor Pursuits". *Journal of Physical Education , Recreation and Dance*. v. 02, n. 63, feb. p. 49-51, 1992.

HESS, B. B.; MARKSON, E.W.; STEIN, P. J. *Sociology*. New York: Macmillan. Publishing Company, 1992.

HUBERSTONE, B. "Re-creation and Connections in and with Nature: Synthesising Ecological and Feminist Discourses and Praxis?". *International Review for the Sociology of sport*. v. 33, n.4, dec. p. 381-392, 1998.

INEMA. *Projeto idéia fixa volta aos sertões*. Disponível em: <<http://inema.com.br/eventos/01388/idmat019839.htm>>. Acesso em: 26 set. 2003 (a).

INEMA. *Um toque feminino no montanhismo*. Disponível em: <<http://inema.com.br/mat/idmat010206.htm>>. Acesso em: 22 Jan 2003.

IWANOWICZ, B. J. Aspectos psicológicos do lazer. In: BRUHNS, H. T. *Introdução aos estudos do lazer*. Campinas: Unicamp, 1997.

JERSILD, A. T. *Psicologia da criança*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1996.

JORDAN, D. J. "Effective Leadership for Girls and Women in Outdoors Recreation". *Journal of Physical Education , Recreation and Dance*. v. 02, n. 63, feb. 1992, p. 61-64.

KENNARD, J.; CARTER, J. M. In the beginning: the ancient and medieval worlds. In: COSTA, D. M.; GUTHRIE, S. R. *Women and sport: interdisciplinary perspectives*. Champaign: Human Kinetics, 1994.

KLINEBERG, O. *Psicologia Social*, vol. 2. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1972.

KREBS, R. J. Lazer, meio ambiente e atividade física: uma trilogia interpretada através do paradigma bioecológico. In: BURGOS, M. S.; PINTO, L. M. S. M. *Lazer e estilo de vida*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002, p. 169-179.

KRECH, D. e CRUTCHFIELD, R. *Elementos da psicologia*. São Paulo: Pioneira, 1980.

LACERDA, S. E na Grécia antiga? *Ciência Hoje*, São Paulo, v. 8, 43, 1998.

LACRUZ, I.; PERICH, M. Las emociones en la practica de las actividades físicas en la naturaleza. *Lecturas: Educación Física y Deportes*. Revista Digital, Buenos Aires, ano 5, n.23, jul 2000. Disponível em: <[www.efdeportes.com](http://www.efdeportes.com)>.

LAURETIS, T. Prefacethe Technology of Gender. In: LAURETIS, T. *Tecnology of Gender*. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

LENK, M. *Braçadas e abraços*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1986.

LOURO, G. L. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.20, n.2, p.101-132, jul./dez 1995.

LUDKE, M.; ANDRE, M.E.D.A. *Pesquisa em Educação: abordagem qualitativa*. São Paulo: EPU, 1986.

LUZ JUNIOR, A. A. Gênero e educação física: algumas reflexões acerca do que dizem as pesquisas das décadas 80 e 90. *Motrivivência*, Santa Catarina, v. 11, n.15, p. 113-124, ago. 2000.

LYPOVETSKY, G. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Compainha das Letras, 2000.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. São Paulo: Atlas, 1999.

MARINHO, A. Atividades de aventura na natureza: diferentes atribuições de valores. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 11., 1999, Foz do Iguaçu. *Anais...* Foz do Iguaçu, 1999. p. 381-387.

MARINHO, A. Lazer, natureza e turismo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 11., 2003, Campinas. *Anais...* Campinas, 2003, p.186.

MARCELLINO, N.C. Lazer como fator e indicador de desenvolvimento regional. In: MULLER, A.; DaCOSTA, L. P. Lazer e desenvolvimento regional. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002, p.41-52.

MASCARENHAS, G. A leviana territorialidade dos esportes de aventura: um desafio à gestão do ecoturismo. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. *Turismo, Lazer e Natureza*. São Paulo: Manole, 2003, p.75-99.

MASSUCATO, J. C.; HATA, M. Uma abordagem da participação esportiva feminina. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, v.3, n.4, p. 17-30, 1989.

McDAVID, J. W. & HARARI, H. *Psicologia e Comportamento Social*. Rio de Janeiro: Interciência, 1980.

MEIRELLES, M. E. A. *Atividade física na 3ª idade*. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

- MENDONÇA, L. Mulher e saúde: uma avaliação contemporânea. In: BORBA, A.; FARIA, N.; GODINHO, T. *Mulher e política: gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998, p. 101-111.
- MIRANDA, J. et al. Actividades físicas en la naturaleza: um objeto a investigar – Dimensiones científicas. *Apunts: Educación Física y Deportes*, Barcelona, v.4, 1995.
- MORALES, G. N. e BLANCO, L. D. Las actividades físicas em el medio natural, como propuesta integradora em el currículum de educación física. *Lecturas: Educación Física y Deportes*. Revista Digital, Buenos Aires, Ano 8, n. 47, abr. 2002. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>.
- MORAIS, P. Z. M. Lazer: qualidade de vida e cidadania. *Lícere*, Belo Horizonte, v.2, n.1, p. 31-45, 1999.
- MOSSE, G. L. Masculinidade e Decadência. In: PORTER, R.; TEICH, M. *Conhecimento sexual, ciência sexual: a história das atitudes em relação à sexualidade*. São Paulo: Unesp; Cambridge University Press, 1998.
- MOURÃO, L. Exclusão e inserção da mulher brasileira em atividades físicas e esportivas. In: SIMÕES, A. C. *Mulher e Esporte: mitos e verdades*. São Paulo: Manole, 2003, p.123-154.
- MOURÃO, L. Mulheres que ignoram tabus e alteraram representações nas atividades físico-desportivas. In: VOTRE, S. J. *Imaginário e representações sociais em educação física, esporte e lazer*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001, p.195-213.
- MURRAY, E. J. *Motivação e emoção*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.
- OLIVEIRA, S.L. *Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

ORLANDI, A. P. *Aventura na lama: doces feras radicais*. Disponível em: <[http://marieclaire.globo.com/edic/ed112/rep\\_aventura.htm](http://marieclaire.globo.com/edic/ed112/rep_aventura.htm)>. Acesso em: 29 set. 2003.

ORTIZ, M.; ISLER, G. e DARIDO, S. C. Atividade física e aderência: considerações preliminares. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, v. 21, n.1, p. 842-6, 1999.

OUTWARD BOUND BRASIL. Disponível em: <<http://www.obb.org.br/pdp.html>>. Acesso em: 08 out. 2003.

PARCIAS, C. *Tem batom na selva: mulheres trocam rotina e conforto do lar por frio, fome, suor, lama e emoção das corridas de aventura*. Disponível em: <<http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cadernos/domingo/2001/11/03/jordom20011103003.html>>. Acesso em: 29 set. 2003.

PARK, R. J. Sport, gender and society in a transatlantic Victorian perspective. In: MANGAN, J. A.; PARK, R. J. *From "fair sex" to feminism: sport and the socialization of women in the industrial and post-industrial eras*. London: Frank Cass, 1987.

PARKER, R.G. *Corpos, Prazeres e Paixões: A cultura sexual no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Best-Seller; Abril Cultural, 1991.

PARLEBAS, P. *Perspectivas para uma Educación Física moderna*. Espanha: Unisport, 1987.

PELLEGRINOTTI, I. L. Performance humana: treinamento e qualidade de vida. In: MOREIRA, W. W. e SIMÕES, R. *Esporte como fator de qualidade de vida*. Piracicaba: Editora da Unimep, 2002, p.191-200.

PFISTER, G. História delas no esporte: rumo a uma perspectiva feminista? In: ROMERO, E. *Mulheres em movimento*. Vitória: EDUFES, 1997.

PIKUNAS, J. *Desenvolvimento humano*. São Paulo: MC Graw Hill do Brasil, 1987.

PINTO, C. R. J. Movimentos sociais: espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p.127-150.

PUJOL, P. *Amenorréia e esporte*. Disponível em: <http://www.nutricaoempauta.com.br/novo/42/nutriesporte.html> . Acesso em: 30 set. 2003.

PULEO, A. H. *Feminismo y ecologia*. Disponível em: [http://www.nodo50.org/mujeresred/ecologia-a\\_puleo-feminismo\\_y\\_ecologia.html](http://www.nodo50.org/mujeresred/ecologia-a_puleo-feminismo_y_ecologia.html) Acesso em: 10 set 2002.

RABAY, G. Mulher e participação política na Paraíba. In: RABAY, G. *Mulheres e sociedade*. João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, 1996, p. 203-212.

RAMPAZZO, L. *Metodologia científica*: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. São Paulo: UNISAL, 1998.

RAUCHBACH, R. *A atividade física para a 3ª idade*. Curitiba: Lovise, 1990.

RIBEIRO, A. S. *A mulher e o voto*. Disponível em: [http://www.al.sp.gov.br/eleicao/mulher\\_voto.htm](http://www.al.sp.gov.br/eleicao/mulher_voto.htm)>. Acesso em: 15 maio 2003.

RIBEIRO, I. C. *Ecologia de corpo&alma e transdisciplinaridade em Educação Ambiental*. 1998. 175f. Tese (Dissertação de mestrado) – Instituto de Biociências – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo.

RICHARDSON, R.J. *Pesquisa social*: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1989.

RIZZUTTI, E. V.; DaCOSTA, L. P. Summum-Bonnum e Hedonismo revisitados na obra de Geoffrey Godbey. *MotusCorporis*, Rio de Janeiro, v.6, n.2, p. 41-51, nov. 1999.

- ROMERO, E. A arquitetura do corpo feminino e a produção do conhecimento. In: ROMERO, E. *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas: Papirus, 1995, p.235-270.
- ROMERO, E. A educação física a serviço da ideologia sexista. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Santa Maria. v.15, n.3, p. 226-234, jun. 1994.
- ROSEMBERG, F. Educação formal e mulher: um balanço parcial da bibliografia.
- COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p.151-182.
- RUIZ, J.A. *Metodologia Científica*: Guia para a eficiência nos estudos. São Paulo: Atlas, 1978.
- SABA, F. *Aderência*: a prática do exercício físico em academias. São Paulo: Manole, 2001.
- SAMULSKI, D. *Psicologia do esporte*. São Paulo: Manole, 2002.
- SARACENO, C. A dependência construída e a interdependência negada. Estruturas de gênero da cidadania. In: BONACCHIO, G.; GROPPPI, A. *O dilema da cidadania*: direitos e deveres das mulheres. São Paulo: Editora da Unesp, 1998, p.205-234.
- SCAVACINI, T.; AMORIM, C. *Mulher na direção*. Disponível em: <[http://carreiras.empregos.com.br/carreira/administracao/comportamento/mulheres\\_chefes.htm](http://carreiras.empregos.com.br/carreira/administracao/comportamento/mulheres_chefes.htm)>. Acesso em: 29 set. 2003.
- SCHELP, D. Prazer e perigo. *Veja*, ano 36, n. 28, ed. 1811, Ed. Abril, p. 70-8, 16/07/2003.
- SCHPUN, M. R. *Beleza em jogo*: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20. São Paulo: Editora SENAC/Boitempo Editorial, 1999.
- SCHWARTZ, G. M. O corpo sensível como espaço ecológico. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v.8, n.2, p. 49-54, 2001.

SCHWARTZ, G. M. Emoção, aventura e risco – a dinâmica metafórica dos novos estilos. In: BURGOS, M. S.; PINTO, L. M. S. M. *Lazer e estilo de vida*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002, p. 139-168.

SCHWARTZ, G.M.; SILVA, R.L. ZANCHA, D. & FERREIRA, M. L. C. A Internet como espaço de lazer. In: Simpósio Internacional de Ciências do Esporte, 21., 1998, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Celafiscs, 1998, p.135.

SCHWARTZ, G. M. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. *Licere*, CELAR/Belo Horizonte, v.2, n.6, p.23-31, 2003.

SCHWARTZ, G. M.; MACHADO, F. H.; MARINHO, A. & SILVA, R. L. A pluralidade sógnica do lazer na mídia virtual. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 15., 2003, Santo André. *Anais...* Santo André: SESC, 2003, CD-ROM.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil na análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.20, n.2, p.71-99, jul./dez. 1995.

SELLTIZ, C.; JAHODA, M.; DEUTSCH, M. & COOK, S. W. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: Editora Herder, 1972.

SERRANO, C. *A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental*. São Paulo: Chronos, 2000.

SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, J. G. S. Efeitos fisiológicos da atividade física. In: BRASIL – MINISTÉRIO DA SAÚDE/ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE. Brasília: Ministério da Saúde, Ministério da Educação e do Desporto, p. 39-44, 1995.

SILVA, R. L. *Gênero, discriminação, homossexualidade feminina e lazer*. 2000. 85f. Monografia (Trabalho de conclusão de curso de Bacharel em Educação Física) – Deptº de Educação Física – Instituto de Biociências – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo.

SILVA, R. L.; MARINHO, A. Atividades de aventura na natureza: contribuições para um tempo de lazer com mais qualidade. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 15., 2003, Santo André. *Anais...* Santo André: SESC, 2003, CD-ROM.

SILVA, R. L.; SCHWARTZ, G. M. Ética X Preconceito: Um desafio para profissionais no âmbito do lazer. *Revista da Educação Física, Maringá*, v.12, n.2, p.35 - 41, 2001.

SIMÕES, A. C. A mulher em busca de seus limites no esporte moderno. In: SIMÕES, A. C. *Mulher e Esporte: mitos e verdades*. São Paulo: Manole, 2003, p.1-33.

SINGER, P. O feminino e o feminismo. In: SINGER, P.; BRANT, V. C. *São Paulo: o povo em movimento*. Petropolis: Vozes, 1980.

SOARES, V. Muitas faces do feminismo no Brasil. In: BORBA, A.; FARIA, N.; GODINHO, T. *Mulher e política: gênero e feminismo no partido dos trabalhadores*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998, p.33-54.

SOUZA-LOBO, E. *A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SPURI, P. *Mulheres no Rally*. Disponível em: <<http://igirl.ig.com.br/esporte/esporteesaude.asp?materia=101>>. Acesso em: 22 Jan. 2003.

STAREPRAVO, F. A.; REIS, J. A. Estereótipos de Gênero presentes nas aulas de Educação Física. In: CONGRESSO CIENTÍFICO LATINO-AMERICANO DA FIEP-UNIMEP, 2.; SIMPÓSIO CIENTÍFICO CULTURAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA E

ESPORTES BRASIL/CUBA, 2., 2002, Piracicaba. *Anais...* Piracicaba: UNIMEP. 2002, p.654.

STERNBACH, N. S. Feminism in Latin America: from Bogotá to San Bernardo. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, Chicago, v.21, n.17, 1992.

STOLLER, R.J. *Sex and Gender*. New York: Science House, 1968.

SUASSUNA, D. Esportes de aventura e a relação corpo e natureza. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 11., 2003, Campinas. *Anais...* Campinas, 2003. p. 302.

TANI, G. Esporte, educação e qualidade de vida. In: MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. *Esporte como fator de qualidade de vida*. Piracicaba: Editora da UNIMEP, 2002, p. 103-116.

TAVARES, O.; PORTELA, F. Jogos femininos do Estado de São Paulo (1935): a primeira “Olimpíada” feminina do Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 6., 1998, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho/EDUGF, 1998.

TEIXEIRA, A. G. A.; MYOTIN, E. Cultura corporal das meninas: análise sob a perspectiva de gênero. *Motriz*, Rio Claro, v.7, n.1, p.45-48, jan./jun 2001.

TELLES, M. A. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa ação*. São Paulo: Cortez, 1992.

VILLAYERDE, S. Refletindo sobre lazer/turismo na natureza, ética e relações de amizade. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. *Turismo, Lazer e Natureza*. São Paulo: Manole, 2003, p.53-73.

WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70, 1968.

WANKEL, L. The importance of enjoyment to adherence and physiological benefits from physical activity. *International Journal Sport Physiologic*. Rome, v.24, 1993, p.151-169.

WEBVENTURE. *A participação feminina em esportes de aventura*. Disponível em: <[http://www.webventure.matrix.com.br/parceiros/releaseswebv/impr\\_pesquisa.htm](http://www.webventure.matrix.com.br/parceiros/releaseswebv/impr_pesquisa.htm)>.

Acesso em: 06 maio 2002.

WEINECK, J. *Biologia do esporte*. São Paulo: Manole, 1991.

WRATHERALL, M. *Método científico*. São Paulo: EDUSP; Polígono, 1970.

WORLD'S WOMEN. *World's women*. New York: United Nations, 1995.

## **ABSTRACT**

The aim of this qualitative study was to verify the relationship between the increase of female participation in nature adventure physical activities (N.A.P.A.) and the reshaping of the female role in society. The study was conducted in two parts. The first was a revision of literature regarding the theories in question. The second was exploratory research, using a structured interview as the instrument for data collection. The target research sample was composed of thirty women that frequently practise NAPA. A Content Analysis Technique was used to interpret the results. Four indicators were established: the motives of the female population being drawn to practise NAPA; the practical relationship between these activities and the female role; the difficulties and barriers encountered by females who practise NAPA; the effect of the practice of NAPA on the female role in society. According to the results, the motives for practising NAPA were mainly to be in contact with nature, to manage day-to-day tension and stress, and to gain new experiences among others. Most test subjects affirmed the relationship between the practice of NAPA and the female social role. This was justified by an increase of physical force, of courage, of determination, of endurance, and of the disposition to overcome challenges and obstacles, to use competence and persistence in difficult moments of diverse situations, to

review preservationist values, and finally, to rupture the age-old myth that brands the female public as the 'weaker sex'. Most test subjects denied the existence of any difficulties or barriers regarding the practice of NAPA. They told of support from the general male public, from friends and from relatives. Other elements such as physical force and physical conditioning facilitate the further practice of NAPA, according to some of the test subjects. Therefore, these factors cannot be considered to be the limiting factors of the practice. There appears to be other relevant aspects, particularly psychological, such as emotion control and the ability to take quick action. These become important elements in the experimentation of these practices in nature. The test subjects spoke of the psychological, social, professional, and personal benefits with regards to the effect of NAPA on day-to-day life and their possible changes to female roles in society. From these results, we can conclude that NAPA effectively contribute to improved engagement in social, professional, and personal society. Faced with the most diverse situations, activity in nature affirm the attitudes and values of women and make them more confident in their actions. These women regard practising NAPA as a personal achievement. This goes a lot further than the small thoughts of simply occupying space or attempting to equal their male counterparts. These women strive for freedom, personal satisfaction and pleasure. In a natural environment, these women can meet their needs and desires. The study determined that the new signification of NAPA is a two-sided coin. Social changes interfere with the level of practice of NAPA, while these practices alter the most diverse aspects of society.

UNITERMOS: Nature Adventure Physical Activities, leisure, the female social role, new female signification and Internet.

## APÊNDICE I

### Carta convite

Meu nome é Renata Laudares Silva, sou aluna do mestrado em Educação Física na Unesp de Rio Claro/SP. Minha dissertação versa sobre a participação feminina em atividades físicas de aventura na natureza. Procuro analisar o papel social feminino nestas atividades em relação ao que hoje a mulher assume na sociedade. Gostaria de contar com sua colaboração, respondendo minha pesquisa. Não importa a modalidade praticada, mas que você seja uma praticante regular da atividade. O roteiro segue em anexo. São perguntas que não exigem identificação pessoal.

## APÊNDICE II

### Entrevista estruturada

#### A – Dados pessoais

Idade.....

Profissão.....

Escolaridade.....

Tipos de atividades praticadas.....

Local da prática esportiva (cidade).....

Há quanto você pratica esta atividade.....

#### B - Perguntas

1.Como você teve contato com esta atividades físicas de aventura na natureza? Explique sua resposta.

2.O que a levou a praticar estas atividades físicas de aventura na natureza?

3.Você sentiu algum tipo de dificuldade ou barreira para iniciar esta prática? Explique sua resposta.

4.Existe discriminação ou algum tipo de preconceito nas atividades físicas de aventura na natureza? Explique sua resposta.

5.Você vê relação entre a sua prática de atividades físicas de aventura na natureza e a sua participação como mulher na esfera social? Explique sua resposta.

6.Você viu mudanças significativas em sua relação com a sociedade como um todo, quer seja no meio profissional ou familiar, causadas pela prática de atividades físicas de aventura na natureza? Explique sua resposta.

7.A busca em superar limites, vencer obstáculos e desafios propostos pelas práticas de atividades físicas de aventura na natureza, a seu ver, possui alguma relação com o papel da mulher na sociedade atualmente? Explique sua resposta.

8.Você vê alguma relação no aumento da participação feminina nestas atividades com o aumento da participação feminina nas outras esferas sociais? Explique sua resposta.

### APENDICE III

#### Quadro do perfil dos participantes e resumo das respostas

Legenda do quadro

S. Sujeito

P. Profissão

I. Idade

E. Escolaridade

A. Atividades praticadas

L. Local da prática

TP. Tempo de prática

As questões 1 e 2 procuraram averiguar como ocorreu o contato com as AFAN e quais os motivos de aderência a essas práticas;

As questões 3 e 4 procuraram identificar a existência de discriminação e preconceito, como também de dificuldades e barreiras contra as mulheres que praticam as AFAN;

As questões 5 e 8 procuraram identificar se há alguma relação entre a prática de AFAN e a participação da mulher na sociedade como um todo;

As questões 6 e 7 procuraram identificar se há alguma reverberação destas práticas nos cotidianos profissional e familiar das praticantes de AFAN.

| S | P          | I       | E                   | A          | L  | TP     | Q 1                 | Q2                                                            | Q3                                                           | Q4                                                                               | Q5                                               | Q6                                          | Q7                                      | Q8                                                                   |
|---|------------|---------|---------------------|------------|----|--------|---------------------|---------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------|---------------------------------------------|-----------------------------------------|----------------------------------------------------------------------|
| 1 | Secretária | 32 anos | Superior incompleto | Escaladora | MG | 4 anos | Amigos e familiares | Estar em contato com a natureza, buscando novas experiências. | Não. Existe apoio por parte dos homens, amigos e familiares. | Não. Porque o biótipo feminino favorece a prática de várias modalidades de Afan. | Sim. As Afan despertaram a consciência ambiental | Sim. Passou a ser uma pessoa mais tranquila | Sim. Hoje ela supera vários obstáculos. | Sim. Hoje não existe mais tarefa diferenciada para homens e mulheres |

| S | P        | I       | E                  | A                   | L  | TP               | Q 1 | Q2                                                            | Q3                                             | Q4                                                | Q5                                                                      | Q6                                                         | Q7                                                          | Q8                                                          |
|---|----------|---------|--------------------|---------------------|----|------------------|-----|---------------------------------------------------------------|------------------------------------------------|---------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|
| 2 | Bombeira | 21 anos | 2º grau incompleto | Corrida de aventura | DF | 2 anos e 8 meses | TV  | Gostar da natureza e a união entre ela e a prática de esporte | Não, pois há muito apoio por parte dos homens. | Sim. Quando se supera o homem em alguma atividade | Sim. Temos que mostrar competência para podermos sempre ser respeitadas | Sim. Há uma admiração masculina e um aumento da confiança. | Sim. A busca pela igualdade dos direitos à tornou vitoriosa | Sim. As mulheres estão ocupando outros setores na sociedade |

| S | P                     | I       | E                 | A                                            | L  | TP      | Q 1                     | Q2                                                                                                                                 | Q3                                                                                                                | Q4                                                                                                                                       | Q5                                               | Q6                                                        | Q7                                                                                 | Q8                                                                        |
|---|-----------------------|---------|-------------------|----------------------------------------------|----|---------|-------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------|
| 3 | Prof. Educação Física | 30 anos | Superior completo | Mountain bike, canyoning, trekking, mergulho | SP | 13 anos | Na faculdade de turismo | Gostaria da natureza e a busca por desafios e superações de limites com segurança, proporcionadas pela tecnologia dos equipamentos | Não. Porque não é somente o preparo físico que conta, outros elementos contribuem para a realização dessa prática | Não. Porque quem pratica esses esportes possui boa condição financeira e um nível cultural mais avançado, por isso são mais esclarecidas | Sim. As Afan despertaram a consciência ambiental | Sim. Um maior respeito pelas adversidades e pelas pessoas | Sim. A mulher extrai dessas atividades, elementos que a tornam melhor, mais humana | Sim. A independência financeira contribui para a maior liberdade feminina |

| S | P          | I       | E                 | A                                                                | L  | TP     | Q 1    | Q2                                          | Q3                                                     | Q4                                               | Q5                                                                        | Q6                                                  | Q7                                                                                 | Q8                                                         |
|---|------------|---------|-------------------|------------------------------------------------------------------|----|--------|--------|---------------------------------------------|--------------------------------------------------------|--------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------|
| 4 | Jornalista | 35 anos | Superior completo | Mountain bike, canyoning, trekking, rafting, canoagem e escalada | SP | 6 anos | Amigos | União entre a natureza e prática de esporte | Não. Porque existe muito respeito por parte dos homens | Não. Há um incentivo grande por parte dos homens | Sim. Houve um aumento da responsabilidade quanto as minhas ações no mundo | Sim. Aplico no dia a dia, o que aprendo com as AFAN | Sim, hoje a mulher está mais consciente de suas ações e com as pessoas a sua volta | Sim. As mulheres vêm conquistando os mais diversos espaços |

| S | P                       | I       | E                   | A                                                       | L  | TP     | Q 1     | Q2                                                                        | Q3                                                    | Q4                                       | Q5                                                                                       | Q6                                                                                   | Q7                                                                                | Q8                                                         |
|---|-------------------------|---------|---------------------|---------------------------------------------------------|----|--------|---------|---------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------|------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------|
| 5 | Estudante universitária | 19 anos | Superior incompleto | Escalada, corrida de aventura, trekking e mountain Bike | SP | 7 anos | Família | A possibilidade de estar em contato com a natureza, praticando um esporte | Não. Porque as pessoas que praticavam me incentivavam | Sim, por causa do condicionamento físico | Sim. Ao se mostrar competente na prática da atividade, a confiança e o respeito aumentam | Sim. Houve uma melhor relação nos relacionamentos e um maior respeito com a natureza | Sim. A mulher vem conquistando seu espaço na sociedade e adquirindo mais respeito | Sim. As mulheres vêm conquistando os mais diversos espaços |

| S | P                        | I       | E                   | A                                                | L  | TP     | Q 1      | Q2                                          | Q3                                                                                    | Q4                                 | Q5                                                                                            | Q6                                                                  | Q7                                                                             | Q8                                                                                         |
|---|--------------------------|---------|---------------------|--------------------------------------------------|----|--------|----------|---------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|
| 6 | Prof. De Educação Física | 26 anos | Superior incompleto | mountain bike, corrida de aventura e montanhismo | PR | 7 anos | Famílias | Por gostar da natureza e gostar de desafios | Sim. Os homens ainda cobram um certo condicionamento físico das mulheres que praticam | Sim. Por causa da estrutura física | Sim. Pois sempre que supera uma dificuldade, mostramos nossas capacidades e somos respeitadas | Não. Pois a mulher ainda que fazer muita coisa para ser reconhecida | Não. Porque as mulheres estão esquecendo do lado prazeroso da simples prática. | Sim. A mulher atual está mais consciente e ocupando os diversos espaços na sociedade atual |

[illegible]

| S | P          | I       | E                 | A                     | L  | TP      | Q 1       | Q2                  | Q3                          | Q4   | Q5                                                                                        | Q6                                                                                   | Q7                                                                    | Q8                                                   |
|---|------------|---------|-------------------|-----------------------|----|---------|-----------|---------------------|-----------------------------|------|-------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------|
| 9 | jornalista | 33 anos | Superior completo | Bolônio e Montanhismo | RJ | 14 anos | Faculdade | Gosto pela natureza | Não, havia muito incentivo. | Não. | Sim. Quando se mostra competência nas diversas práticas, aumenta o respeito e a confiança | Sim. Sou mais paciente, aceito as minhas limitações e aprendo a enfrentar meus medos | Sim, a mulher está mais preparada e confiante para tomar as decisões. | Não. É mais um espaço ocupado pelo público feminino. |

| S  | P            | I       | E                 | A                  | L  | TP     | Q 1     | Q2                                             | Q3                          | Q4                                            | Q5                                                           | Q6                                                                         | Q7                                                                                     | Q8                                                                                                      |
|----|--------------|---------|-------------------|--------------------|----|--------|---------|------------------------------------------------|-----------------------------|-----------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 10 | Publicitária | 22 anos | Superior completo | Escalada e trilhas | RJ | 7 anos | Família | Amor pela natureza e vontade de preservar a-la | Não. Recebi muito incentivo | Sim. Por parte das mulheres que não praticam. | Sim, meu relacionamento melhor com as pessoas a minha volta. | Sim. Ao demonstrar maior coragem, os homens passam a confiar mais em você. | Sim. Pois mostra que a mulher consegue fazer as mesmas coisas que o público masculino. | Sim. A mulher se tornou mais independente, e com isso finalizando com a divisão de tarefas e atividades |

| S | P | I | E | A | L | TP | Q 1 | Q2 | Q3 | Q4 | Q5 | Q6 | Q7 | Q8 |
|---|---|---|---|---|---|----|-----|----|----|----|----|----|----|----|
|---|---|---|---|---|---|----|-----|----|----|----|----|----|----|----|

|    |              |         |                   |                                                         |             |        |         |                                                              |                                  |                                         |                                                                          |                                                                                                        |                                                                                              |                                                                                         |
|----|--------------|---------|-------------------|---------------------------------------------------------|-------------|--------|---------|--------------------------------------------------------------|----------------------------------|-----------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|
| 11 | Publicitária | 33 anos | Superior completo | Mergulho, rafting, rapel, escalada, trekking, canyoning | SP, SC e MS | 7 anos | família | Estar em contato com a natureza e a busca novas experiências | Não. Há um respeito muito grande | Não. Além do que recebe muitos elogios. | Sim. O relacionamento com a família e os amigos se tornaram mais sólidos | Sim. Abriam-se muitas portas no campo profissional como também melhor a maneira de encarar os desafios | Sim. Ao se tornar mais confiante em suas ações, a mulher desestruturou o mito do sexo frágil | Sim. Uma relação de ter prazer no que se faz e isso reflete nos vários setores da vida. |
|----|--------------|---------|-------------------|---------------------------------------------------------|-------------|--------|---------|--------------------------------------------------------------|----------------------------------|-----------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|

| S  | P          | I       | E                 | A                                                      | L  | TP     | Q 1                                 | Q2                                        | Q3   | Q4                           | Q5                                                                     | Q6                                                         | Q7                                                                          | Q8                                                          |
|----|------------|---------|-------------------|--------------------------------------------------------|----|--------|-------------------------------------|-------------------------------------------|------|------------------------------|------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|
| 12 | Engenheira | 35 anos | Superior completo | Corrida de Aventura, mountain bike, trekking, canoagem | DF | 3 anos | Por meio de revistas especializadas | Pelas experiências prazerosas e o desafio | Não. | Não. Sou admirada pelo grupo | Sim. Desde que se mostre competente, as pessoas passam a te respeitar. | Sim. Aprendi a me controlar e a respeitar os meus limites. | Sim. A mulher está conquistando seu espaço e a tornand o um ser reconhecido | Não. É somente mais um espaço ocupado pelo público feminino |



| S  | P        | I       | E                 | A                   | L  | TP    | Q 1    | Q2                                | Q3                                     | Q4                             | Q5                                      | Q6                                                         | Q7                                                   | Q8                                                                         |
|----|----------|---------|-------------------|---------------------|----|-------|--------|-----------------------------------|----------------------------------------|--------------------------------|-----------------------------------------|------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------|
| 15 | Advogada | 33 anos | Superior completo | Corrida de aventura | SP | 1 ano | Amigos | A união entre esportes e natureza | Sim. Por causa das capacidades físicas | Não. Recebo bastante incentivo | Sim. Despertou a consciência ecológica, | Sim. Houve uma melhoria na qualidade de vida, como também, | Não. Acredito ser mais um reencontro com a natureza. | Sim. A mulher está cada vez mais participando de todas as esferas sociais. |

| S  | P                  | I       | E                 | A                                            | L  | TP     | Q 1     | Q2                              | Q3   | Q4                                        | Q5                                                         | Q6                                      | Q7                                                              | Q8                                                                                                |
|----|--------------------|---------|-------------------|----------------------------------------------|----|--------|---------|---------------------------------|------|-------------------------------------------|------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 16 | Diretora executiva | 42 anos | Superior completo | Trekking, mountain bike, corrida de aventura | SP | 5 anos | Agência | Estar em contato com a natureza | Não. | Não. Está havendo muito apoio e incentivo | Sim. Ao demonstrarmos capacidade de realização e superação | Sim. Despertar da consciência ambiental | Sim. A mulher tem buscado superação sempre. Em todos os âmbitos | Sim. A mulher é sempre muito batalhadora e não abre mão de suas conquistas e nem de seus direitos |

| S  | P                       | I       | E                   | A                                                        | L  | TP    | Q 1     | Q2                               | Q3                                            | Q4                                                | Q5                                                        | Q6                                                         | Q7                                                                      | Q8                                                                                              |
|----|-------------------------|---------|---------------------|----------------------------------------------------------|----|-------|---------|----------------------------------|-----------------------------------------------|---------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 17 | Estudante universitária | 21 anos | Superior incompleto | Trekking, corrida de aventura, canyoning e mountain bike | SP | 1 ano | família | A união entre esporte e natureza | Não. Porque não é só preparo físico que conta | Não, pois está havendo um maior apoio e incentivo | Sim, sinto-me mais capaz e tomo decisões mais rapidamente | Sim, houve um aumento da auto-estima e admiração masculina | Sim, a mulher está sempre buscando seu espaço e ganhando reconhecimento | Sim. A mulher ao ocupar o espaço externo ao lar, mostra que não existe atividades diferenciadas |

| S  | P          | I       | E                 | A                                        | L           | TP     | Q 1    | Q2                              | Q3                                            | Q4                                | Q5                                                                                      | Q6                                                                    | Q7                                                                                       | Q8                                 |
|----|------------|---------|-------------------|------------------------------------------|-------------|--------|--------|---------------------------------|-----------------------------------------------|-----------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------|
| 18 | Economista | 26 anos | Superior completo | Trekking, rapel, mergulho, mountain bike | SP, BA e MS | 3 anos | amigos | Estar em contato com a natureza | Não. Porque tem um bom condicionamento físico | Sim, quando há superação feminina | Sim. Pois ao romper com alguns medos e obstáculos, estou quebrando alguns tabus também. | Sim, houve uma melhor a nos aspectos psicológicos, como a auto-estima | Sim, pois a mulher é vitoriosa por natureza e com isso rompe com a imagem de sexo frágil | Não, este espaço ainda é masculino |

| S  | P                                      | I          | E                                  | A                         | L  | TP               | Q 1    | Q2                                    | Q3                                 | Q4                                                                            | Q5                                                                                                    | Q6   | Q7                                                                                                                                                            | Q8                                                                    |
|----|----------------------------------------|------------|------------------------------------|---------------------------|----|------------------|--------|---------------------------------------|------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------|
| 19 | Estu<br>dante<br>unive<br>rsitár<br>ia | 25<br>anos | Supe<br>riro<br>inco<br>mple<br>to | Escalad<br>a e<br>trilhas | SP | 3 anos<br>e meio | Amigos | O<br>contato<br>com a<br>naturez<br>a | Não,<br>havia<br>muito<br>respeito | Não,<br>pois os<br>menino<br>s até<br>nos<br>apóiam<br>nas<br>atividad<br>es. | Sim, sou<br>mais<br>competent<br>e naquilo<br>que faço e<br>por isso<br>tenho o<br>reconheci<br>mento | Sim. | Sim,<br>pois<br>ela,<br>além de<br>dar<br>conta<br>da sua<br>dupla<br>jornada<br>de<br>trabalh<br>o,<br>continu<br>a<br>superan<br>do as<br>expecta<br>tivas. | Sim,<br>pois<br>não<br>existem<br>atividad<br>es<br>diferen<br>ciadas |

| S  | P                            | I          | E                            | A            | L  | TP     | Q 1          | Q2                           | Q3                                                 | Q4                                                               | Q5                                                                            | Q6                                                                                                                                                | Q7                                                                                                 | Q8                                                                                         |
|----|------------------------------|------------|------------------------------|--------------|----|--------|--------------|------------------------------|----------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|
| 20 | Agen<br>te de<br>turis<br>mo | 34<br>anos | Supe<br>rior<br>comp<br>leto | escalad<br>a | MG | 8 anos | Agênci<br>as | Gostar<br>de<br>desafio<br>s | Não, pois<br>respeito<br>por parte<br>do<br>homens | Sim por<br>parte<br>das<br>pessoas<br>externa<br>s ao<br>esporte | Sim. Pois<br>sou<br>determina<br>da e<br>disposta a<br>encarar os<br>desafios | Sim,<br>houve<br>uma<br>abertur<br>a maior<br>no<br>campo<br>profissi<br>onais,<br>como<br>também<br>no<br>relacion<br>amento<br>com os<br>amigos | Sim, ela<br>está<br>cada<br>vez<br>mais<br>empree<br>ndedora<br>superan<br>do as<br>barreira<br>s. | Não. É<br>soment<br>e mais<br>um<br>espaço<br>ocupad<br>o pelo<br>público<br>feminin<br>o. |

| S  | P                | I       | E                | A                     | L  | TP     | Q 1     | Q2                 | Q3                                                                                                    | Q4                                          | Q5                                 | Q6                                                                                 | Q7                                                                               | Q8                                                                                           |
|----|------------------|---------|------------------|-----------------------|----|--------|---------|--------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------|------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------|
| 21 | Agente de viagem | 25 anos | 2º grau completo | Canyonig e acqua ride | SP | 5 anos | Agência | Superar os limites | Sim. Há um certo desconforto por parte dos homens acerca das mulheres auto-suficientes, independentes | Sim, por causa da estrutura física feminina | Sim. Sou mais corajosa e decidida. | Sim. Sou mais confiante e minha auto-estima aumentou, e por isso sou mais admirada | Sim. Pois ao demonstrar suas capacidades, seu determinismo, ganha reconhecimento | Sim, a mulher está provando que não existe espaços e ações diferenciadas para ambos os sexos |

| S  | P                 | I       | E                 | A          | L  | TP     | Q 1    | Q2                                 | Q3                                                   | Q4                                                    | Q5                                                                    | Q6                                                                                          | Q7                                                                                                    | Q8                                                                                                 |
|----|-------------------|---------|-------------------|------------|----|--------|--------|------------------------------------|------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 22 | Agente de turismo | 28 anos | Superior completo | Acqua ride | SP | 5 anos | amigos | O prazer do contato com a natureza | Não. Porque não é somente o preparo físico que conta | Não. Estamos sendo admiradas pelas nossas capacidades | Sim, ao demonstrar as nossas capacidades e por isso somos respeitadas | Sim, sou mais admirada e muitas portas, nos aspectos profissionais e pessoais foram abertas | Sim, a mulher vem demonstrando sua capacidades, superando desafios e com isso, sendo mais respeitadas | Sim, as mulheres vem assumindo seu papel nas diversas áreas e com isso, conquistando sua cidadania |

| S  | P                 | I       | E                | A                    | L  | TP     | Q 1    | Q2                                                                            | Q3                                               | Q4                                                                                                      | Q5                                                                                                                     | Q6                                                                      | Q7                                                                                                             | Q8                                                                                                 |
|----|-------------------|---------|------------------|----------------------|----|--------|--------|-------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 23 | Agente de viagens | 33 anos | 2º grau completo | Canyoning e escalada | SP | 2 anos | Amigos | O contato com a natureza e a possibilidade de interação entre ela e o esporte | Não. Porque as capacidades físicas não são tudo. | Não, pois as mulheres estão mostrando que não existe atividade e para homens e atividades para mulheres | Sim, pois cada vez que rompemos uma barreira, mostramos nossas potencialidades e quebramos certos mitos sobre a mulher | Sim. No trabalho sou mais capaz e os laços familiares estão mais fortes | Sim. Além de dar conta da sua dupla jornada de trabalho, ela se mostrou muito vitoriosa e apagou vários mitos. | Sim. Ela procura mostrar que não existe barreira e nem atividades distintas para homens e mulheres |

| S  | P               | I       | E                | A                                                      | L       | TP     | Q 1      | Q2                               | Q3                                              | Q4                         | Q5                                                                                | Q6                                                       | Q7                                                                       | Q8                                                     |
|----|-----------------|---------|------------------|--------------------------------------------------------|---------|--------|----------|----------------------------------|-------------------------------------------------|----------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------|
| 24 | Guia de turismo | 28 anos | 2º grau completo | Canyoning, escalada, trekking, mergulho e espeleologia | SP e RJ | 2 anos | Agências | Gostar da natureza e de esportes | Não, porque tenho um bom condicionamento físico | Não, pois os homens apóiam | Sim, pois mostramos disposição e determinação na superação de diversos obstáculos | Sim, meus laços de amizade estão se tornando mais fortes | Sim, a mulher está se superando cada dia, demonstrando ser uma vitoriosa | Não, pois é somente mais um espaço ocupado pela mulher |

| S  | P         | I       | E       | A        | L  | TP     | Q 1    | Q2                                                       | Q3                                                   | Q4                                          | Q5                                                           | Q6                                                                          | Q7                                                                           | Q8                                                   |
|----|-----------|---------|---------|----------|----|--------|--------|----------------------------------------------------------|------------------------------------------------------|---------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------|
| 25 | estudante | 24 anos | 2º grau | trekking | SP | 2 anos | Amigos | Estar em contato com a natureza e conhecer novos lugares | Não, pois conheço as limitações do meu próprio corpo | Não, sou incentivada pelo público masculino | Sim, uma relação de vontade de desafiar, ir além dos limites | Sim, sinto mais segurança para tomar decisões e procurar desafiar-se sempre | Sim, a mulher sempre está querendo provar ser uma pessoa melhor e competente | Não, é somente mais um espaço ocupado pelas mulheres |

| S  | P         | I       | E                 | A                              | L       | TP     | Q 1      | Q2                                                   | Q3                                            | Q4                                          | Q5                                                                                                   | Q6  | Q7                                                                      | Q8                                                                                                             |
|----|-----------|---------|-------------------|--------------------------------|---------|--------|----------|------------------------------------------------------|-----------------------------------------------|---------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|-------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 26 | Psicóloga | 28 anos | Superior completo | Rafting, arvorismo e canyoning | SP e MS | 2 anos | Agências | Gostar da natureza e de praticar esporte ao ar livre | Não, porque não é só preparo físico que conta | Sim, por causa da estrutura física feminina | Sim, pois estamos ampliando a nossa participação nas diversas esferas sociais e quebrando paradigmas | Não | Sim, pois estamos conquistando diversos espaços e pondo abaixo os mitos | Sim, ela ocupa espaços e demonstra suas capacidades, extinguindo a questão da divisão de funções ou atividades |

| S  | P         | I       | E       | A                                   | L  | TP     | Q 1      | Q2                       | Q3                                            | Q4                                                      | Q5                                                                                          | Q6                                                                   | Q7                                                                                                          | Q8                                                                                             |
|----|-----------|---------|---------|-------------------------------------|----|--------|----------|--------------------------|-----------------------------------------------|---------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 27 | Estudante | 18 anos | 2º grau | Rafting, trilhas, rapel e bóiacross | SP | 2 anos | Agências | Interagir com a natureza | Não, pois há igualdade entre os sexos e apoio | Não. Pois conseguimos realizar muitas outras atividades | Sim, uma relação de garra e de coragem e isso é transportado para a minha vida profissional | Sim, tenho mais coragem para superar as perdas e para tomar atitudes | Sim, a mulher vem tirando dessas atividades, elementares que a torne um ser humano melhor e mais consciente | Sim, ela comprova com sua capacidade, que não existe afazeres distintos para homens e mulheres |

| S  | P               | I       | E       | A       | L  | TP     | Q 1      | Q2                                                           | Q3                       | Q4                                                   | Q5                                                                                     | Q6   | Q7                                                                           | Q8                                                                            |
|----|-----------------|---------|---------|---------|----|--------|----------|--------------------------------------------------------------|--------------------------|------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------|------|------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------|
| 28 | Guia de turismo | 17 anos | 2º grau | Trilhas | SP | 3 anos | Agências | Os aspectos positivos da prática vivenciados na primeira vez | Sim, por ser muito jovem | Sim, por acreditar que estas práticas são masculinas | Sim, sou mais decidida, como também, sinto-me mais preparada para superar as barreiras | Sim. | Sim, além desses elementos, ela busca também, liberdade e realização pessoal | Sim, a mulher pode mostrar aos homens que não existe atividades diferenciadas |

| S  | P               | I       | E        | A                                   | L       | TP     | Q 1     | Q2                      | Q3                                                                      | Q4                                              | Q5                                    | Q6                                                                                       | Q7                                                                                            | Q8                                                               |
|----|-----------------|---------|----------|-------------------------------------|---------|--------|---------|-------------------------|-------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------|---------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------|
| 29 | Guia de turismo | 24 anos | Superior | Trilhas, rapel, rafting e boiacross | SP e MS | 3 anos | Agência | Poder estar na natureza | Sim. Pelas estrutura corporal frágil e problemas com cólicas menstruais | Sim. Pelas mulheres que não praticavam esportes | Sim, uma relação de força e superação | Sim. No meio profissional sou respeitada e na minha família, todos sentem orgulho de mim | Não. Acho que as mulheres estão deixando de lado, o prazer infinito das realizações pessoais. | Não. Acredito ser apenas mais um espaço que a mulher conquistou. |

| S  | P         | I       | E       | A                                 | L  | TP     | Q 1      | Q2                     | Q3                                           | Q4                                                           | Q5                                                                                                                   | Q6                                                                                              | Q7                                                                                                           | Q8                                                                                                       |
|----|-----------|---------|---------|-----------------------------------|----|--------|----------|------------------------|----------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 30 | Estudante | 18 anos | 2º grau | Trilhas, escalada e mountain bike | SP | 5 anos | Agências | A primeira experiência | Não, recebo muito apoio por parte dos homens | Sim. Pois se algo dá errado, a culpa é colocada nas mulheres | Sim. Sou determinada e gosto de me superar, e levo todas as aprendizagens da prática para a minha vida profissional. | Sim, muitas coisas aprendi das nas AFAN hoje coloco em prática, como o respeito as adversidades | Não. Pois a mulher atual, possui busca grandes oportunidades na sociedade e isso reflete na prática de AFAN. | Não. A mulher está em todas as áreas pelo seu mérito e as AFAN, somente mais um espaço ocupado por elas. |